

HILÂNDIA MORAIS MOTA OLINTO / INTENSIDADE COMUNICATIVA E CONFLITO FAMILIAR:
UM ESTUDO DESCRITIVO COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PUBLICA NA CIDADE DE
CAMPINA GRANDE / PB-BRASIL.

HILÂNDIA MORAIS MOTA OLINTO

**INTENSIDADE COMUNICATIVA E CONFLITO FAMILIAR: UM
ESTUDO DESCRITIVO COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA
PUBLICA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE / PB-BRASIL**

Orientador: Óscar Conceição De Sousa

**UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E TECNOLOGIAS
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

LISBOA

2012

HILÂNDIA MORAIS MOTA OLINTO

**INTENSIDADE COMUNICATIVA E CONFLITO FAMILIAR: UM
ESTUDO DESCRITIVO COM ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA
PUBLICA NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE / PB-BRASIL**

Dissertação apresentada para a obtenção
do grau de Mestre no curso de Mestrado
em Ciências da Educação, conferido pela
Universidade Lusófona de Humanidades
e Tecnologias.

Orientador: Prof Doutor Óscar Conceição de Sousa

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2012**

*Olha devagar para cada coisa.
Aceita o desafio de ver o que a multidão não viu.
Em cascalhos disformes e estranhos diamantes sobrevivem
solitários.
(...)*

AGRADECIMENTOS

À Deus.

É difícil agradecer todas as pessoas que de algum modo, nos momentos serenos e ou apreensivos, fizeram ou fazem parte da minha vida, por isso primeiramente agradeço à todos de coração.

Agradeço aos meus pais, esposo, e filhos como também aos amigos: Patrícia, Michelle e Dennicson pelo apoio na digitação, nos cálculos estatísticos e nas trocas de ideias.

Agradeço ao professor Doutor Óscar Conceição, que me acolheu possibilitando a realização dessa pesquisa. Agradeço-o, principalmente, pela atenção e por tudo que pude aprender nessa jornada.

A Todos, o meu, muito obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a uma pessoa muito importante na minha vida: Rhamiro Moraes Olinto (meu filho) que me ensinou que os filhos não precisam de pais gigantes, mas de seres humanos que falem a sua linguagem e sejam capazes de penetrar-lhe o coração.

Também dedico a minha grande vitória: Vitória Maria Moraes Olinto (minha filha) que me mostrou que há um mundo a ser descoberto dentro de cada jovem e que só não consegue descobri-lo quem está encarcerado dentro do seu próprio mundo.

Ao meu marido, Risonaldo, que me mostrou caminhos que levam a Jesus.

RESUMO

Este estudo teve por objetivo avaliar a intensidade comunicativa entre pais e filhos, relacionando-a com o grau de conflito familiar com adolescentes com idades entre 14 e 19 anos, distribuídos igualmente no nível Fundamental e Médio, de uma escola da rede pública na cidade de Campina Grande / PB. Utilizou-se, nesta pesquisa um questionário composto das seguintes medidas: Instrumento de avaliação da comunicação com o Pai e Mãe, proposto por Parra e Oliva (2002). Trata-se de um instrumento auto-aplicável, originalmente com 12 itens, para os quais, os adolescentes indicaram a frequência com que ocorre o diálogo entre eles (pais e filhos). Um outro instrumento também foi aplicado, igualmente desenvolvido por Parra e Oliva (2002) referindo-se à frequência da aparição de discussões negativas entre pais e filhos. Recorreu-se, também, a um conjunto de perguntas sobre as suas características pessoais com a finalidade de caracterizá-los. Neste estudo descritivo os dados foram analisados através do SPSS (versão 15). Conforme a avaliação dos filhos, as mães apresentam melhores indicadores de comunicação e participação que os pais. A mãe é a pessoa mais procurada. Os dados refletem uma estrutura familiar na qual a mãe aparece como a principal responsável pelo cuidado e mediação das relações familiares, enquanto o pai ocupa um lugar periférico. Os adolescentes também informaram que consideram a comunicação familiar como algo muito importante. Esses dados confirmam o que os autores apontam no estudo, ou seja, o diálogo e a negociação – caminhos propostos nesta dissertação para que os pais possam compartilhar responsabilidades na relação com seus filhos, no sentido de educá-los e orientá-los e pacificamente diminuir os conflitos familiares.

Palavras-Chave: Adolescentes, Família, Intensidade Comunicativa, Conflito Familiar, Diálogo.

ABSTRACT

This study had the objective to evaluate the intensity in the communication between parents and children, relating it with the degree of familiar conflicts in a descriptive perspective, with adolescents between 14 and 19 years of age, equally distributed in the elementary and high school levels in a public school in the city of Campina Grande-PB. We used in this research to evaluate the communication with the father and the mother, two inquiries as proposed by Parra and Oliva (2002). The first is an auto-applicable instrument, originally with 12 items, in which the adolescents indicated the frequency that the dialogue between them (parents and children) occurred. The other instrument, referring to the frequency of arguments between parents and children, also developed by Parra and Oliva (2002) was also applied. It was also applied a set of questions about their personal characteristics with the objective of getting to know their profiles. In this study the data were analyzed through SPSS (Version 15). According to the evaluation of the children, the mothers present better indicators of communications and participation than the fathers, the mother being the more solicited person. The data reflect the familiar structure in which the mother appears as the main responsible for the care and mediation of the family relations, whereas the father occupies a peripheral place. The adolescents also informed that they considered the familiar communication as something very important. These data confirmed what the authors pointed out in the study, that is, dialogue and negotiation – proposed paths in this dissertation so that the parents could share responsibilities in the relation with their children, with the objective of educating and guiding them and, therefore, pacifically diminishing the familiar conflicts.

Key-words: Adolescents, Family, Intensity, Communicative, Familiar Conflicts, Dialogue.

SUMÁRIO

PARTE I - INTRODUÇÃO

1. Apresentação	13
-----------------------	----

PARTE II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2. Enquadramento teórico	20
2.1. Contextualizando o tema	20
2.2. Considerações sobre a família	25
2.3. O processo da comunicação e a relação familiar	32
2.3.1. Família e adolescência: os pais frente à adolescência dos filhos.	41
2.3.2. A questão dos limites: (autoridade, autoritarismo, liberdade), na adolescência.....	48
2.3.3. Discutindo a educação moral	56
2.4. Os modos de educar contemporâneo	62
2.4.1. Limite e alteridade: perspectivas e possibilidades	69

PARTE III - PROBLEMÁTICA

3 Problemática	79
3.1 Questão de partida e objetivos.....	79
3.2 Objetivos	81
3.2.1 Objetivo geral	81
3.2.2 Objetivos específicos.....	81

PARTE IV - METODOLOGIA

4 Tipo de estudo	83
4.1 Sujeitos/ fontes	83
4.2 Instrumentos	83
4.3 Procedimentos.....	84

PARTE V - APRESENTAÇÃO DOS DADOS

5 Apresentação dos dados	87
5.1 Resultados.....	87
5.2 Discussões dos resultados	112

PARTE VI - CONCLUSÃO

6 Conclusão.....	126
7 Referências bibliográficas.....	129
8 Anexos.....	I

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 01 - Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai (Todos)	89
Quadro 02 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai (Todos)	89
Quadro 03 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai, hierarquizada (Todos)	90
Quadro 04 - Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai (Rapazes)	91
Quadro 05 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai (Rapazes)	92
Quadro 06 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai, hierarquizada (Rapazes)	93
Quadro 07 - Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai (Moças)	94
Quadro 08 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai (Moças)	94
Quadro 09 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai, hierarquizada (Moças)	96
Quadro 10 - Valores médios da ponderação de frequência com que conversa com o teu pai (Todos, rapazes, moças)	96
Quadro 11 - Distribuição de frequências com que conversa com a tua mãe (Todos)	98
Quadro 12 - Ponderação de frequência com que conversa com a tua mãe (Todos)	99
Quadro 13 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Todos)	100
Quadro 14 - Distribuição de frequências com que conversa com a tua mãe (Rapazes)	101
Quadro 15 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Rapazes)	102
Quadro 16 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Rapazes)	103
Quadro 17 - Distribuição de frequências com que conversa com a tua mãe (Moças)	103
Quadro 18 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Moças)	104

Quadro 19 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Moças)	105
Quadro 20 - Valores médios da ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Todos, rapazes, moças)	106
Quadro 21 - Distribuição de frequências de opções sobre quem é que decide (Todos)	107
Quadro 22 - Distribuição de frequências de opções sobre quem é que decide (Rapazes) ..	108
Quadro 23 - Distribuição de frequências de opções sobre quem é que decide (Moças)	109

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequências e respectivas ponderações (Todos)	90
Gráfico 2 - Escolhas e respectivas ponderações	92
Gráfico 3 - Escolhas e respectivas ponderações	95
Gráfico 4 - Valores médios da ponderação de frequência com que conversa com o teu pai (Rapazes, moças)	97
Gráfico 5 - Frequências e respectivas ponderações	99
Gráfico 6 - Escolhas e respectivas ponderações	102
Gráfico 7 - Escolhas e respectivas ponderações (Moças)	105
Gráfico 8 - Valores médios da ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Rapazes, moças)	106
Gráfico 9.A - Importância da comunicação na família – Todos	110
Gráfico 9.B - Importância da comunicação na família – Rapazes	111
Gráfico 9.C - Importância da comunicação na família – Moças	111

PARTE I

INTRODUÇÃO



1 INTRODUÇÃO

1. APRESENTAÇÃO

A relação jovem-adulto, ainda, é foco de um debate intenso na sociedade contemporânea. Nessa dinâmica, um dos problemas que ainda chama a atenção de estudiosos e leigos diz respeito às formas de comunicação entre pais e filhos; primeiro porque o fenômeno da comunicação vai além de um simples expressar semântico e, segundo, porque não ocorre isoladamente e sim na interação social. O processo comunicativo não somente é capaz de influenciar dimensões psicológicas - humor, afeto etc. – mas também, sociológicas - estrutura função de grupo com a sua dinâmica comunicativa.

Considerando a evolução da história dos seres humanos, é possível observar um salto na escala evolutiva, a partir do momento em que a linguagem aparece organizada na relação da dinâmica grupal. Esse fato rompe com as preocupações materiais e ambientais do Homem, passando a viver 'conscientemente', reproduzindo e interpretando o mundo fora da realidade animal, tornando – se capaz de abstrair, simbolizar, nomear e discutir capacidades, exclusivas do "animal" humano (BURKE & ORNSTEIN, 1998, in HOHLFELDT, 2001). Porém, o processo da comunicação vai mais além da evolução e da busca pela sobrevivência, ela aponta para a manutenção das relações interpessoais, tornando-se um elemento essencial tanto para as mudanças de informação quanto para as resoluções de conflitos entre os seres humanos.

Assim, partindo dessa reflexão, pensar no processo comunicativo, é sem dúvida considerar não só o que são e para que servem as mensagens – verbais ou não verbais – que efetivamos nas relações com os sujeitos, bem como, a sua qualidade e implicação para o bem estar psicológico e social entre as pessoas, especialmente, entre os grupos (GILES & HEYMAN, 2005).

Considerar o processo comunicativo nos seres humanos é na verdade abordar um elemento de extrema importância entre eles: a assimilação e acomodação da linguagem. Estes elementos, por sua vez, não somente são capazes de produzir uma relação de reciprocidade, mas também, de rejeição entre

os indivíduos, cujas causas principais, nas barreiras que compõem o processo da comunicação são: linguagem ultrapassada na cultura ou recente demais, os ruídos naturais ou da poluição sonora, imaturidade na elaboração e interpretação, etc. Assim, a comunicação, além de não polarizada, atenderia a um esquema mais complexo: emissor – a mensagem – o receptor (passivo) (HOHLFELDT, 2001; BERLO, 1999), influenciando-se entre eles.

Por isso, crê-se numa perspectiva mais interacionista do processo comunicativo, principalmente, por se refletir atualmente naquilo que os seres humanos não vivem, e muito menos, que não constroem seus significados no vazio (BERGER & LUCKMANN, 1991; FORMIGA, 2003); afinal, tanto é possível compor uma realidade social como, essa mesma realidade, poderá fornecer significados para essa construção (ELIAS, 1994). Assumiria com isso, que a comunicação seria uma conduta informativa, seja dos desejos ou das insatisfações dos seres humanos. Isso vai para além de uma conduta comunicativa – detentora expressa da linguagem cultural e explícita da relação de proximidade - considera-se, nessa conduta, as distâncias e o rompimento das barreiras da comunicação. Busca-se expressar, com o outro uma relação interpessoal capaz de mudar atitudes (FERNÁNDEZ, 2004).

Considerando esse processo da comunicação, percebe-se que não há grupo mais importante para o ser humano em sua estrutura e função comunicativa do que a família. É nela onde se dá o início da comunicação, informativa e comunicativa, pois nesse grupo o principal elemento é o da interação social. Isto permite refletir sobre a angústia que os membros que compõem essa instituição vêm revelando nos dias atuais; dos pais aos filhos, reclamações muito comuns quanto aos processos da comunicação que tem sido acompanhada, por exemplo: *'meu filho não me entende'*; *'meus pais não me ouvem e não entendem'*; *'eu falo uma coisa ele diz outra; não pára para me escutar'*, etc.

Essas atitudes vêm revelar o grande conflito no processo da comunicação, promovendo um forçar do momento comunicativo, ao invés de deixá-lo espontâneo (BARNES & OLSON, 1985), ocorrendo uma espécie de comunicação acidental. Esse fato chama a atenção porque nesse tipo de comunicação a pessoa não se encontra em interação; condição que preocupa, já que na família, apesar da complexidade, ela é um pequeno grupo em constante 'integração' e que é capaz de

apresentar uma comunicação instrumental ou expressiva para que as pessoas que a formam organizem-se atendendo uma desejabilidade social.

Desta forma, o que é possível acompanhar no cotidiano e em informações veiculadas na mídia brasileira, é a inviabilidade desse processo na família a partir do qual são gerados conflitos emocionais e sociais. Com isso, a presente dissertação tem como objetivo avaliar a intensidade comunicativa com adolescentes e adultos, especificamente, entre pais e filhos em contexto familiar. Assim, não medimos esforços para captar uma resposta satisfatória ao problema de pesquisa que procurei responder: Qual a intensidade comunicativa entre pais e filhos em Campina Grande e quais os assuntos em que existe conflito familiar?

Pois, segundo as queixas de pais e filhos que direcionaram esta pesquisa na rede pública, a falta de diálogo, implica numa grave limitação na comunicação, pois a relação que os pais exercem com os filhos e os filhos com os pais precisa ser clara em razão de que comunicar-se não é enfrentar-se, evitando assim os obstáculos que impedem a comunicação em família; e, como educadora, diante das queixas mencionadas, vejo que a compreensão é, ao mesmo tempo, o meio e o fim da comunicação humana e portanto não pode ser algo desconsiderado pela educação, uma vez que a adolescência é considerada um período no qual ocorre um incremento nos conflitos entre pais e filhos. Verifica-se que neste período as transformações ocorrem, não somente, num nível intrapsíquico, mas também, relacional. Nesse sentido, há um aumento na demanda do adolescente por uma maior independência e participação nas decisões familiares. Tal fato exige uma reorganização nos padrões de funcionamento familiar, que serão oferecidos através da confiança, aceitação e afeto entre pais e filhos, quando associados a uma comunicação clara e direta. Neste contexto comunicativo, os limites se apresentam nítidos e permeáveis, para cada um dos membros e, conseqüentemente, há diminuição de conflitos.

Durante intenso contato com adolescentes, pais e educadores e em meio a seus problemas e questionamentos familiares, surge a necessidade de um aprofundamento acerca das possíveis causas destes conflitos. Com isso, justifica-se então, investigar a intensidade comunicativa que se estabelece na família, e os assuntos que geram conflitos familiares.

Tais conflitos foram bastante explorados pelos estudos realizados por Parra e Oliva (2002) ao declararem que a manutenção dos direitos e deveres são vistos atualmente como um elemento de negociação, ou seja, um processo comunicativo sem barreiras onde pais e filhos mostrem interesses rompendo com o poder de uma autoridade exacerbada que muitas vezes causa danos psicológicos na relação social. É no âmbito do quadro teórico desses dois autores que realizamos a nossa pesquisa.

Com relação à questão acadêmica, acredita-se que esta pesquisa poderá contribuir com informações importantes em diferentes áreas do conhecimento, com vistas a subsidiar àqueles profissionais que se utilizam da comunicação como ferramenta indispensável para a construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Sentimo-nos tranquilos, talvez até descansados. O trabalho foi árduo e por isso temos a audácia de dizer que realmente apresentamos um norte a todos os pais que enfrentam conflitos com filhos adolescentes. Esta pesquisa é fruto de uma mensagem nova de quem acredita que os adolescentes são coisa séria, fruto de quem tem uma missão neste mundo; enfim o trabalho está aí, esperando cumprir o seu papel: existir e conversar com pais de jovens adolescentes que tenham tempo e um pouco de vontade pra se conhecer melhor e ajudar o seu filho adolescente. Mas este trabalho quer resposta. Não existe diálogo quando só um fala. Todos têm que se manifestar, com galhardia, com força, com raça.

A nossa parte como educadora estamos cumprindo. E a sua, caríssima família? Que as páginas desta dissertação despertem o gigante que mora no interior das famílias. E que não haja barreiras, suficientemente fortes para atravancar-lhe os passos largos.

A preocupação com o tema desta pesquisa surgiu a partir de observações e questionamentos feitos ao longo da minha prática docente ao ouvir queixas e angústias que pais e filhos vêm revelando nos dias atuais; dos pais aos filhos, reclamações muito comuns quanto aos processos da comunicação que tem sido acompanhada, por exemplo: “Meu filho não me entende”; “Meus pais não me ouvem e não me entendem”; “eu falo uma coisa ele diz outra; não pára para me escutar, etc.

Com isso percebia que o relacionamento entre pais e filhos estava abalado, e havia muita incompreensão no discurso de ambos; causando-me grande impacto e inúmeros questionamentos, mas também motivações que me intrigavam no sentido de encontrar saídas, caminhos para aquela situação em que se encontravam, e que era, sobretudo, de sofrimento.

Desde que tudo isso começou a ocorrer, foram surgindo questionamentos: O que ocorre com essas famílias? O que está acontecendo no seio familiar? Qual seria o caminho possível para essa problemática? Foi então que surgiu a questão de partida: A intensidade comunicativa entre pais e filhos os assuntos que geram conflito familiar? Surgindo assim o desejo de me aventurar como pesquisadora, no sentido de buscar respostas, caminhos, e um horizonte. E, assim, surgiu o tema deste estudo: Intensidade comunicativa e conflito familiar: Um estudo descritivo com adolescentes na cidade de Campina Grande – PB. Então, através desta pesquisa avaliei a intensidade comunicativa entre pais e filhos, e procurei verificar os assuntos que geram conflito familiar, considerando o processo comunicativo numa visão de assimilação e acomodação da linguagem.

Desta forma, a situação observada na minha prática docente foi ampliada e contextualizada por meio desta pesquisa.

Esta dissertação será apresentada em seis partes.

A primeira parte trata desta apresentação – Uma introdução expositiva do trabalho como um todo, situando o leitor em relação ao tema, introduzindo a pesquisa. Consta deste capítulo também a estrutura da dissertação, a implicação, ao focar o encontro com o tema e a apresentação de termos frequentes no texto.

A segunda parte se refere ao enquadramento teórico em que serão revistos autores, livros, artigos sobre comunicação e conflito familiar. Inicialmente, busca-se contextualizar o estudo seguindo um panorama sobre o processo da comunicação e a relação familiar para conduzir as questões ligadas aos conflitos relacionados à intensidade comunicativa no seio Familiar.

A terceira parte compõe a problemática da pesquisa, onde se discute a intensidade comunicativa e o conflito familiar com adolescentes na cidade de Campina Grande – PB.

A quarta parte trata da metodologia.

A quinta parte trará a apresentação dos dados: os resultados e a discussão dos resultados, apontando o diálogo e a negociação como caminhos possíveis para a redução dos conflitos familiares.

E por fim, a sexta parte com a conclusão da pesquisa onde mostra que quanto maior a intensidade comunicativa menor o conflito familiar.

PARTE II

ENQUADRAMENTO TEÓRICO



2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. CONTEXTUALIZANDO O TEMA

A família tem sido ainda foco de inúmeros estudos sociais e psicológicos, considerado um ponto intermediário entre a sociedade e o indivíduo (FREIXA, 1998). Desta forma, ela é considerada um dos lugares privilegiados na construção social da realidade (SACARENO, 1997). A necessidade da existência nas sociedades, de uma organização responsável pela proteção e cuidado das novas gerações, e a dependência que outras instituições sociais têm das suas contribuições compõem a importância da instituição familiar. Para Osório (1996) a família apresenta algumas funções para o sujeito a que ela pertence, podendo ser: *biológica* - responsável em garantir a sobrevivência dos recém-nascidos; *psicológica* - prover suporte afetivo para sua sobrevivência emocional e amadurecimento cognitivo; e *social* - transmitir as orientações culturais dos agrupamentos étnicos.

Assim, além da mudança dos papéis exercidos pelas mulheres e da possibilidade de decidir o momento e o número de filhos, Freixa (1998) descreve outros fatores que contribuíram para a modificação nas estruturas familiares: o sexo deixa de estar vinculado à procriação; o matrimônio se dissocia da família, ou seja, há uma individualização do matrimônio no qual o casal passa a ter maior importância do que os filhos/filhas; algumas funções típicas da família, tais como a educativa, a de socialização e a de cuidado, passam a ser exercidas por outras instituições sociais, tais como a escola (FORMIGA, 2000); e o divórcio é introduzido como uma opção aceitável.

Com isso, verificam-se mudanças fundamentais nos modelos familiares e nos vínculos de outrora aos de agora (FREIXA, 1998): do matrimônio legal à possibilidade da união consensual; do matrimônio vitalício à possibilidade do divórcio; do sexo como função procriadora ao sexo como prazer; da finalidade de ter filhos/filhas à finalidade de ser feliz; das relações desiguais entre homens e mulheres às relações simétricas; da função econômica exclusiva do homem para uma divisão desta função entre o casal; e de uma estrutura tradicional de família (pai, mãe e filhos/filhas) para diferentes possibilidades, dentre as quais: família uniparental; família pluriparental ou reconstituída (formada pela união de pessoas divorciadas);

família homossexual; famílias nas quais os parceiros decidem não procriar; e famílias formadas por casais que não possuem nenhum vínculo legal.

Essas mudanças vêm ocorrendo principalmente nos países ocidentais, onde o crescimento econômico e as demandas sociais e individuais exigem uma reestruturação nos modelos familiares. Mesmo com todas essas mudanças a família sobreviverá, pois ainda se constitui a melhor forma de proporcionar laços afetivos básicos, subsistência econômica, socialização da criança e reprodução (JABLONSKI, 1998).

No Brasil, essas reestruturações nos modelos de família, indo do tradicional para o liberal, possibilitam concepções bastante diferentes sobre os papéis do homem e da mulher, sobre a sexualidade do casal e sobre as relações dos pais e mães com seus filhos/filhas (MILFONT, FORMIGA, GOUVEIA & ANDRADE, 2000). Tais fatos contribuem para compreensão do papel das práticas parentais na dinâmica interna da família e sua relação com os comportamentos socialmente desejáveis.

Apesar das considerações em termos da rápida mudança acontecida, não somente quanto a concepção de família, mas também na dinâmica interna na base dessa instituição, observa-se uma saliência no que diz respeito à preocupação quanto a valorização da mesma pode oferecer na formação da criança, consecutivamente, do adolescente (SIMIONATO-TOZO, 1998; ARIÈS, 1981). A importância que se tem ao estudar a relação familiar seja na sua dinâmica interna ou psicossocial é destacá-la enquanto espaço de produção da identidade social básica de qualquer adolescente, visando ir além de seu próprio endogrupo, tornando-se capaz de ser cidadão.

Diante desta perspectiva, o processo da socialização torna-se a dimensão mais significativa, tanto na importância dos agentes socializadores, isto é, pais, amigos, professores, etc. - quanto ao que deve ser socializados - valores, crenças, atitudes, etc. Por isso, analisar os processos educativos e comunicativos, parece que não é algo tão simples, pois não somente objetiva avaliar as atitudes dos pais, como a dos filhos frente à internalidade da valoração da família e suas normas sociais (MOLPECERES, LLINARES E MUSITU, 2000), como também, analisar a sua influência na construção da realidade social do adolescente.

Assim, tanto o pai quanto a mãe são destacados como pessoas de maior influência socializadora, isto é, o adolescente aprende e apreende na própria família sua maneira de se comportar socialmente (MOLPECERES, 1994). Porém, é necessário destacar que, apesar da força do grupo e seu poder de formação normativa, a individualidade de cada um na família é também essencial, porque não somente contribui para as mudanças atuais na relação intrafamiliar, mas também, para a manutenção dos direitos e deveres, os quais, por sua vez são vistos atualmente, como negociáveis (Simionato-Tozo, 1998), buscando com isso, um processo comunicativo sem barreiras e compreensível.

Para Pasquali e Araújo (1996), o dilema: individuação e socialização são discutidas a partir da seguinte consideração: o indivíduo (o filho) deve ser ele mesmo, um ser único e independente, mas deve igualmente se ambientar num contexto familiar, social e cultural, onde a ordem das coisas e a norma são os outros. E os pais são obviamente o veículo e o ambiente para o filho onde esta dicotomia deve ser eventualmente superada ou integrada. Estes autores expressam igualmente que o que importa para o filho é o modo como ele interpreta ou percebe os comportamentos dos pais e não os comportamentos objetivos destes em si mesmos. Esta interpretação é claramente sempre um risco que o filho deve finalmente assumir e integrar na sua vida, porque, desta integração, depende sua possibilidade de desenvolvimento para se tornar uma pessoa madura e 'psicologicamente' normal.

Mora-Ríos e cols. (1999) também escrevem sobre esta dicotomia - individualização e socialização - da relação pai-filho. A propósito, indicam que nas últimas duas décadas prevalecem os estudos mais harmônicos desta relação, dando-se maior ênfase à percepção dos adolescentes acerca do meio familiar, ao contrário da visão mais vertical, unidirecional que contemplava estritamente a percepção do pai sobre o seu filho, que predominou, sobretudo nos anos 60 e 70. Com isso, o relacionamento familiar é um fator importante na vida do adolescente, pois tem grande influência sobre a formação do seu comportamento, pois neste momento surge a necessidade de autonomia em relação aos pais, não se perdendo, ainda, os laços familiares (FORMIGA, 2000).

Desta forma, sendo a adolescência uma continuidade, turbulenta, da formação da personalidade iniciada na infância, segundo Ferreira, Rodrigues e Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

Wagner (1988), é de extrema importância a interação pais e filhos para o bem-estar físico e mental desses jovens. Mussen (2000) destaca que padrões educativos favorecedores da confiança, aceitação e afeto entre pais e filhos somente serão possíveis a partir de um clima familiar caracterizado por uma comunicação clara e direta, onde os limites são definidos e permeáveis para cada um dos membros do sistema familiar. Entre tantos métodos educativos, os mais eficazes e benéficos são aqueles fundamentados num relacionamento compreensivo e afetuoso entre pais e filhos.

Com isso, os problemas com os comportamentos adolescentes têm interessado as diversas áreas, sociais e psicológicas, e a família vem manifestando uma preocupação intensiva com as companhias de seus filhos no cotidiano e a influência em suas condutas. Isto visa não somente a estabilidade de regras familiares, preservação da saúde física, psíquica e social dos jovens, bem como, a atenção perceptiva quanto aos fatores de risco que os adolescentes podem sofrer, tanto no reconhecimento destes quanto em relação às pessoas que os cercam (ALSINET, PÉREZ & AGULLÓ, 2006).

Por isso, a família deve ser considerada um local estável, tendo por função oferecer aos adolescentes o desenvolvimento seguro das suas aptidões sociais e individuais, visando relacionar-se com a sociedade a qual pertence. Percebe-se assim, o quanto é importante a família e suas relações, bem como, a aquisição que a mesma tem como o primeiro grupo social do qual a pessoa faz parte e que será responsável por sua formação individual e social visando uma orientação educativa frente às demandas sociais, emocionais e cognitivas (ARIÈS, 1981; RUSSEL, 1977; COSTA, FORMIGA, GOUVEIA & ANDRADE, 2003).

Sendo assim, a dinâmica ocorrida nessa instituição, entre pais e filhos, tem uma grande importância para o processo comunicativo; não somente, assumir-se-ia a função informativa, mas também, formadora e reflexiva para o desenvolvimento de uma conduta socialmente desejável.

As interações sociais, ao nível das relações face a face, estão sujeitas à influência de um conjunto de variáveis de caráter manifesto ou latente, que lhes determinam, ou pelo menos influenciam, a condução dos processos comunicacionais. Os padrões de interação resultantes das relações entre os

indivíduos são consequências, por um lado, da aleatoriedade humana e, por outro, da previsibilidade que a vida em sociedade possibilita.

Comunicar torna-se, assim, uma arte se bem gerir mensagens, enviadas e recebidas, nos processos interacionais. Mas não só. O tempo, o espaço, o meio físico envolvente, o clima relacional, o corpo, os fatores históricos da vida pessoal e social de cada indivíduo em presença, as expectativas e os sistemas de conhecimento que moldam a estrutura, cognitiva de cada ato social condicionam o jogo relacional dos seres humanos.

Mesmo com a força do grupo e poder de formação normativa instigado pela família, a individualidade de seus componentes é também essencial, contribuindo tanto para as mudanças na relação intrafamiliar, quanto interfamiliar levando a manutenção dos direitos e deveres, que por sua vez são vistos atualmente como elemento de negociação (ver PASQUALI & ANDRADE, 1986, PASQUALI & ARAUJO, 1986). Esta condição parece ser possível se partir de um processo comunicativo sem barreiras e compreensível (DIAS, 2001, PARRA & OLIVA, 2002), onde pais e filhos, bem como os transeuntes da interação extrafamiliar mostrem interesses e dificuldades explicitamente, rompendo com o poder de uma autoridade exacerbada que na maioria das vezes não somente causa danos psicológicos na relação social, mas também, não contribuiu para o desenvolvimento social e satisfação desse adolescente em seu futuro nas relações humanas.

Na relação interna da família vislumbra-se sua validade afetiva concreta e instrumental entre os seus componentes. Desde manifestação de carinho e percepção das relações entre os pares no que diz respeito às trocas e comunicações afetivas isto não somente entre o casal base, mas também, entre os que sequenciam diretamente ou não a constituição familiar. Desta forma observou-se que no Brasil poucos instrumentos avaliam a dinâmica interna familiar. Em recente pesquisa para averiguar essa informação, nenhum instrumento foi encontrado em relação a indicadores que visem à mensuração da importância dada a boa relação familiar (Index x psico, 2009. Lazer, jovens, personalidade ou adolescentes, hábitos, diversão e personalidade – [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br)).

2.2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA

A observação imediata de si está longe de ser suficiente para aprender a se conhecer: precisamos de história, pois o passado continua a correr em nós em cem ondas; nós próprios nada somos senão aquilo que sentimos dessa correnteza a cada instante. Até mesmo aqui, se quisermos entrar no rio de nosso ser aparentemente mais próprio e mais pessoal, vale a proposição de Heráclito: não se entra duas vezes no mesmo rio. (NIETZSCHE, 1978, p.138-139)

Nesta dissertação pensa-se a família como reflexo da cultura em que está inserida, que se constrói à medida que a sociedade se constrói, que se modifica à medida que a sociedade se modifica. *“Melhor seria falar de um processo de construção mútua, pois indivíduo e mundo, organismo e meio coexistem necessariamente”*, e, no caso, família e sociedade *“atualizam-se ao mesmo tempo”* (AUGRAS, 1986, p.11).

A família, enquanto um produto do sistema social reflete todas as transformações sócio-culturais da atualidade que são intensas e velozes! *“A família é produto do sistema social e refletirá o estado de cultura desse sistema”*, já dizia Engels (2002, p.98).

A família é um sistema que se intercomunica, onde o comportamento de um indivíduo somente pode ser entendido a partir do contexto de todo sistema grupal e do meio onde está inserido.

O sistema da família nuclear participa de um processo de influência recíproca com outros sistemas humanos (a família extensa, trabalho, escola, subculturas religiosas, raciais, etc.) e pode ser considerado como subsistema de um supra-sistema (comunidade CALIL, 1987, p.21).

A realidade social na qual se encontra a família marca seus membros, suas maneiras de viver em sociedade, seus hábitos, enfim, marca cada indivíduo e o grupo familiar como um todo. Então, não posso estudar a família deslocada de sua realidade social.

Estamos de acordo com Cavalcanti & Franco (2001) quando defendem uma “*posição que coloca o ser humano como construtor e constituído pela sua história e pela história da sua sociedade*”. (p.53)

A família é entendida como um conjunto de relações, um sistema ou grupo formado por pessoas que se relacionam entre si, por parentesco e/ou por se considerarem pertencentes àquele contexto. Tais relações se caracterizam por influência recíproca direta, intensa e duradoura (LAING, 1983).

Para Castells (1999), a família é a parte essencial do mecanismo de socialização, segundo este autor fala da família patriarcal e da família nuclear (composta por pai, mãe, os irmãos e as irmãs).

Na concepção tradicional, a família é constituída de um grupo de pais e filhos, ou, em um sentido mais abrangente, incluindo também parentes próximos. Esse conceito corresponde à noção de família nuclear ou família extensiva, mas a compreensão da família altera-se principalmente na década de 1990 (MACHADO, 2005, p.320).

A família é o palco em que o indivíduo vive e aprende as primeiras cenas de sua vida, na medida em que vai interagindo com seus membros. Na perspectiva sistêmica, cada indivíduo apenas pode ser entendido no seu contexto familiar, tendo como ponto de vista que qualquer transformação dentro da família influencia todo o sistema (WAGNER et al, 1997). “*A família é o primeiro microssistema com o qual a pessoa em desenvolvimento interage*”. (SIQUEIRA e DELL'AGLIO, 2006, p.64) A visão das autoras sobre a família é a de um sistema dinâmico e em interação.

Importante também é pensar em cada membro da família como um ser que percebe o mundo e a cultura individualmente, ocorrendo, assim, as trocas entre seus membros. Como já dito anteriormente, a família é um sistema que se intercomunica., referimo-nos a seres que se constroem a partir de suas vivências nesse mundo e suas percepções individuais. “*Seres pensantes, somos o lugar (...) onde se revela aquilo que é, em nosso pensamento objetivo, em nossa ação e nossa criação, em cada modalidade de nossa experiência*”. (JASPERS, 1968, p.30).

Para haver construção, também é necessária a criação. “*A criação não é um ato realizado uma vez por todas. É um processo contínuo de lutas e reconstruções*”. (AUGRAS, 1986, p.90) Criar também se refere à ação de transformar. E, assim

como a sociedade vem sofrendo transformações, respectivamente sofrem transformações o indivíduo e a família. Existir é transformar-se. Ainda mais que o ser humano é um ser social que está no mundo se relacionando, convivendo com os outros, recebendo influências. “*O indivíduo se constrói na liberdade do seu espaço existencial.*” (AUGRAS, 1986, p.52)

Reconhecemos a complexidade das questões acima. Desafiador se torna tentar entender os processos que se referem à vida em sociedade e à família inserida no contexto social contemporâneo.

A família é o primeiro agente socializante, como constata Britto (2001). Vale sublinhar que a família veio a se tornar lentamente, como expõe Ariès (1978), o lugar privilegiado de exercício das sociabilidades. Segundo Elias (1994), tratou-se de um longo processo que começou na formação do Estado Moderno, e que levou a família a sua reclusão de uma vida privada.

É somente em fins do século XVIII e início do século XIX que a criança passa a assumir um lugar central dentro da família, o que não ocorria antes de então (ARIÈS, 1978) “*O conceito de criança como indivíduo em desenvolvimento e com necessidades específicas surge em torno do século XVIII*” (OUTEIRAL, 2001, p.19). De acordo com Sarmento (2005), “*a infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade*”. (p.365).

Ariès (1978) assinala em seu estudo que, até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É oportuno esclarecer que quando aqui é apresentada a afirmação de que o sentimento de infância na sociedade medieval não existia, não quer dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. O sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças. O sentimento de infância a que Ariès (1978) se refere é essa particularidade infantil que distingue essencialmente a criança do adulto. Então, por esse motivo – na era medieval – assim que a criança não dependia mais totalmente da mãe, não mais solicitava a mãe constantemente, ela ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes, e sim confundia-se com eles.

Antes do século XV, as crianças participavam da vida dos adultos e iam aprendendo os ofícios, não ficavam segregadas. As escolas eram para os clérigos. A Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

partir deste século, essa realidade vai se transformar profunda e lentamente. A aprendizagem vai ser substituída pela escola, o que aproxima a família da criança e mostra a sua segregação. Trata-se de uma evolução até chegar na família sentimental moderna, como descreve Ariès (1978).

No século XVIII, continua o autor, a família começou a manter a sociedade à distância, a confiná-la a um espaço limitado devido a uma nova preocupação de defesa contra o mundo. Então, a casa era organizada nesse sentido de se proteger do mundo - cômodos independentes passam a existir, não havia mais camas por toda parte. Surgiu uma necessidade nova de isolamento. A família moderna separa-se do mundo e fica solitária com seus membros: pais e filhos. E toda a energia é voltada para as crianças, e cada vez mais a reorganização da casa e dos costumes remete a uma família reduzida a seus membros, da qual se excluía os criados, os clientes e os amigos. A família moderna não é mais a família do século XVII, aberta aos amigos, invasores, servidores, clientes, e sim, um grupo de pais e filhos felizes com seu isolamento, vivendo sua intimidade. Antes disso, não havia uma demarcação entre vida pública e privada, era tudo misturado – a família ficava misturada nas ruas e as portas das moradias totalmente abertas.

Para Narvas e Koller (2006), a família foi inventada ao longo dos tempos, ela é uma construção humana:

A família não é algo biológico, algo natural ou dado, mas produto de formas históricas de organização entre os humanos. Premidos pelas necessidades materiais de sobrevivência e de reprodução da espécie, os humanos *inventaram* diferentes formas de relação com a natureza e entre si. As diferentes formas de organização familiar foram, portanto, *inventadas* ao longo da história. (p.51)

Com as sociedades industriais, surge o novo lugar da criança como central dentro da família, que passa a se organizar em função dos filhos. A criança, assim, sai do anonimato de antes, e se torna preciso reduzir o seu número para se cuidar melhor delas e protegê-las (ARIÈS, 1978).

Nos séculos XVI e XVII, a família não possuía ainda a função principal da construção e manutenção da socialização e da vida afetiva dos seus membros, de acordo com Bruschini (1990), e pouco valor era atribuído à privacidade, aos cuidados maternos e às relações íntimas com as crianças. As crianças ficavam misturadas com os adultos, e partilhavam de seus trabalhos, não havia o sentimento de infância, a

preocupação com seus estudos, o que não significa que não houvesse afeição pelas crianças, mas não havia o sentimento de infância que surge com as sociedades industriais. (ARIÈS, 1978) Hoje em dia, conforme afirmam Paggi e Guareschi (2004):

A família continua sendo a forma predominante de vida em grupo na maior parte das sociedades ocidentais. A ela, atualmente, cabe ser o agente de socialização primária, responsável pela determinação das práticas de educação da prole, bem como da forma e dos limites da interação de seus membros com a sociedade (p. 60).

Costa (1979) nos permite olhar para os primórdios de construções a respeito do casamento, da paternidade e da maternidade, e da família. No século XIX, surge uma nova concepção de casamento, com o surgimento do casal voltado para a defesa da propriedade e para a proteção da infância, na perspectiva de que o conceito de família foi construído.

Este autor escreve sobre a família brasileira, e discute o tema desde a época colonial, onde os casamentos se davam por interesses familiares, tendo em vista os benefícios econômicos e sociais do grupo familiar. Os motivos afetivos raramente pesavam na determinação de uma união conjugal, que era imposta pelo responsável ao dependente. Sendo assim, quer mostrar que o amor não era um pressuposto necessário à ligação conjugal. Existiam, no período colonial, os preconceitos raciais, os interesses sociais e econômicos que sufocavam a vertente sentimental do casamento. Inclusive, eram comuns casamentos consanguíneos. O aspecto afetivo não era levado em conta para a união conjugal.

Somente no século XIX ocorre a mudança neste sentido, passando a existir a questão afetiva na escolha do casamento, com a cultura dos médicos higienistas imperando. Os higienistas enalteciam o amor, e assim, buscavam a responsabilidade do casal para com o casamento. Ao Estado interessava a família fecunda e responsável, pois, com a família amorosa, diminuiria a mortalidade infantil, o abandono de crianças, características essas existentes no período colonial. Então, surgiu o casamento construído em função do amor, e com os pais voltados para seus filhos, para a proteção e educação dos mesmos.

Como vemos, a família vem sofrendo transformações na história da humanidade. *“A família é uma instituição social que se modifica de acordo com as*

transformações sociais mais amplas” (DIAS e LOPES, 2003, p.67). E, especificamente, nas sociedades altamente tecnológicas, as famílias recebem enorme influência deste contexto. A família convive com a necessidade de se adaptar ao contexto social em que está inserida. Os pais se deparam com a necessidade de orientar os filhos nesse mundo que se transforma cada vez mais, e num ritmo acelerado, vertiginoso, altamente tecnológico e especializado (MCGOLDRICK e CARTER, 1995).

As mudanças apresentadas por essas autoras afinam-se com a perspectiva de Wagner, et al (2005):

Importantes fenômenos e movimentos sociais, tais como, a entrada das mulheres no mercado de trabalho e sua maior participação no sistema financeiro familiar acabaram por imprimir um novo perfil à família. Em contraponto à estrutura familiar tradicional, com o pai como único provedor e a mãe como única responsável pelas tarefas domésticas e cuidado dos filhos, o que vêm ocorrendo na maioria das famílias brasileiras de nível sócio-econômico médio é um processo de transição. Atualmente, em muitas famílias já se percebe uma relativa divisão de tarefas, na qual pais e mães compartilham aspectos referentes às tarefas educativas e organização do dia-a-dia da família (p.278).

São autores que indicam inúmeras mudanças que vem ocorrendo nas famílias, a partir do século XX mais especificamente, por exemplo, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho, a entrada do homem nos afazeres domésticos, a presença de famílias totalmente chefiadas por mulheres (em que não há presença do homem em casa), famílias em que, mesmo havendo a figura masculina, o sustento é responsabilidade da mulher, as famílias recasadas, etc.

É um quadro de famílias cada vez mais comum. *“As mudanças nas relações entre pais e filhos decorrentes das transformações pelas quais a família vem passando têm levado a um crescente questionamento sobre o papel dos pais na educação de seus filhos”* (COSTA, TEIXEIRA e GOMES, 2000, p.02).

A construção e evolução da família até os dias de hoje começa a focalizar a competência dos pais na educação de seus filhos.

À guisa de conclusão, percebe-se que a noção de família envolve atualmente uma complexidade, na medida em que diferentes formas coexistem na mesma cultura, representando uma composição diferenciada da família nuclear tradicional e patriarcal, tanto pelos seus integrantes e pela redefinição de papéis familiares como pela nova distribuição de poder (MACHADO, 2005, p.322).

Nas últimas três décadas, as famílias vêm se transformando vertiginosamente, tanto em sua configuração, quanto em seu funcionamento. Cada dia mais deparamo-nos com os diferentes tipos de famílias, como as famílias recasadas, ou reconstituídas: pai + esposa / madrasta + filhos; mãe + esposo / padrasto + filhos; as famílias descasadas: mãe + filhos ou pai + filhos, o que se distancia do modelo nuclear/tradicional: mãe + pai + filhos. Mudar de um modelo familiar para outro exige dos membros uma adaptação às transformações da estrutura da família, bem como às mudanças no relacionamento e nos papéis (WAGNER et al, 1999). Segundo Machado (2005), a noção de família é complexa atualmente, na medida em que diversas formas coexistem numa única cultura, e que a família se mostra como diferente da nuclear tradicional, não somente pelos seus membros, mas também pela redefinição de papéis familiares e distribuição de poder.

Como vemos, diversos autores estão em consonância quanto às transformações pelas quais passa a família.

Família, no Ocidente, é um conceito não-estável, que se apresenta de maneiras diferentes em culturas e *ethos* diversos. Apesar disso, o modelo de família nuclear tem sido privilegiado e tem ocupado um lugar preponderante na ideia que construímos, historicamente, sobre o grupo familiar (BRAGA e AMAZONAS, 2005, p.12).

As autoras acrescentam ainda que vários fatores vêm contribuindo, ao longo dos tempos, para o declínio do modelo tradicional familiar, tais como: a ascensão profissional da mulher e o divórcio. Além disso, *"a família do presente e do futuro é, e deve ser, permanentemente reconstruída"* (BRAGA e AMAZONAS, 2005, p.16).

Conforme já dito, segundo Narvas e Koller (2006), as famílias foram inventadas ao longo da história da humanidade. As autoras apontam como exemplo uma das diferentes formas de organização familiar inventada ao longo da história: a centrada na figura masculina, que se caracteriza pela família patriarcal, tema abordado por Castells (1999). Para este autor, a grande mudança que está acontecendo nas famílias se dá por causa do fim do patriarcalismo, que *"caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar"* (p.169). Segundo o autor, o patriarcalismo permanece enraizado nas famílias, e na sociedade, e perdeu seu espaço, principalmente, pela inserção da

mulher no mercado de trabalho - que foi crescendo a partir da década de 1980 - e pela consequente emancipação feminina. Além disso, o autor assinala, como mais um fator, o avanço tecnológico, e todas as transformações causadas a partir dele.

A família é fundamental na formação do indivíduo. Para Ferreira e Souza Filho (2007), a influência da família na formação do indivíduo é indiscutível. Concordamos com Dessen e Brito (1999) no sentido de que a família é importante para a promoção do desenvolvimento do adolescente, enfatizando as relações sociais desenvolvidas dentro do universo familiar, o que influenciará nas relações futuras deste indivíduo que vive no seio de uma determinada família.

Vale acrescentar que a saúde de uma família não se refere ao fato de ela ser recasada ou não, ou seja, a saúde de uma família independe desta ser fruto de um primeiro casamento ou de um recasamento. O que determina a saúde num contexto familiar está na possibilidade que o sistema familiar tem de encontrar alternativas para a solução de seus problemas e conflitos, e em que os membros deste sistema possam expressar tanto raiva, agressividade, como ternura, afeto, enfim, um contexto em que permita e favoreça que seus membros expressem todos esses sentimentos. Que possam discutir, discordar, e também serem carinhosos e afetuosos, ou seja, que haja espaço para que possam se expressar e se relacionar de forma plena, inteira (FERES-CARNEIRO, 1992).

Pudemos, então, olhar para a família e discutir sobre a sua construção ao longo da história, bem como as transformações que ela vem sofrendo. Por ser na família que o indivíduo desenvolve suas primeiras interações, é no seio familiar que primeiramente vive a alteridade. Sendo assim percebemos que a temática da intensidade comunicativa e do conflito familiar tem seu início nas interações familiares. Partamos agora para o processo da comunicação e a relação familiar no capítulo que segue.

2.3. O PROCESSO DA COMUNICAÇÃO E A RELAÇÃO FAMILIAR

A comunicação é mais do que um sopro nas cordas vocais, ela corresponde à dinâmica das relações interpessoais, pois requer mais de um ator para os seus

eventos, considerando assim, para sua análise o acesso à memória (o passado) a partir do potencial comunicativo (presente e futuro) e sua expressão comportamental (GILES & HEYMAN, 2005).

No processo da comunicação parece ser impossível considerar sua existência isolada, pois receptor e fonte comunicativa não ocorre independente um do outro, visto que, se um sujeito fala (linguagem verbal ou simbólica) com um outro, um terceiro toma conhecimento do que foi expresso (comunicado) entre os dois sujeitos e vice-versa (BERLO, 1999).

Esse fato ocorre na interdependência, justamente, porque tanto a presença física quanto subjetiva (apreensão dos sinais da comunicação) é manifestada a partir da ação-reação-ação refletida, a qual poderá produzir nos falantes outros significados comunicativos; a comunicação inicial torna-se com isso, uma influência direta e indireta, produzindo a empatia ou inferência comunicacional. Não somente permite diminuir os espaços físicos e afetivos entre os sujeitos, como também, faz com que se elaborem convicções e justificativas a partir da compreensão dos significados apreendidos no processo da comunicação.

Segundo Myers (1999) ao se falar de comunicação humana, faz-se necessário refletir sobre o processo persuasivo entre as pessoas, considerando elementos como: comunicador, mensagem, a forma de comunicar a mensagem (o canal) e a audiência da mesma. Segundo este autor, os comunicadores (*leia-se de forma generalizada, pois quem fala se comunica*) demonstram confiança e atração, o que fornece ao ouvinte uma expectativa a respeito da comunicação e o que ela poderá passar, geralmente procurando o que a mensagem tem de bom para que se ouça.

Na mesma direção reflexiva, segundo Giles e Heyman (2005), a comunicação tem função de afiliação; isto é, a comunicação é por si, causa e efeito das relações interpessoais e intergrupais, as quais por sua vez constroem a partir dessas relações, padrões apropriados para avaliação e reavaliação do *self*, visando a manutenção da harmonia entre as pessoas e sua interação social.

Mesmo que se considere a conduta comunicativa como sendo capaz de um controle social na interação, polarizando os poderes da palavra numa autoridade institucionalizada, é preciso, apesar disto, observar que em certos contextos ela pode promover implicações significativas na saúde psicológica, física e social. O Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

processo comunicativo ocorre em um emaranhado de redes sociais, que, quando mal aplicado e administrado, poderá provocar fissuras psicossociais de difícil alteração entre as pessoas.

Ao considerar o processo da comunicação, é impossível não relacionar neste contexto, a relação familiar, já que ela é por si uma comunicação humana, na qual é possível perceber toda a dinâmica (função, estrutura e meta) comunicativa. Sendo os membros que compõem a família um sistema aberto e complexo, que não somente influencia, mas também, é influenciado pelos elementos informacionais que os cercam (concretos ou abstratos), é possível que, quando não funcionam bem em seu processo comunicativo, objetive a autonomia de só um elemento dessa rede sócio-comunicativa, tornando com isso, uma família desequilibrada e consecutivamente sem comunicação; isto é, entre a fonte e o receptor apresenta-se um bloqueio de difícil reajuste, ocasionando conflito entre seus membros (DIAS, 2001).

Com isso, segundo Dias (2001) a comunicação autêntica é a que determina o desbloqueio e a facilitação de uma relação, com equilíbrio e ajuste ao meio social. Para esse autor o equilíbrio da relação familiar é dependente das estratégias e das ações comunicacionais dos elementos que a compõem. E para que haja uma relação equilibrada, através da comunicação autêntica, o autor descreve três atitudes comunicacionais básicas no sistema familiar: é necessário que os pais sejam coerentes e coesos no relacionamento com os filhos, isto é, devem ser *autênticos, transparentes*, esta é a primeira atitude; a segunda diz respeito à necessidade de *aceitação positiva e incondicional* dos filhos, os pais devem aceitar as expressões sem pré julgamentos; a terceira e última, se refere à *compreensão empática*, os pais devem perceber o interior do filho, os aspectos emocionais e os significados que são concedidos a eles, eles devem se colocar no lugar do filho, sem perder a sua identidade.

Todas essas propostas de atitudes podem contribuir para o melhoramento na relação familiar, bem como para o desenvolvimento pessoal e social dos elementos que constituem o sistema familiar. Segundo Weil (1998) as atitudes dos pais diante dos filhos dependem do equilíbrio e da felicidade interior de cada um. Um bom clima de afeto é necessário para um relacionamento familiar satisfatório e para favorecer a

adaptação do filho adolescente às passagens da vida rumo ao adulto feliz (MAGAGNIN, 1998).

O processo de comunicação no sistema familiar entende-se que é um processo que dá espaço aos seus membros para dividirem o que têm em comum, diminuindo assim, a dúvida e a duplicidade, além de patentear as diferenças que os caracterizam. A relação que caracteriza e expressa o sistema familiar e os elementos que a constituem estão num processo de comunicação contínuo, já que todo o comportamento tem sempre um "valor de mensagem", ou seja, estamos sempre em processo de comunicação. A relação familiar constitui parte da "natureza da pessoa", e é a partir do que o campo interacional oferece que o ser humano é modelado (DIAS, 2001). "Construindo-se na relação comunicativa, o indivíduo torna-se um ser relacionado e comunicacional (...) o indivíduo torna-se pessoa" (ROGERS apud DIAS, 2001, p. 19).

No momento em que no interior da família os elementos procuram relacionar-se, acontece a comunicação, pois por comunicação entende-se o ato de pôr algo em comum entre no mínimo dois sujeitos, utilizando uma codificação que ambos conhecem para assim, gerar se um campo de entendimento comum aos elementos envolvidos nesse processo (BERLO apud DIAS, 2001, p. 111). "Entende-se assim por comunicação o processo pelo qual marido e mulher, pais e filhos constituem relação uns com os outros. E a forma pelo qual democraticamente os elementos do processo de comunicação podem expressar e simultaneamente comungar a sua subjetividade" (DIAS 2001 p. 112).

Wagner, Predebon, Falcke, Dotta e Garcia (2002) dizem que a abertura e compreensão dos pais é um aspecto facilitador na comunicação com o adolescente, e como dificultador a falta de tempo e incompreensão dos pais. Segundo esses autores os adolescentes consideram a comunicação familiar a melhor maneira de solucionar os problemas e conflitos na relação familiar. Na relação familiar a comunicação dos pais com o adolescente pode ser: *aberta, superficial e fechada*. A comunicação aberta possivelmente acontece nas relações familiares em que as *fronteiras* estão claras e transparentes, e é por meio dela que ocorre um relacionamento profundo, responsável e afetivo. É considerada a comunicação mais positiva, porque todos os membros têm espaço para falar o que sentem e pensam e para perguntar sem que se sintam ameaçados. Na comunicação superficial a

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

comunicação familiar acontece superficialmente, sem aprofundamento, ou seja, ocorrem conversas somente de temas do cotidiano. Já a comunicação fechada se refere à *autoridade, ordens, ameaças e lições de moral* dos pais em relação aos filhos. É nessa que surge a probabilidade de conflitos entre os membros do sistema familiar (ver WAGNER, PREDEBON, FALCKE, DOTTA e GARCIA, 2002).

A importância dada por muitos pesquisadores à comunicação familiar entre pais e filhos adolescentes pode ser esclarecida pelo significado que há entre uma efetiva comunicação e o bem-estar psicológico em famílias neste período evolutivo vital. (BANDEIRA, CERVENY, BERTHOUD, CARMONA apud WAGNER, PREDEBON, FALCKE, DOTTA e GARCIA, 2002). A comunicação proporciona um espaço ao ajustamento que é necessário nas famílias com filhos adolescentes.

Para Dias (2001), o sistema familiar sendo o meio onde os seus membros se comunicam uns com os outros sem entraves, e onde pode encontrar as condições para o seu desenvolvimento e equilíbrio psico-sócio-afetivo, nem sempre isso é o que se percebe. Segundo esse autor "o processo de comunicação é o mecanismo social básico sem o qual não é possível haver relação. E se a comunicação no sistema familiar se basear nas atitudes propostas por Rogers, a congruência, a aceitação positiva e incondicional e a compreensão empática, haverá mais possibilidades de um desenvolvimento pessoal e de relações familiares equilibradas. Havendo relações familiares equilibradas, os processos sociais não deixarão de ser o seu reflexo natural" (DIAS, 2001, p. 123).

Torna-se claro que, ao estabelecer-se a relação no sistema familiar desenvolve-se, acima de tudo, um processo dinâmico de comunicação no seu interior. Mas este processo, que se caracteriza por uma intencionalidade, ou seja, que visa determinada finalidade no sistema familiar assenta e depende das características dos diferentes elementos que o constituem (BERLO, 1979: 49-75): emissor, mensagem, canal, receptor e contexto ou clima em que decorre a comunicação.

Se tomarmos em consideração que as características de cada elemento do processo de comunicação são diversas e complexas, poder-se-á perceber que o equilíbrio da relação familiar em muito depende das estratégias e das práticas comunicacionais nela presentes (DIAS, 1991: 29-30).

Assim, ao nível do emissor e do receptor (marido e mulher ou pais e filhos, por exemplo), podem gerar-se e desenvolver-se bloqueios provenientes: das competências comunicadoras do emissor e do receptor, no que se refere à forma como codificam e decodificam as mensagens, bem como à sua capacidade de raciocinar sobre os conteúdos das mesmas; das próprias atitudes do emissor e do receptor, uma vez que estas influenciam as modalidades e os meios pelos quais se expressam; dos sistemas sociais e culturais, visto que os mesmos influenciam e condicionam a ação do emissor e do receptor, bem como proporcionam significado e sentido ao mundo e à vida.

Ao nível da mensagem, podem gerar-se e desenvolver-se bloqueios provenientes das influências: dos próprios conteúdos veiculados pela mensagem, do tratamento e da codificação que lhe são feitos.

Ao nível do canal, podem emergir as influências da visão, da audição, do tato, do olfato, do gosto, da mímica, da gestualidade, etc.

Sendo o processo de comunicação um ato intencional, este apresenta-se nos como um comportamento teleologicamente orientado. Dado que a intencionalidade da comunicação é indissociável da relação e sendo, por consequência, a relação uma função estruturante do próprio indivíduo, logo, a comunicação torna-se parte integrante da natureza humana, pois, como refere Edgar Morin (1995), o ser humano é um sistema auto-eco-organizado, o mesmo é dizer que se constrói na relação que estabelece com os outros.

Visto que a relação caracteriza e expressa cada sistema familiar, os sujeitos que dele fazem parte encontram-se num processo de comunicação constante, ao qual não podem subtrair-se. Como refere o filósofo Watzlawick (1985: 44), *não se pode não* comunicar, ou seja, qualquer comportamento tem sempre o valor de mensagem, pelo que estamos sempre em processo de comunicação.

Assim, e dada a constância da relação familiar, ora com uns ora com outros, pode dizer-se que os elementos que a integram se situam num plano sistêmico e interativo de comunicação, o que nos conduz à ideia de que o ser humano está permanentemente a fazer trocas com o meio ambiente; neste caso, com a família e a família com a sociedade.

A visão sistêmica da família (HIPÓLITO *et al.*, 1989: 351-358) pode igualmente ser transposta para cada elemento que a constitui. O ser humano é

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

também ele um sistema, sistema comunicacional complexo e aberto ao meio que o rodeia. E, graças à estrutura genética, bem como ao patrimônio hereditário que dele fazem parte, o ser humano é portador de um conjunto de potencialidades que, se atualizadas, lhe possibilitam o relacionamento com os outros.

O desenvolvimento das características individuais e das suas potencialidades, quando facilitado pelo meio social, especialmente pelo sistema familiar permite ao indivíduo fazer trocas adaptativas, as quais lhe facultam o ajustamento às mutações que se geram nesse mesmo meio ambiente social e cultural.

Desta forma, o processo de comunicação no sistema familiar apresenta-se nos neste contexto como um mecanismo de regulação social básico, sem o qual não seria possível haver relação, e sem relação familiar seria insustentável o processo de socialização. A haver rotura neste processo difícil seria também a adaptação social do indivíduo, logo, tornar-se-ia iminente o fracasso da sua integração na sociedade.

A família desempenha, assim, o papel de estabilizador através do processo de socialização, o qual procura produzir nos indivíduos conformidade nas maneiras de pensar, de sentir e de agir, por forma a que estes se adaptem ao sistema familiar e nele se integrem, permitindo-lhes, por consequência, manterem-se e prosseguir tanto os seus próprios fins como os do sistema a que pertencem.

Como estes fins só são possíveis de atingir mediante processos de comunicação, a relação familiar acaba por constituir parte da natureza da pessoa, pois o ser humano modela-se naquilo que o campo interacional lhe proporciona. Construindo-se na relação comunicativa, o indivíduo torna-se um ser relacionado e comunicacional ou, parafraseando Rogers (1985), *o indivíduo torna-se pessoa*.

Dado, no entanto, que ao nascer o indivíduo é progressivamente integrado nos padrões de funcionamento familiar já existentes, os modos de pensar, de sentir e de agir não deixam de ser constrangidos pela relação aí desenvolvida.

Como a família é a primeira instituição a facultar ao ser humano a sua auto-organização no seio da relação que a expressa, o modo como nela se desenvolvem os processos de comunicação determinará o maior ou o menor

sucesso do seu desenvolvimento pessoal e social e, por consequência, da sua integração na sociedade (DIAS, 1991: 30-32).

Sendo o sistema familiar o meio por excelência onde os seus membros podem comunicar uns com os outros sem entraves, e onde é possível encontrar as condições para o seu desenvolvimento e equilíbrio psico-sócio-afetivo, nem sempre isso se verifica.

Carl Rogers, psicólogo americano da corrente humanista, apresenta-nos a sua concepção das relações humanas, baseada na atitude de *autenticidade* entre as pessoas e num modelo de comunicação *facilitador* e de *compreensão empática*. A sua proposta é expressa em diversas obras que publicou no decurso da sua vida, sendo *Tornar-se Pessoa* (ROGERS, 1985) aquela que, de uma forma simples e enfática, contribuiu para uma perspectiva original do ser humano e da família.

Rogers parte de três premissas fundamentais para a compreensão do seu modelo de comunicação.

A primeira é a de que o núcleo da personalidade do ser humano é de *natureza fundamentalmente positiva*, sendo a base do homem positiva, racional e realista.

A segunda refere-se à *capacidade de autodireção* ou de crescimento de todo o indivíduo. Esta tendência inata de o indivíduo desenvolver as suas capacidades assenta em duas ideias fundamentais: por um lado, a *tendência atualizante* do organismo em busca dos fins que lhe são próprios; por outro, a pessoa é vista como um *sistema aberto*, auto-regulável, que avalia a sua experiência e resultados em função das finalidades procuradas, corrigindo posteriormente a sua experiência.

A terceira diz respeito à possível *alienação do desenvolvimento*. Quando assim acontece, o desenvolvimento da pessoa é bloqueado face às finalidades que lhe são propostas no processo de socialização. Como o ego é produto das experiências que ela própria viveu e da interiorização da valorização que os outros fazem de si, a pessoa tende a deixar-se conduzir pelas apreciações dos outros, especialmente dos familiares. É que, no sistema familiar, acontece frequentemente o adolescente valorizar mais as apreciações que os outros fazem de si do que a sua experiência pessoal. Como o adolescente depende das condições que a

família lhe proporciona para atingir os seus fins, a sua percepção acaba por ser moldada e dirigida por vontades que lhe são alheias.

Para contrariar os bloqueios ao processo de comunicação e, por consequência, a relação desequilibrada, Rogers propõe que para a comunicação ser autêntica a mesma deve efetuar-se entre pessoas. Ora, o conceito de *pessoa* em Rogers exclui a clivagem do ser humano em orgânico, psíquico, social ou cultural; é uma visão sistêmica e holista. O ser humano é um todo sistêmico, mas que integra subsistemas diferenciados; é independente, mas simultaneamente relacional, pelo que, para o autor, é necessário reduzir ao máximo os bloqueios à experiência subjetiva, visto que é através dela que o ser humano encontra um campo de partilha com os outros, constituindo desta forma um meio ambiente de intersubjetividade, no qual se constrói e se desenvolve.

Assim, e sem que os pais se demitam da sua responsabilidade de educadores e orientadores, para que no sistema familiar haja uma relação equilibrada, através da comunicação autêntica, Rogers propõe três atitudes comunicacionais básicas.

A primeira diz respeito à necessidade de os pais serem *coerentes* e *congruentes* nas relações com os filhos, ou seja: serem eles mesmos, *autênticos*, transparentes, procurando estar abertos, sem defesas no que concerne aos seus próprios sentimentos.

A segunda refere-se à imperiosidade de *aceitação positiva e incondicional* dos filhos, o que significa aceitar as suas manifestações sem julgamentos prévios.

A terceira reporta-se à *compreensão empática*, do ponto de vista interno dos filhos, ou seja, perceber o seu quadro de referência interno com a exatidão possível, o que inclui também os aspectos emocionais e as significações a eles atribuídos, como se os pais fossem os filhos, sem, no entanto, deixarem de ser eles próprios.

Na presente perspectiva, a adoção destas atitudes pelo sistema familiar poderá contribuir para um maior desenvolvimento pessoal e social dos seus elementos, para relações mais equilibradas e para uma sociedade menos punitiva e mais solidária. É que, como refere o sociólogo Raymond Boudon (1990: 37), *todo o processo social é, em última instância, resultado de comportamentos inspirados nas noções ou valores interiorizados pelos indivíduos no decorrer da sua socialização*.

A comunicação, ao contrário da unilateralidade da informação, produz mudança nos seus intervenientes, o que nos leva a afirmar que relações familiares assentes em processos de comunicação autêntica permitem a todos a oportunidade de nelas participar de forma eficaz e equilibrada.

Mas este processo pode sofrer diversos bloqueios, uma vez que os elementos em interação são vários. E como o ser humano é um sistema aberto e por isso vive permanentemente exposto às influências do meio que o rodeia, está sujeito a orientar-se em função dos julgamentos e das apreciações dos outros, em especial da família e dos pais.

Encarando a família como um sistema, ela permite aos elementos que a constituem, através do processo de socialização, interiorizar os valores e as normas sociais para a sua formação e desenvolvimento, mas também estabelecer uma ligação entre eles e a sociedade, contribuindo, desta forma, para o equilíbrio social.

O processo de comunicação é o mecanismo social básico sem o qual não é possível haver relação. Se a comunicação no sistema familiar se basear nas atitudes propostas por Rogers, a congruência, a aceitação positiva e incondicional e a compreensão empática, mais possibilidades haverá de um desenvolvimento pessoal e de relações familiares equilibradas.

Havendo relações familiares equilibradas, os processos sociais não deixarão de ser o seu reflexo natural e consequentemente reduzirão os conflitos familiares entre pais e adolescentes.

2.3.1. FAMÍLIA E ADOLESCÊNCIA: OS PAIS FRENTE À ADOLESCÊNCIA DOS FILHOS.

A adolescência é uma fase de emoções intensas, na qual o sujeito está em busca da consolidação da sua própria identidade como uma das primeiras manifestações deste processo, ocorre o afastamento da família de origem e um maior envolvimento com o grupo de iguais. Esse afastamento das figuras parentais, em muitos momentos, pode tornar a forma de rebeldia, mesmo quando não existam motivos aparentes para isso. Roger Moreira, compositor e vocalista do conjunto de rock paulista Ultraje a Rigor, descreve esse fenómeno como a reclamação de um Rebelde Sem Causa:

Meus dois pais me compreendem totalmente (como é que CÊ se sente, desabafa aqui com a gente).

Meus dois pais me dão apoio moral (não dá pra ser legal, só pode ficar mal).

(...) Não vai dar assim não vai dar, como é que eu vou crescer sem ter com quem me revoltar. Não vai dar, assim não vai dar, pra eu amadurecer sem ter com quem me rebelar.

Estes versos trazem a ilustração de um panorama de como se estabelecem as relações em uma família com filhos nessa faixa etária pode-se observar que as características próprias da fase adolescente que são, muitas vezes, expressas através de comportamentos e desejos ambivalentes, definem o tom de como os jovens vivenciam e relatam as suas experiências familiares. Neste contexto, a comunicação entre os membros da família se torna peça fundamental para potencializar e auxiliar o estabelecimento de relações mais satisfatórias e saudáveis. Tendo-se em vista a importância da comunicação familiar nessa fase, cabe avaliar a intensidade comunicativa entre pais e filhos, correlacionando-a com o grau de conflito familiar eis a principal questão que permeia esta pesquisa.

A literatura está repleta de registros indicando que a comunicação em uma família com filhos adolescentes se caracteriza por um acréscimo nos confrontos entre pais e filhos. Este fenômeno ocorre porque passa a haver um maior questionamento do filho adolescente com relação às regras, valores e crenças familiares (BLOS, 1996; OSÓRIO, 1992.). Muitas vezes os pais se surpreendem com as atitudes dos filhos, que ficam mais instáveis, irritados e questionadores – atitudes essas que para os próprios adolescentes podem representar uma forma de diferenciação das figuras parentais e busca de sua própria identidade. Nesse processo, é comum os jovens manifestarem ataques de raiva, isolarem-se em quartos fechados, buscarem apoio nos avós ou comecem a apresentar comportamento sexuais desafiadores ou de risco (CAMONA, 2000 ; CARTER & MC GOLDRICK, 1995).

Em vista das novas demandas que ocorrem no relacionamento familiar na fase adolescente, faz-se necessário que haja um aumento da flexibilidade das

fronteiras e equilíbrio na autoridade dos pais, no intento de manter a harmonia familiar. Famílias com fronteiras mais flexíveis, permitem que o adolescente possa transitar e experimentar-se livremente em diferentes territórios, aproximando-se quando sentir-se inseguro e afastando-se para experimentar a sua independência (CERVENY & BERTHAUD, 1997; RICHTER, 1990). Nesse cenário, exigem-se esforços de todos os membros na busca de novos padrões de convivência familiar, adaptados a este momento específico do ciclo vital na família.

Considerando-se os aspectos acima mencionados a respeito da importância da família para o desenvolvimento, bem como a questão do ciclo de vida familiar, pode-se dizer que um evento previsível que apresenta grande impacto na vida familiar é a adolescência, considerada como uma crise importante no contexto familiar (KALINA, 1999; TALLÓN & cols., 1999). Encarada como uma fase do ciclo de vida familiar, a adolescência apresenta tarefas particulares, que envolvem todos os membros da família. Pode-se dizer, então que este período se constitui como uma fase de transição do indivíduo, da infância para a idade adulta, evoluindo de um estado de intensa dependência para uma condição de autonomia pessoal (SILVA & MATTOS, 2004) e de uma condição de necessidade de controle externo para o autocontrole (BIASOLI-ALVES, 2001), sendo marcado por mudanças evolutivas rápidas e intensas nos sistemas biológicos, psicológicos e sociais (MARTURANO, ELIAS & CAMPOS, 2004).

Portanto, nesse período evolutivo, crucial para o desenvolvimento do indivíduo, culmina todo o seu processo maturativo biopsicossocial, ocorrendo a aquisição da imagem corporal definitiva, bem como a estruturação final da personalidade (DRUMMOND & DRUMMOND FILHO, 1998; OSÓRIO, 1996).

Estudos evidenciam que a adolescência corresponde a um fenômeno biopsicossocial (KALINA, 1999) cujo elemento psicológico do processo é constantemente determinado, modificado e influenciado pela sociedade (Kalina, 1999). Ela corresponde a um período de descobertas dos próprios limites, de questionamentos dos valores e das normas familiares e de intensa adesão aos valores e normas do grupo de amigos. Nessa medida, é um tempo de rupturas e aprendizados, uma etapa caracterizada pela necessidade de integração social, pela busca da auto-afirmação e da independência individual e pela definição da identidade sexual (SILVA & MATTOS, 2004).

Os adultos têm um papel central neste processo, pois oferecem a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como atuam como modelos introjetados, geralmente como ideais, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem (BIASOLI-ALVES, 2001).

Apesar de a adolescência ser considerada por muitos como um fenômeno universal, ou seja, que acontece em todos os povos e em todos os lugares, o início e a duração deste período evolutivo varia de acordo com a sociedade, a cultura e as épocas, ou seja, esta fase evolutiva apresenta características específicas dependendo do ambiente sócio-cultural e econômico no qual o indivíduo está inserido (OSÓRIO, 1996). Entretanto, o conceito de adolescência, tal como conhecemos hoje, é uma construção recente do ponto de vista sócio-histórico.

Admite-se, em geral, que essa fase do desenvolvimento humano tem início a partir das mudanças físicas que ocorrem com os indivíduos a partir da puberdade. Neste sentido, torna-se importante pontuar que puberdade e adolescência, apesar de estarem diretamente relacionadas, correspondem a dois fenômenos específicos, ou seja, enquanto a puberdade envolve transformações biológicas inevitáveis, a adolescência refere-se aos componentes psicológicos e sociais que estão diretamente relacionados aos processos de mudança física gerados neste período (Osório, 1996). Ou seja, a adolescência começa na biologia e termina na cultura no momento em que menino e menina atingiram razoável grau de independência psicológica em relação aos pais. Assim, em algumas sociedades consideradas mais simples, essa etapa do ciclo evolutivo pode ser breve, enquanto que em sociedades evidenciadas como tecnologicamente mais desenvolvidas, a adolescência tende a se prolongar (TRAVERSO-YÉPEZ & PINHEIRO, 2002).

Nessa etapa do desenvolvimento, o indivíduo passa por momentos de desequilíbrios e instabilidades extremas, sentindo-se muitas vezes inseguro, confuso, angustiado, injustiçado, incompreendido por pais e professores, o que pode acarretar problemas para os relacionamentos do adolescente com as pessoas mais próximas do seu convívio social. Entretanto, essa crise desencadeada pela vivência da adolescência é de fundamental importância para o desenvolvimento psicológico dos indivíduos (DRUMMOND & DRUMMOND FILHO, 1998), o que faz dela uma crise normativa.

Contudo, a vivência da adolescência não é um processo uniforme para todos os indivíduos, mesmo compartilhando de uma mesma cultura. Ela costuma ser, geralmente, um período de conflitos e turbulências para muitos, no entanto há pessoas que passam por esta fase sem manifestarem maiores problemas e dificuldades de ajustamento. Dados epidemiológicos evidenciam que cerca de 20% dos adolescentes apresentam problemas de saúde mental e necessitam de ajuda, enquanto que os demais atravessam essa etapa do desenvolvimento sem maiores problemas (MARTURANO & cols., 2004), ou seja, passam pela adolescência "absolutamente imunes a qualquer tipo de crise. Simplesmente vivem, adquirem ou não determinados valores, ideias e comportamentos e chegam incólumes à idade adulta" (BECKER, 1994, p. 12).

Além disso, é necessário ressaltar ainda que o processo de adolescência não afeta apenas os indivíduos que estão passando por este período, mas também as pessoas que convivem diretamente com os mesmos, principalmente a família. Isso porque a adolescência dos filhos tem influência direta no funcionamento familiar, constituindo-se, portanto, como um processo difícil e doloroso tanto para os adolescentes quanto para seus pais, uma vez que, como já foi discutido anteriormente, a família não é constituída pela simples soma de seus membros, mas um sistema formado pelo conjunto de relações interdependentes no qual a modificação de um elemento induz a do restante, transformando todo o sistema, que passa de um estado para outro.

Assim, a adolescência favorece as condições necessárias para a emergência de uma série de problemas e conflitos dentro do contexto familiar, sendo que muitos estudos enfatizam que há um aumento das brigas e disputas entre pais e filhos durante os anos da adolescência (WAGNER, FALCKE, SILVEIRA & MOSMANN, 2002), uma vez que a necessidade de negociação constante, inerente a esta etapa, aumenta o potencial de conflitos entre as gerações (MARTURANO & cols., 2004). A literatura ressalta ainda que o aumento desses conflitos geralmente está acompanhado de uma diminuição na proximidade do convívio, principalmente em relação ao tempo que adolescentes e pais passam juntos (STEINBERG & MORRIS, 2001). Contudo, um conflito bem negociado pode levar a um crescimento para os filhos e para os pais (MARTURANO & cols., 2004).

Por esse motivo o diálogo nessa etapa do desenvolvimento assume um papel ainda mais importante, apesar de muitas vezes os adolescentes tentarem fechar-se em seu "mundo" próprio. Devido à essa tendência à reclusão e a busca de refúgio na fantasia e no devaneio, o diálogo com os membros da família, nessa etapa da vida, é essencial, pois é justamente nesse período que eles mais necessitam da orientação e da compreensão dos pais, sendo que todo o legado que a família transmitiu aos mesmos desde a infância continua sendo relevante (DRUMMOND & DRUMMOND FILHO, 1998). A falta de diálogo no ambiente familiar pode, portanto, acarretar ou, em certos casos, acentuar algumas dificuldades, principalmente em termos de relacionamento, podendo afetar até mesmo o bem-estar e a saúde psíquica dos adolescentes.

Nesse contexto, Drummond & Drummond Filho (1998) salientam que, além do recurso do diálogo, quando a família busca desde cedo estabelecer relações de respeito, confiança, afeto e civilidade entre seus membros, tende a lidar com essa fase do desenvolvimento de uma maneira mais adequada e com menos dificuldades do que uma outra família na qual tais valores não foram praticados.

Quando um grupo familiar possui um filho adolescente, o grupo como um todo parece adolecer. Os pais vivenciam sentimentos variados em decorrência da adolescência de seus filhos e as respostas que são capazes de dar aos adolescentes estão condicionadas à forma pela qual os mesmos resolveram o seu processo adolescente, "ao nível de integração que têm como casal e à sua capacidade de adaptação às redefinições que esta situação implica" (KALINA, 1999, p. 21).

Assim, pode-se dizer que, frente à adolescência dos filhos, os pais apresentam uma angústia intensa, tanto em função de suas próprias inseguranças quanto por evocações conscientes ou inconscientes de suas fantasias e/ou atitudes vivenciadas durante o seu próprio processo adolescente (LEVISKY, 1998).

Além das questões apontadas acima, é importante pontuar ainda que, nos últimos vinte anos a sociedade em geral, bem como a instituição familiar em particular, têm passado por inúmeras transformações, que acabam produzindo modificações relevantes no que diz respeito às vivências, à percepção e à construção que os adolescentes, por exemplo, produzem de seus aspectos sócio-afetivos, bem como de seus projetos de vida.

Dessa forma, atualmente, além das preocupações gerais dos pais com a questão de como lidar com a adolescência dos filhos, existem dois grandes problemas que vêm afligindo os adultos que possuem filhos adolescentes. São eles: a iniciação sexual precoce e a ameaça da drogadição, os quais trazem consigo também a preocupação crescente com a possibilidade de contaminação pelo vírus HIV, uma vez que tem crescido assustadoramente o número de adolescentes contaminados por este agente infeccioso. Estes dois aspectos se destacam na pauta de preocupações parentais, uma vez que as influências do contexto no qual os adolescentes se desenvolvem, tanto no que diz respeito à família quanto no que concerne ao ambiente macrossocial, associadas às características de imaturidade emocional, impulsividade e comportamento desafiador que frequentemente estão presentes na fase da adolescência, resultam no engajamento em comportamentos considerados de risco, como por exemplo a iniciação sexual precoce, a ausência de proteção durante o ato sexual, uso de substâncias psicoativas e baixos níveis de atividade física (REBOLLEDO, MEDINA & PILLON, 2004).

Segundo Drummond & Drummond Filho (1998), as inadequações de comportamento e até mesmo a exposição a riscos desnecessários podem surgir em função da própria curiosidade, extremamente presente nessa etapa evolutiva, e de outros fatores cognitivos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais que podem exercer um papel importante na determinação de comportamentos de risco nesse período do desenvolvimento. No caso específico do consumo de substâncias psicoativas, regulamentadas ou ilícitas, apesar de sempre ter existido, só se tornou um fator preocupante para os pais na atualidade, pois o consumo de drogas aumentou significativamente entre os adolescentes nos últimos anos (PRATTA, 2003).

Os estudos apresentados na presente pesquisa sugerem a necessidade de novas investigações, que busquem compreender melhor o papel das relações familiares no processo adolescente avaliando principalmente a intensidade comunicativa entre pais e filhos, correlacionando-a com o grau de conflito familiar já que a família ainda mantém seu papel específico no contexto social em que se insere; por isso devemos investir em programas de orientação para pais com a finalidade de instrumentalizá-lo para poderem lidar de forma mais adequada e satisfatória com seus filhos adolescentes reduzindo assim suas angústias frente à adolescência de seus

filhos; também coloca-se em evidência para a diminuição desses conflitos a questão dos limites que tratamos no capítulo a seguir.

2.3.2. A QUESTÃO DOS LIMITES: (AUTORIDADE, AUTORITARISMO, LIBERDADE), NA ADOLESCÊNCIA.

Lembremos, porém, um fato importante e nunca suficientemente enfatizado: os adolescentes são reflexo da sociedade em que vivem, e não uma tribo de alienígenas misteriosamente desembarcada em nosso mundo, com costumes bárbaros adquiridos não se sabe de onde. Se é verdade que eles carecem do que chamamos de limites, é porque a sociedade como um todo deve estar privada deles. (YVES de LA TAILLE, 2003, p.11).

Por que os limites se tornaram uma problemática atual? Por que observamos pais desorientados em relação à educação de seus filhos? Por que é crescente o número de queixas em relação a adolescentes intolerantes, intransigentes, que não são capazes de obedecer a regras?

Vivemos hoje num mundo sem fronteiras, onde basta um clique no mouse para entrarmos em lugares jamais imaginados ou sabermos notícias do outro lado do globo. E isso tudo em questão de instantes. A ciência também parece não ter limites: as novidades em biotecnologia, que vão da modificação genética de plantas, até a possibilidade de construir clones de animais, são surpreendentes. O ser humano busca a superação de seus limites a cada dia. Nesse contexto, como não reconhecer que a questão dos limites é a questão central da nossa era? (PAGGI E GUARESCHI, 2004:18).

Algumas modificações sociais contemporâneas, como os excessos da tecnologia, o crescimento do individualismo, o aumento da violência, entre outras, são citadas por Lebrun (2004).

Ninguém contestará que nosso social está, atualmente, profundamente modificado: ademais, sua evolução se dá de modo tão rápido que com frequência nos sentimos impotentes quanto a identificar as articulações de onde procedem todas as mudanças a que assistimos (LEBRUN, 2004, p.13).

"Nosso mundo está rapidamente privatizado e individualizado, e se globaliza velozmente" (BAUMAN, 2003, p.20). Já Dufour (2001) assinala fenômenos

fundamentalmente ligados à transformação da condição do sujeito que acontece nas nossas "democracias de mercado", afirmando que o sujeito contemporâneo é alvo fácil para o mercado tão poderoso, e presa fácil de tudo o que parecer poder preencher suas necessidades imediatas.

Idealmente, o Mercado é o que deve fornecer, a qualquer um, em todos os lugares e a todo instante, todos os produtos que são supostos corresponder aos desejos, estranhamente compreendidos como desejos instantâneos e possíveis de satisfazer sem demora (DUFOR, 2001, p.183).

Os processos de destituição subjetiva, aos quais Dufour (2001) se refere, indicam um sujeito com dificuldade em ser ele próprio, solitário e carente do outro. Além disso, observamos indivíduos marcados por um contexto de tantas facilidades tecnológicas – “tecnologias muito poderosas e com frequência incontroladas” (DUFOR, 2005, p.25) -, convivendo com as muitas possibilidades de uma ciência cada vez mais assustadoramente.

Vivemos na era em que a sociedade “envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores” (BAUMAN, 2003, p.90). Sobre a vida organizada sob o aspecto do consumo, o autor afirma que:

Ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis - não mais por regulação normativa. Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal - e o céu é o limite (p.90).

Convém chamar a atenção para os novos valores dos adolescentes contemporâneos: geração *fast*, cultura do descartável, estética, de acordo com Outeiral (2001), que faz uma reflexão sobre os adolescentes de hoje e seus modos de viver. Acrescentando à discussão, cabe assinalar a visão antropológica da cultura como uma lente da qual o indivíduo vê o mundo.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2006, p.68).

São notáveis as vantagens das facilidades contemporâneas, da evolução da ciência e da tecnologia. Como reconhece Lebrun (2004), "não há necessidade de nos queixarmos da ciência, já que ela nos proporciona consideráveis vantagens" (p.213). No entanto, esta pesquisa mostra também as relações dos indivíduos num mundo em que tudo se torna possível. Mundo que proporciona um contexto para que possam aparecer indivíduos sem limites.

Desse modo, como pais e filhos convivem com o paradoxo de colocar limites – o que é necessário – num mundo em que tudo é possível, um mundo que se expande em possibilidades, onde a intensidade comunicativa diminui a cada momento e o conflito familiar aumenta assustadamente:

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar de todos. Os comensais são consumidores, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha (BAUMAN, 2003, p.75).

Então, vivemos num mundo de excesso, de possibilidades e novidades que se expandem cada dia mais. Bauman (2003) relata que as oportunidades do mundo em que vivemos são "cada uma mais apetitosas e atraentes que a anterior" (p.74).

Para vivermos em sociedade são necessárias restrições, limites, fronteiras, normas – importantes para a vida em sociedade, para o bem-estar social e o desenvolvimento da humanidade. Há nas sociedades limites normativos, que todo cidadão deve seguir, que nos remetem à dimensão do proibido. A física permite ouvirmos música alta de madrugada, mas a lei não permite, há uma norma social que todos os cidadãos devem seguir (TAILLE, 2003) "Os limites físicos colocam" a dimensão do impossível, e os normativos colocam a dimensão do proibido (p.52).

A colocação de limites faz parte da educação de um adolescente, do processo civilizador, uma vez que ele convive com outras pessoas, dentro de uma sociedade. Limite no sentido restrito do termo é fundamental ser mostrado na vida de um adolescente. É notável a existência de adolescentes carentes de limites na contemporaneidade. Facilmente assistimos a falta de respeito com o outro, uma falta

de limite no convívio com os demais, e desrespeito a todo tipo de regras, incluindo as simples – como uma fila, por exemplo (TAILLE, 2003).

No discurso social atual, cada vez mais escutamos que os adolescentes estão sem limites, estão exigentes, não toleram esperar, chegando a apresentar dificuldades de convivência social (PAGGI e GUARESCHI, 2004).

Um modo de ver o limite se refere à noção de fronteira, "de linha que separa territórios. Se existe um limite, é porque há pelo menos dois continentes, concretos ou abstratos, separados por essa, fronteira" (TAILLE, 2003, p.12). O autor acrescenta:

Limite significa também aquilo que pode ou deve ser transposto. Toda fronteira, todo limite, separa dois lados. O problema reside em saber se o limite é um convite a passar para outro lado ou, pelo contrário, uma ordem para permanecer de um lado só. Ora, na vida ou na moralidade, as duas possibilidades existem: o dever de transpor e o dever de não transpor (p.12).

O que a presente pesquisa evidencia é esse limite restritivo, essa metáfora da fronteira que não deve ser transposta, a metáfora da demarcação de um domínio que não deve ser invadido. "Os limites restritivos que levantam sérias questões políticas, éticas, existenciais, são os normativos, aqueles que a sociedade resolve criar e impor" (TAILLE, 2003, p.52). O autor discute que a colocação de limites no sentido restrito do termo é peça central do processo civilizador, fazendo parte da educação de um indivíduo.

Destaca-se aqui a constatação de Taille (2003) de que, se os adolescentes contemporâneos carecem de limites, a sociedade em que vivem também deve carecer, uma vez que afirma que os adolescentes são o reflexo da sociedade em que estão imersos. Sendo assim, é necessário analisar o contexto social e histórico em que vivemos. Paggi e Guareschi (2004) refletem se a questão dos limites estaria simplesmente ligada ao modo de educar dos pais, e analisam o contexto social e histórico atual. Assim, os autores assinalam que o problema dos limites é uma questão da nossa era e sua ausência acarreta conflitos na família.

Quando se estuda a família, é fundamental que se leve em conta o contexto social, econômico e político e seu impacto sobre as famílias – que fazem parte de cada momento da história. Tal contexto não pode ser ignorado de modo algum (CARTER e MCGOLDRICK, 1995).

Sublinhamos o dilema dos pais contemporâneos, destacado no estudo de Taille (2003): como dar liberdade aos filhos sem ser ausente? Como poupá-los de limitações incessantes, intensas, sem deixar de exercer o papel de adulto, de orientador, guia? Como colocar limites sem ser castrador e injusto com os filhos?

Decerto, podemos verificar nos pais um medo de serem autoritários. Taille (2002) destaca que o medo de ser autoritário é um sentimento importante, e acrescenta que o autoritarismo é impor regras injustas, arbitrárias, negando ao indivíduo, que deve obedecê-las, a possibilidade de compreender seu sentido e sua origem. Exercer autoridade tem outro sentido, pois, as regras colocadas devem ser justas e também explicadas. Sendo assim, enfatizamos aqui a importância da autoridade dos pais em relação aos filhos, o que é diferente de autoritarismo.

Um bom exemplo de relação com autoridade é a relação que temos com um médico: seguimos suas prescrições porque o consideramos como representante de um conhecimento legítimo, inteligível (por mais difícil que seja) e que pode nos fazer algum bem. A relação de autoridade, seja na família, seja na sala de aula, deve seguir essa mesma lógica: os pais ou os professores devem ser reconhecidos como pessoas que detêm conhecimentos legítimos e necessários ao pleno desenvolvimento das novas gerações (TAILLE, 2002, p.03).

De fato, a colocação de limites claros para um adolescente é fundamental. Não se trata de uma apologia ao passado, de dizer que a educação de pais antigos e tradicionais era melhor que a contemporânea, com as inúmeras imposições de limites, algo severo, inflexível, com pouca possibilidade de escolha para seus filhos. Porém, saber a medida disso se torna difícil para muitos pais na atualidade. Taille (2003) problematiza: até que ponto deixar os filhos escolherem, e até que ponto limitá-los. Já Paggi e Guareschi (2004) assinalam como dilema dos pais atuais:

O que ocorre na sociedade atual não é a falta de normas e modelos de como ser e fazer, mas o excesso. A grande dúvida que atormenta os pais e mães é: em quem confiar? Nas regras tradicionais, aprendidas de nossos antepassados? No que diz a mídia? No que diz a ciência? (p.106).

Esses autores examinam que a tarefa de educar hoje tem um fator complicador devido a essa pluralidade de posturas e valores, ou seja, esse excesso mencionado acima. Nesse contexto, o que constitui o maior problema para os pais é definir as regras morais a serem seguidas, o que pode ser considerado correto e incorreto na educação

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

de seus filhos. Os autores se referem a um relativismo presente na atualidade, onde “não há nada definido e tudo é variável. Esse relativismo que paralisa pais e mães é responsável por grande parte dos problemas educativos, especialmente “o problema dos limites” (PAGGI e GUARESCHI, 2004, p. 111).

Algumas ideias tradicionais podem ser resgatadas aqui, como a teoria de Durkheim (1974), que destaca a necessidade de que os pais e educadores em geral coloquem limites. O autor descreve a disciplina como um fator *sui generis* da educação, uma vez que regula condutas e prescreve ações.

[...] toda disciplina tem um duplo objetivo: realizar uma certa regulação nas condutas dos indivíduos, colocar-lhes fins determinados que limitem seus horizontes. A disciplina impõem hábitos às vontades e lhes impõe freios. Ela regula e contém (DURKHEIM, 1974, p.41).

Observamos no estudo de Durkheim (1974) a ênfase na necessidade de restrição, limitação das condutas humanas na educação. O autor defende uma educação que impõe disciplina, que limita as condutas adolescentes, e que forme cidadãos conscientes de seus deveres e possuidores de uma consciência de que há limites morais. Sua teoria aponta como estratégia pedagógica a punição, através da censura (castigo moral), ou seja, a crítica severa feita ao adolescente, uma reprovação enérgica, uma censura ostensiva ao ato cometido, para que ele possa perceber que violou uma regra social, e se colocou à margem da sociedade.

Diante desta posição, a teoria de Piaget é sempre associada a uma educação libertária, segundo expõe Taille (2003), pois se trata de uma teoria em que se opõe a uma educação essencialmente disciplinadora - direcionada a alcançar uma obediência silenciosa dos adolescentes.

Acreditamos que não somente a educação libertária indique caminhos para a questão da ausência de limites em indivíduos contemporâneos. É preciso olhar para as contribuições tradicionais de teorias como a de Durkheim (sociólogo francês), que enriquece nosso campo de visão e reflexão.

Todas estas reflexões aqui expostas nos conduzem à colocação de limites que fazem parte do desenvolvimento e da educação do adolescente e que serão examinadas, especialmente, através da contribuição dos psicanalistas Winnicott e Bion.

Winnicott (1982) examina a importância de que o adolescente amadureça com limites firmes, que são necessários para dar significado e controle à espontaneidade. Para o autor, à medida que vai amadurecendo, o indivíduo desenvolve um sistema interno de limite e espaço (p.182). O autor também nos permite refletir sobre o sentimento de segurança dentro da família, explicando que, na saúde, os adolescentes desenvolvem uma crença suficiente neles próprios e também nas outras pessoas. Inicialmente, é a relação mãe-bebê que permite existir essa crença, é a primeira relação de confiança a que o indivíduo tem acesso.

Nesse mesmo sentido, Bion (1962) identifica que o sentimento de segurança surge na relação mãe-bebê, quando a mãe responde às suas necessidades, permitindo-lhe o manejo da turbulência emocional. O autor enfatiza a importância da qualidade dessa relação, com a noção de continente contido, em que a mãe se oferece como continente para seu filho, havendo trocas e comunicação entre eles, uma vez que a contenção torna possível a significação da experiência emocional vivenciada (FRANÇA, 1997).

A família é o "contexto primário do desenvolvimento humano". (CARTER E MCGOLDRICK, 1995, p.08), como discutido no capítulo sobre a família. Para Winnicott (1982), a existência de boas condições nas fases iniciais da vida do indivíduo leva a um senso de segurança e este leva ao autocontrole. No crescimento, o indivíduo chega a um senso adulto de responsabilidade.

A partir do estudo de Winnicott (1982), refletimos sobre o que ocorre no caso de filhos adolescentes sem limites. Seu estudo sugere que houve uma falha nesse senso de segurança e posteriormente de responsabilidade. Faltaram limites firmes.

Dar liberdade aos adolescentes com responsabilidade é o caminho que Taille (2003) considera melhor – como o exemplo da mesada dada aos adolescentes. O autor acha importante marcar os limites, mostrando aos adolescentes que suas decisões e escolhas têm consequências, assim como Winnicott (1982) discute a questão do senso de responsabilidade que os adolescentes adquirem a partir do senso de segurança que desenvolvem na relação com os pais - relação base de todo ser humano.

O senso social maduro é derivado de um equilíbrio entre limite e espaço dentro da realidade interna do indivíduo, pois, já houve no indivíduo uma elaboração do conflito entre impulso e controle internamente, sendo ele capaz de ver os conflitos

na realidade compartilhada (externa). Então, há um equilíbrio entre limite e espaço na realidade interna, o que permite que o indivíduo possua um senso social maduro, no seu convívio com os demais. (WINNICOTT, 1982) Para Rogge (2006), "os limites formam espaços e tempos, dão segurança e confiança, são pontos de orientação". (p.10) e os adolescentes necessitam deles. "Quem não os coloca torna-se incapaz de agir, vira um escravo condescendente que os adolescentes não respeitam nem obedecem" (p. 11).

Os adolescentes testam todas as medidas de segurança e de regras, regulamentos, disciplinas, isso é típico dessa fase da vida. Há uma necessidade de irromper, de ir além. Para Winnicott (1982), os adolescentes saudáveis efetivamente precisam que os adultos comandem, porém, a disciplina deve ser fornecida por pessoas que possam ser amadas e odiadas, desafiadas, e das quais se pode depender; e o medo é um bom motivo para a submissão. O autor acrescenta que o campo de ação que é necessário ao crescimento do indivíduo sempre exige uma relação viva entre pessoas. E o crescimento é gradativo, leva tempo. O adolescente chega ao senso de responsabilidade no decorrer da vida, gradualmente.

Continuando a discussão, constatamos que a questão dos limites está ligada à questão moral, que será discutida no próximo capítulo. Segundo Paggi e Guareschi (2004), "o problema dos limites é o problema das regras morais e de convivência social. É o problema do reconhecimento do outro e dos direitos deste outro, seja ele criança, adolescente ou adulto" (p.70-71). E acrescentam:

No discurso social atual ouvimos, cada vez mais, que os adolescentes estão sem limites', exigem coisas, não toleram esperar, chegando às vezes a apresentarem dificuldades de convivência social. Os pais sentem-se vítimas e não sabem como conduzir as situações que envolvem o estabelecimento de regras morais (p.71).

Os autores discutem também sobre a questão do consumismo e suas implicações na educação dos adolescentes. Analisam que, nos dias atuais, a questão do consumismo é uma das principais arenas de luta entre pais e filhos. A solicitação constante de objetos de consumo pelos filhos se torna preocupante para os pais, não somente em função dos limites financeiros, mas também por temerem que os filhos não desenvolvam limites materiais e morais.

Partamos, portanto, para a discussão da questão moral a seguir, no sentido de realizar uma discussão a respeito da educação moral na contemporaneidade - assunto que se refere também ao respeito, que é necessário na relação entre pais e filhos adolescentes.

2.3.3. DISCUTINDO A EDUCAÇÃO MORAL

“Moral é o conjunto de deveres derivados da necessidade de respeitar as pessoas, nos seus direitos e na sua dignidade ”
(YVES de LA TAILLE, 2002, p.01).

A moralidade humana também é base das discussões e reflexões deste estudo. Sobre tudo, porque o que buscamos discutir, refere-se à vida em família, às relações dos adolescentes na contemporaneidade. Indivíduos que, cada vez mais, apresentam uma crescente dificuldade com os limites em suas interações com os outros de seu convívio, principalmente com os pais.

E, como apresenta Pereira (1991), a palavra moral tem sua origem no latim *mos/mores*, que quer dizer costume. Sua definição para moral é de que é tudo aquilo - ato, comportamento, fato - que realiza o indivíduo, que o enraíza em si mesmo, e ganha sentido humano. A partir de tal definição, temos, segundo o autor, imoral como tudo aquilo que desrealiza o indivíduo, na dimensão de sua liberdade responsável, tudo aquilo que pode destruir seu projeto humano rumo à felicidade.

A educação moral tem sido vista tradicionalmente segundo, pelo menos, duas perspectivas diferentes:

1) como um processo de transmissão cultural, através do qual o indivíduo introjeta hábitos, costumes, normas e regras culturais aceitas como válidas por um grupo ou sociedade; ou, 2) como um processo que auxilia a pessoa a discernir e a esclarecer os valores que lhe são significativos, condicionando suas decisões morais às circunstâncias ou situações vividas por cada indivíduo em contextos específicos (DIAS, 2005, p.01).

A autora afirma que um exame cuidadoso dos dois sentidos da moral, antagônicos aparentemente, indica que ambos pertencem ao mesmo terreno em torno do qual a moral floresce. Para Dias (2005), o agir humano se refere a uma interconexão entre as dimensões individual e social. Comportamo-nos moralmente em um ambiente social em que os problemas morais são forjados no contexto das regras, das leis sociais, e os conflitos morais, envolvidos na resolução desses

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

problemas, exigem uma resposta moral que leve em conta tanto o conhecimento das causas externas da ação – códigos e regras presentes no ambiente em que se vive e que pertencem à sua realidade – quanto aos motivos internos – discriminação dos sentimentos experimentados como significativos e das razões trazidas à consciência. A autora acrescenta que a escolha moral envolve a reflexão a respeito dos juízos éticos e os princípios referentes à escolha efetuada.

Tomemos aqui as considerações de Taille (2002) sobre a dimensão da moralidade humana, apresentando duas definições para moral e ética:

Entre as alternativas de definição e diferenciação entre os dois conceitos, eu tenho empregado estas: moral é o conjunto de deveres derivados da necessidade de respeitar as pessoas, nos seus direitos e na sua dignidade. Logo, a moral pertence à dimensão da obrigatoriedade, da restrição de liberdade, e a pergunta que a resume é: 'Como devo agir?' Ética é a reflexão sobre a felicidade e sua busca, a procura de viver uma vida significativa, uma 'boa vida'. Assim definida, a pergunta que a resume é: 'Que vida quero viver?'. É importante atentar para o fato de essa pergunta implicar outra: 'Quem eu quero ser?'. Do ponto de vista psicológico, moral e ética, assim definidas, são complementares (p. 01).

Temos, então, dois termos complementares. Todo indivíduo é submetido, ao mesmo tempo, às influências da dimensão da regra em sociedade e sua busca por uma vida boa de ser vivida - a vida que quer ter, o que podemos chamar aqui de felicidade, segundo Taille (2003).

Assim, mostraremos um ponto alto dentro da temática deste estudo: ser feliz e respeitar o outro. Esse respeito pode impor limites à felicidade individual, assim como a busca da felicidade pode afetar o outro, invadi-lo.

Fundamental pensarmos nessas questões no sentido de contextualizar a moralidade humana na presente pesquisa, uma vez que "a moral está intrínseca e necessariamente vinculada ao trinômio cultura/história, sociedade e natureza humana" (PEREIRA, 1991, p.14).

Retomemos a teoria de Piaget (1932) que nos dá alicerce para discutir o tema moralidade humana, e aponta dois tipos de moral: a heterônoma e a autônoma. A primeira se refere àquela cujas regras são legitimadas a partir de uma autoridade (uma instância superior); já na moral autônoma, as regras ganham legitimidade, pois

nascem de acordos entre pessoas iguais e livres, e a razão de ser de uma regra deve ser analisada, avaliada para se poder legitimá-la.

Essa discussão sobre os dois tipos de moral nos parece que é o pano de fundo para a questão do limite. Podemos refletir sobre como os filhos introjetam a moral de seus pais – pais autoritários ou mais próximos – o que permite que pensemos, sobretudo, sobre o desenvolvimento da moral nos adolescentes.

Em seus estudos, Piaget (1932) assinala que a criança entra no mundo da moral através da heterônoma, e só a partir do seu desenvolvimento, ela poderá chegar à autonomia. No autor, aparece a ideia de que a moralidade está enraizada nas ligações afetivas que se estabelecem entre os indivíduos: "... a condição primeira da vida moral é a necessidade de afeição recíproca" (PIAGET, 1932, p.138). Todavia, não se pode falar em moral sem a existência de normas: "toda moral consiste em um sistema de regras, e a essência de toda moralidade deve ser buscada no respeito que o indivíduo adquire por essas regras" (p.01). É próprio de uma norma ou regra ser sentida como obrigatória pelo sujeito, independentemente do fato de que ele a cumpra ou a viole.

Para que uma regra seja sentida como obrigatória, é preciso que exista um sentimento de respeito entre os indivíduos. O respeito é a expressão de um valor que se atribui à pessoa (e não apenas às suas ações ou serviços), e o valor, uma ligação ou troca afetiva entre o sujeito e o objeto (PIAGET, 1954).

A primeira forma de respeito que aparece no desenvolvimento do indivíduo é o respeito unilateral, assim chamado porque faz a ligação entre um inferior a um superior considerado como tal, que tem sua fonte no sentimento do dever, engendrando na criança pequena uma moral da obediência (PIAGET e INHELDER, 1974). Do mesmo modo, é possível afirmar que o respeito unilateral tem sua origem nas relações coativas. Coação social é considerada "... toda relação entre dois ou n indivíduos na qual intervém um elemento de autoridade ou de prestígio" (PIAGET, 1965, p.225). A relação estabelecida entre o adolescente e os adultos (particularmente, os seus pais) é o protótipo das relações coativas. A obediência nasce dessas relações, aparecendo a primeira forma de controle normativo de que o adolescente é capaz. As normas e as opiniões de seus pais têm um valor absoluto para o adolescente ele busca imitá-los, segue os seus pontos de vista e adota a sua

escala de valores. O adolescente segue o que eles dizem porque os respeita (FREITAS, 1999).

Por exemplo, quando um adolescente, num acesso de raiva para com seu irmão, diz "odeio meu irmão", isso não lhe faz mal, porque é moralmente digno, e mesmo com um sentimento de raiva, decide não agredi-lo. Segundo Taille (2003) são os limites morais restritivos, necessários na vida de um indivíduo, que o impedem de agir. No mesmo sentido que o autor, entendemos que um sentimento é moralmente digno, porque é um direito seu senti-lo como ser humano.

Destacamos o sentimento de obrigatoriedade que faz com que a pessoa respeite os limites – respeito esse essencial à moralidade. Taille (2003) expõe uma interiorização de limites que foram anteriormente colocados ao indivíduo. Cabe à educação colocar disciplina no adolescente, impor freios, hábitos, limitando seus desejos e ações.

A colocação do autor nos leva a retomar a indagação que atravessa esse texto; como colocar limites num mundo sem limites?

Voltando à moral, para que possamos ser sujeitos, é preciso que nossa ação dê origem, de algum modo, à nossa sensibilidade e que se apresente a nós como algo desejável. Assim, o interesse do indivíduo é fundamental na questão da moral – diretamente ligada à sociedade. Encontramos o início da consciência moral quando se tem o início da adesão a um grupo (DURKHEIM, 1994). "O verdadeiro objeto da moral é fazer o indivíduo sentir que não é o todo, e sim parte do todo, e avaliar o quanto é insignificante quando comparado ao meio que o envolve" (DURKHEIM, 2003, p.98).

A sociedade ao mesmo tempo em que é algo que o indivíduo deseja, é também algo que lhe impõe regras, algo da ordem da autoridade. Existe essa dualidade no campo da moralidade (DURKHEIM, 2003).

Na verdade, o homem não é humano senão porque vive em sociedade. [...] É a sociedade que nos lança fora de nós mesmos, que nos obriga a considerar outros interesses que não os nossos, que nos ensina a dominar as paixões, os instintos, e dar-lhes lei, ensinando-nos o sacrifício, a privação, a subordinação dos nossos fins individuais a outros mais elevados. Todo o sistema de representação que mantém em nós a ideia e o sentimento da lei, da disciplina interna ou externa, é instituído pela sociedade (DURKHEIM, 1978, p.45).

A Psicossociologia vem mostrar o quanto o indivíduo e sociedade vão se constituindo, o que vai em direção da fala de Taille (2003) quando afirma que adolescentes sem limites refletem uma sociedade sem limites.

Outro ponto oportuno a esta discussão é que, com o tempo, o respeito muda de natureza. Mais uma vez, os estudos de Piaget (1932) mostram que, na medida em que as trocas sociais se dão com outros adolescentes e não mais somente com adultos, e o adolescente passa, assim, a vê-los como iguais e não mais como superiores, é que se desenvolve uma outra forma de relação: a cooperação, “toda relação entre dois ou n indivíduos iguais ou que se percebem como iguais, ou seja, toda relação social na qual não intervém nenhum elemento de autoridade ou de prestígio” (PIAGET, 1932, p.226), surgindo assim o respeito mútuo. A noção do autor é de que a moralidade está arraigada nas ligações afetivas estabelecidas entre os indivíduos, sendo a necessidade de afeição recíproca a primeira condição da vida moral.

Existe respeito mútuo quando os indivíduos se atribuem, reciprocamente, um valor pessoal equivalente. A cooperação, ao contrário da coação social (caracterizada pelo respeito unilateral), não determina o conteúdo das normas e dos valores que devem ser observados; uma relação de respeito mútuo não impõe senão a norma da própria reciprocidade, que responsabiliza cada um a se colocar no ponto de vista do outro (PIAGET, 1932). Conforme expõem Piaget e Inhelder (1974), o respeito mútuo se distingue do unilateral porque está fundado na reciprocidade da estimacão. Segundo Rogge (2006), “colocar limites e manter a coerência começa com o respeito mútuo” (p.56).

Entretanto, se a reciprocidade fosse possível apenas entre indivíduos que compartilham os mesmos valores e opiniões, o indivíduo estaria confinado aos círculos restritos de seu convívio, que são as classes de *co-valorisants*, que Piaget (1965) denominou de todo conjunto de indivíduos que trocam valores segundo uma escala comum: grupo de amigos, indivíduos de uma mesma classe social, de uma mesma cultura, etc. A partir disso, o autor assinalou a distinção entre a reciprocidade espontânea e a reciprocidade normativa.

Quando ocorre uma reciprocidade (troca) espontânea de valores, o indivíduo presta um serviço ou faz um favor para o outro tendo por fim o seu sucesso (ser reconhecido, etc.). A satisfação do outro é apenas um meio para atingir esse fim de

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

ser valorizado, reconhecido, etc. Pelo contrário, a ação moral (ou conduta ética) caracteriza-se pela satisfação indefinida de outrem - no sentido de que o esforço para satisfazer o outro não é determinado pelo próprio interesse do indivíduo, mas sim pelas possibilidades de satisfazer o outro, ou seja, a satisfação de outrem se torna um fim, deixando de ser um meio. Por outro lado, o indivíduo alvo dessa ação, aquele que recebe o favor, não a julga em função de sua satisfação pessoal: o resultado obtido não é valorizado segundo a sua escala de valores, mas segundo a intenção do sujeito que presta o favor (que age). Essas duas condições – a satisfação indefinida de outrem e a avaliação da ação segundo a sua intenção – constituem a condição que define a reciprocidade normativa de ordem moral que Piaget (1965) denominou substituição dos pontos de vista, ou substituição recíproca dos meios e dos fins (FREITAS, 1999).

Em função destas considerações, respeitar uma pessoa significa, então, reconhecer a legitimidade de seu ponto de vista. É o reconhecimento do indivíduo de que os valores e convicções de outrem são tão válidos quanto os seus próprios. A reciprocidade é uma tendência espontânea do indivíduo nas relações de amizade, já nas trocas morais, uma obrigação (PIAGET, 1954). O autor esclarece porque a reciprocidade normativa é sentida como obrigatória pelo indivíduo:

O respeito mútuo implica a necessidade de não contradição moral: não se pode ao mesmo tempo valorizar o seu parceiro e agir de maneira a ser desvalorizado por ele. Tal é, pelo menos, a norma, da qual a moralidade de fato pode, evidentemente, afastar-se, da mesma forma que o pensamento comum pode afastar-se das regras de não contradição lógicas (p.535).

Há, na relação de respeito mútuo, algo fundamental para a socialização e a conduta ética, pois é na relação de respeito mútuo entre indivíduos autônomos que é possível, simultaneamente, a diversidade e a igualdade. Para Piaget (1954), apenas um indivíduo que tenha uma personalidade autônoma – afirmando ser o produto mais refinado da socialização – é capaz de ação moral (ou conduta ética). Segundo o autor, não há sentimento de obrigação a não ser em uma relação de respeito. A obrigação moral implica uma relação de respeito mútuo. "A autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que

o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado” (PIAGET, 1932, p.172).

Vale ainda acrescentar que o produto essencial da reciprocidade e do respeito mútuo é o sentimento da justiça (PIAGET e INHELDER, 1974).

O que observamos nos adolescentes contemporâneos com ausência de limites, é a falta desse respeito mútuo, gerando conflitos na família e consequentemente na sociedade em que estão inseridos no qual, percebemos nas análises de alguns modos de educar contemporâneos no capítulo a seguir.

2.4. OS MODOS DE EDUCAR CONTEMPORÂNEO

“O problema dos limites é o grande nó da educação nos dias de hoje”.(KARINA PAGUI e PEDRINHO GUARESCHI, 2004, p.140).

Passemos agora à análise de alguns modos de educar utilizados por pais na atualidade. Depois da compreensão teórica sobre a moralidade humana, passemos agora para um tópico mais prático.

A partir da constatação da família nuclear como agente socializante principal, partimos para o tema deste capítulo, assinalando que é notável que as famílias atuais apresentam-se mais abertas, sem os papéis rígidos de antigamente, como discute Weinberg (2001). No entanto, alguns pais, com medo de repetir com seus filhos a educação repressora que receberam, acabam indo para o extremo oposto: “passam do ‘não poder nada’ de antes para o ‘pode tudo’ de hoje” (WEINBERG, 2001, p.10). Esta constatação do autor se assemelha à análise de pais extremamente permissivos de Winnicott (1982).

Partimos da ideia de que “a educação dos adolescentes é antes de tudo uma prática social, profundamente influenciada pelo contexto sócio-histórico de cada época” (PAGGI e GUARESCHI, 2004, p.28). Os autores enfatizam que, nos dias de hoje, parece que algumas dificuldades por parte dos pais têm se intensificado. “Parece haver uma grande incerteza sobre qual seria o modo correto de educar.

Pais e mães encontram-se divididos quanto à decisão do que permitir e o que negar aos filhos "(p.17).

Podemos acrescentar a perspectiva de Bauman (2000) ao discutir a condição social a que chama de modernidade líquida, questionando o que é hoje uma família, com os poderes de pai e mãe se desintegrando. Padrões, valores e regras, reconhecidos balizadores de condutas, estão ausentes.

Taille (2003), em seu livro *Limites: três dimensões educacionais* apresentam e analisam três tipos de educação moral presente nas famílias contemporâneas, que vamos resumir: educação autoritária, educação por ameaça e educação elucidativa.

A educação autoritária "se traduz na imposição de regras, acompanhada da afirmação de sua legitimidade com frases como 'Obedeça porque sou seu pai (ou sua mãe)', 'Faça isso porque mandei' (TAILLE, 2003, p.95). Então, essa educação destaca um lugar de autoridade (com sabedoria) e que não pode ser contestada, nem questionada, e sim obedecida. O filho faz o que o pai mandou e ponto, porque o pai é o sábio, é a autoridade.

A educação por ameaça de retirada de amor apresenta a estratégia pedagógica em que o adolescente sinta que, desobedecendo aos pais, ele mostra-se egoísta e não amorosa em relação a eles. Os pais usam as expressões: 'Vou ficar tão magoado se você não fizer o que eu quero', 'Quando você diz que não me entende eu fico muito triste'. E podem ser expressões não-verbais – lágrimas que caem, olhar triste, ombros caídos (TAILLE, 2003).

A educação elucidativa é aquela em que toda vez que o adolescente sofre uma repreensão, em seguida, recebe uma explicação para tal. A repreensão se sustenta numa explicação e os pais mostram a ele as consequências de seus atos. Exemplo: 'Se você mentir ninguém vai mais acreditar em você', ou 'Você não pode sair sem minha permissão, pois será punido' (TAILLE, 2003).

Os três tipos colocam limites, porém, o terceiro revela pais que desejam que seus filhos legitimem intimamente os valores e regras morais e tenham autonomia em relação a eles. O primeiro coloca limites de forma autoritária, o segundo fazendo apelo para a afetividade, e o terceiro baseando-se em explicações. Na educação autoritária, o medo da punição ocorre, e existe o reconhecimento da autoridade, e superioridade; acaba dificultando o adolescente a refletir, e até promove indivíduos com uma incapacidade de reflexão, questionamentos, dificultando seu

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

desenvolvimento para a autonomia. Geralmente, são pais dogmáticos (TAILLE, 2003).

O segundo tipo apresenta a questão da moralidade num outro sentido, o medo muda de objeto: medo do abandono dos pais, que deixam de ser autoridades, tornam-se semelhantes, pois os pais ficam tristes, chateados quando os filhos desobedecem. Na educação autoritária, há um distanciamento e uma superioridade por parte dos pais. No entanto, filhos que recebem essa educação são mais sensíveis aos sentimentos alheios, algo fundamental no campo da moral – a humanização das relações pessoais. E, além disso, outro ponto interessante nesse tipo de educação é que os adolescentes podem ver que os adultos também choram e sofrem, enfim, são semelhantes. Os pais se tornam mais próximos, não são tão superiores. E mais ainda: sabendo que podem causar mágoa em seus pais, percebem que seus atos têm consequências. Porém, essa educação, utilizada de modo sistemático, apresenta elementos negativos, como a pesada carga de afetividade, com constantes ameaças de ruptura afetiva (TAILLE, 2003).

Os pais que optam por uma educação elucidativa colocam limites, e não silenciam em relação ao que é permitido e proibido, uma vez que os limites são claramente colocados de acordo com uma explicação, ou seja, a razão da limitação é explicitada. A colocação de limites não é legitimada em função da força e prestígio de quem o coloca (TAILLE, 2003).

Um ponto positivo na educação elucidativa é destacado pelo autor: os pais, explicitando as razões de suas ordens, justificando suas ações para com o adolescente quando colocam disciplina, quando negam algo, quando limitam, significa que têm respeito por ele. Outro ponto virtuoso, segundo Taille (2003), é que esse tipo de educação possibilita a explicitação de sentimentos envolvidos nas questões morais, como a pena, a tristeza, o sofrimento sentido pelas vítimas de agressões, etc.

Esse tipo de educação é a que melhor prepara o adolescente para a conquista da autonomia, segundo o autor, uma vez que coloca a base para uma apropriação racional dos valores e das regras, e também oferece os primeiros sinais da igualdade possível e desejada pelos indivíduos. E, recebendo esse tipo de educação por seus responsáveis, serve de alicerce para que o adolescente entre no universo moral, e desenvolva o sentimento de respeito, caminhando para a

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

autonomia. No entanto, para alcançar a autonomia, é preciso que o adolescente a vivencie, o que é alcançado através da cooperação – no sentido de co-operar, operar junto. De modo que o adolescente opere junto com seus pais, algo diferente de hierarquia, pois há respeito mútuo entre eles. O adolescente experimenta uma interação com o outro como co-participante, uma interação social com base no respeito, inclusive, a construção de regras entre eles é feita respeitosamente (TAILLE, 2003).

Sublinhamos aqui o que Taille (2003) expõe sobre a cooperação, afirmando que ela está longe de apagar limites, pois os coloca claramente, existindo respeito mútuo e compromisso. Cooperação se refere a diálogo, compromisso, respeito; e autonomia é respeito pelo outro e exigência de ser respeitado. Portanto, um limite claro.

Podemos também chamar a atenção, nessa discussão sobre os modos de educar contemporâneos, para os seguintes temas: *práticas educativas e estilos parentais*. Segundo Cecconello, Antoni e Koller (2003), inúmeros estudos em Psicologia têm sublinhado esses temas, enfatizando a importância da interação parental e das práticas educativas utilizadas pelos pais e suas influências sobre o desenvolvimento dos adolescentes.

As práticas educativas, discutidas nesses estudos, referem-se às estratégias utilizadas pelos pais para alcançar objetivos específicos em diferentes aspectos – acadêmico, social, afetivo – sob determinados contextos e circunstâncias. A utilização de explicações, de punições ou de recompensas constitui exemplo dessas práticas. O estilo parental refere-se ao padrão de características da interação parental com os filhos em diferentes situações, que concebem um clima emocional. A expressão do procedimento parental, ou seja, do modo dos pais se comportarem, pode apresentar afetividade, responsividade e autoridade (CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

Segundo Darlim e Steinberg (1993), estilo parental é o conjunto de atitudes parentais para com o adolescente, que designa o clima emocional em que se expressam as inúmeras práticas parentais; já as práticas parentais se referem a comportamentos socializadores como apoio, disciplina, e interação com os filhos. Tais práticas variam de acordo com as circunstâncias e situações. Por outro lado, os estilos parentais parecem não variar de acordo com o contexto, pois são

relativamente *"independentes de um contexto específico de socialização e se evidenciam numa ampla variedade de interações entre pais e filhos"* (KEITH e CHRISTENSEN, 1997, p.559).

Até mesmo ao usar uma medida restritiva no comportamento de um adolescente, os pais podem demonstrar afeto e cuidado, e também estimular o exercício da autonomia responsável, afirmam Cecconello, Antoni e Koller (2003). Tais constatações nos levam a refletir sobre os pais de filhos sem limites, que apresentam dificuldades em usar essas medidas restritivas, o que não é a mesma coisa que medida punitiva. Esses autores descrevem que a medida punitiva se revela sempre pela imposição, o que identifica um estilo de pais autoritários. E muitos outros estudiosos do assunto apontam a punição física (com o intuito de disciplinar os filhos) como sendo prejudicial ao seu desenvolvimento, pois, para os teóricos do tema, tal prática baseia-se na utilização abusiva do poder parental sobre os filhos.

Então, pais com dificuldade em aplicar medidas restritivas e em mostrar limites aos filhos são o oposto do estilo de pais autoritários, que abusam da posição de poder sobre os seus filhos, e, segundo Cecconello, Antoni e Koller (2003), acabam prejudicando seu desenvolvimento. No entanto, isso é algo que pode ser apresentado como comum entre os estilos de pais autoritários e pais que não colocam limites, ou seja, o efeito prejudicial que causam nos filhos é algo similar.

Pensemos agora na questão do poder dos pais sobre os filhos, na relação de poder construída entre eles. Estes autores recorrem a Hoffman (1960 *apud* CECCONELLO, ANTONI E KOLLER, 2003) que "define o poder como o potencial que uma pessoa tem para compelir a outra a agir de maneira contrária à sua própria vontade". (p.04) A relação entre pais e filhos é um exemplo claro de um contexto em que existe uma concentração de poder na figura dos pais, onde os mesmos ficam numa posição privilegiada de poder. Sendo assim, há duas maneiras de uso de poder pelos pais com o intuito de conseguir alterar o comportamento dos filhos: "a primeira, através de uma disciplina indutiva, que objetiva uma modificação voluntária no comportamento do adolescente; e a segunda, através de técnicas que reforçam e reafirmam o poder parental, como práticas coercitivas" (p.04).

Verificamos, através destes estudiosos, dois tipos de estratégias educativas: a disciplina indutiva e a coercitiva. A estratégia disciplinar indutiva se revela num Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

direcionamento da atenção do adolescente para as conseqüências de seu comportamento para com os demais e para as demandas lógicas da situação vivida. O que significa que os pais comunicam ao filho seu desejo de que modifique seu comportamento, induzindo-o para tal procedimento, através de explicações sobre as conseqüências de seus comportamentos no mundo, sobre regras, valores, advertências morais, apelos ao orgulho dos filhos e ao amor que sentem pelos pais, explicações sobre as causas maléficas de determinadas ações em relação a pessoas e a si mesmo. Já a estratégia disciplinar coercitiva aponta para práticas parentais com a utilização da força e do poder dos pais sobre seus filhos, o que pode ser verificado através de ameaças, punição física e privação de privilégios, obrigando o filho a adequar seu comportamento às reações punitivas de seus pais, dificultando a internalização moral. Estas práticas podem levar a sentimentos intensos, como hostilidade, ansiedade e medo (CECCONELLO, ANTONI e KOLLER, 2003).

As formas de punição podem ser divididas em dois tipos: a coerção e a ameaça de rompimento de vínculo afetivo entre o adolescente e os pais, conforme identificam Grusec e Lytton (1988). Os autores assinalam que o segundo modo de punição perturba o sentimento de segurança do adolescente com relação aos sentimentos parentais, levando à ansiedade. No entanto, assinalam também que uma medida restritiva, como o emprego de uma punição, pode ser usada como decorrência natural de um comportamento inadequado do filho, devendo vir seguida de uma explicação lógica e estar de acordo com a situação vivida.

A partir destas considerações, podemos fazer um paralelo com o senso de segurança de Winnicott já exposto nessa pesquisa, ou seja, o sentimento de segurança dentro da família por parte do adolescente. O sentimento de segurança se refere ao desenvolvimento de uma crença suficiente nela própria e nas outras pessoas, sendo a relação mãe-bebê a primeira relação de confiança estabelecida em sua vida. A existência de condições adequadas nas fases iniciais da vida do adolescente confere um senso de segurança e leva ao autocontrole. No crescimento, o indivíduo adquire um senso de responsabilidade. Tais considerações sugerem, no caso de filhos carentes de limites, que houve uma falha nesse sentido, que faltaram limites definidos e firmes.

Refletiremos agora sobre quatro estilos parentais: o autoritativo, o autoritário, o indulgente e o negligente, analisados por Cecconello, Antoni e Koller (2003), baseando-se em conceitos como exigência e responsividade. O primeiro conceito se destina aos comportamentos parentais que requerem supervisão e disciplina, enquanto que a responsividade refere-se aos comportamentos de apoio e consentimento, que favorecem a individualidade e a auto-afirmação dos filhos.

O estilo autoritativo é apresentado por Cecconello, Antoni e Koller (2003) como o resultado da combinação entre exigência e responsividade em altos níveis. As regras estabelecidas por esse estilo de pais são enfatizadas de forma consistente e constante, monitorando as atitudes dos filhos, reforçando condutas positivas (gratificando-os) e corrigindo as negativas, e com altas expectativas em relação à responsabilidade e maturidade dos filhos, existindo uma clara comunicação entre eles, com base no respeito mútuo. E a disciplina é colocada pelos pais de modo indutivo.

Esses autores acrescentam que o estilo autoritário se designa pela combinação do controle em alto nível e da responsividade em baixo nível. Há uma rigidez na postura desses pais, com altos níveis de exigência, tendendo a enfatizar a obediência através do respeito à autoridade e à ordem, e impondo regras sem contar com a participação do filho. Além disso, utilizam a punição frequentemente, sem valorizar a diálogo e a autonomia.

Esses mesmos autores acrescentam ainda que o estilo indulgente é o resultado da combinação entre baixo controle e responsividade em alto nível. Os pais não estabelecem regras nem limites para os filhos, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade e maturidade. Apresentam tolerância em excesso, permitindo que o próprio adolescente monitore seu comportamento. Além disso, esse estilo de pais tende a satisfazer qualquer demanda que o adolescente demonstre, tratando-se assim, de pais afetivos. É um estilo oposto ao autoritário.

Podemos verificar aqui que os estilos parentais indulgente, negligente e permissivo estão relacionados ao estilo de pais de filhos sem limites.

Castells (1999) expõe que cada vez mais os filhos estão negligenciados com a transição cultural, e a solução não está na volta da família patriarcal, obsoleta e opressiva, mas na família que compartilha responsabilidade. O autor frisa que:

Embora grandes progressos tenham sido conquistados nesse sentido, a paternidade e a maternidade em termos iguais ainda têm longo caminho a percorrer e seu ritmo é mais lento do que o crescimento do separatismo, tanto para homens quanto para mulheres (p.270).

Em seu estudo, Castells (1999) examina o patriarcalismo, caracterizado pela autoridade imposta institucionalmente do homem sobre a mulher e filhos na dimensão familiar, e afirma que ele é uma das estruturas sobre as quais se assentam todas as sociedades contemporâneas. O autor expõe que o patriarcalismo se encontra enraizado na estrutura familiar, e que não existe família patriarcal sem sociedade patriarcal. Sugere como caminho para os pais a responsabilidade pelos filhos totalmente compartilhada, através da renegociação do contrato da família – onde o homem compartilhe também o trabalho doméstico e exista uma parceria econômica.

O estudo das relações entre as pessoas, na convivência social, é alterado pela educação de adolescentes quando não se sujeitam às regras sociais. A questão da alteridade aparece no capítulo seguinte por exigência de uma organização mais didática nesta pesquisa.

2.4.1. LIMITE E ALTERIDADE: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES

“A compreensão de si fundamenta-se no reconhecimento da coexistência, e ao mesmo tempo constitui-se como ponto de partida para a compreensão do outro” (MONIQUE AUGRAS, 1986, p.56).

Na discussão acerca da alteridade vemos que o outro é estruturante do indivíduo, pois é ele que o constitui e também a vida social (ARRUDA, 2002). Sem o outro não há existência, pois ela somente se torna possível a partir de suas relações sociais, como bem destaca Zanella (1999). Impõe-se aqui uma reflexão: quais as implicações disso na sociedade, no caso de adolescentes carentes de limites? Que consequências isso traz para a questão da alteridade?

As reflexões sobre o tema alteridade de acordo com Guareschi (2002) assinalam a necessidade de reconhecer a alteridade, pensando na vida em sociedade, de se encarar o outro como distinto, e não diferente. Podemos a partir desta discussão, refletir que adolescentes sem limites não veriam o outro como distinto, mas sim como diferente – lugar de oposto. Esses adolescentes sem limites não reconheceriam a verdadeira alteridade apontada pelo autor. Pois, tendo o outro como distinto, e que possui assim uma identidade, é possível estabelecer diálogo, e construir um relacionamento em que haja respeito. Já os indivíduos sem limites agem sem considerar o outro.

Para Paggi e Guareschi (2004), a importância de uma ética da alteridade, que parte do princípio de que o início de toda verdadeira ética é o outro – um outro que deve ser encarado não somente como diferente de nós, o que construímos a partir de nós mesmos, mas aquele que é reconhecido a partir dele próprio, o *distinto*, que nos complementa e nos constrói.

Se o outro é o que limita, de acordo com Arruda (2002), e se o indivíduo carente de limites desrespeita o outro, então a alteridade – enquanto encontro com esse outro – fica prejudicada. É como se o outro fosse anulado. O outro não importa para o indivíduo com ausência de limites em suas relações sociais. De acordo com Rogge (2006), "os limites significam que o adolescente deve considerar e respeitar os limites do outro". (p.240) Para o autor, isso é importante ser aprendido pelo adolescente, pois sem consideração e respeito mútuos o convívio em sociedade se torna inviável.

No convívio social, encontra-se a necessidade de se considerar o outro, e também compreendê-lo. Segundo Augras (1986), "a compreensão de si fundamenta-se no reconhecimento da coexistência, e ao mesmo tempo constitui-se como ponto de partida para a compreensão do outro" (p.56).

O adolescente, no seio de sua família, precisa entrar em contato com as questões aqui expostas. "O *contexto familiar, o envolvimento e o desempenho dos pais são fundamentais para o estabelecimento de relações educativas que efetivamente promovam o desenvolvimento social dos filhos*" (CIA et al, 2006, p.03).

Articula-se a esta discussão a constatação de que se os adolescentes são reflexo da sociedade na qual vivem, e se muitos deles carecem de limites, a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

sociedade em que vivem deve também estar privada destes limites, de acordo com a visão de Taille (2003). Esta constatação permite que pensemos na sociedade contemporânea, nos excessos – tecnológicos, de consumo, de informação.

Deparamo-nos com muitos pais que não conseguem dar assistência aos filhos, no sentido do uso de aparelhos tecnológicos, que indiscutivelmente enriquecem a vida dos seres humanos, e trazem grandes avanços à humanidade, mas que é necessário ter limitações, como em tudo na vida. Longe de vermos a tecnologia como um problema, apontamos que há dificuldade em muitos pais em saber até que ponto permitir até que ponto limitar. Inclusive, há pais que deixam os filhos entregues às tecnologias. Existem, por exemplo, jogos eletrônicos em que pessoas idosas, e mulheres com seus carros de bebês são alvos de armas de tiro, e acumulam na pontuação para o jogador vencer. Essa é uma questão para refletirmos, no sentido dos educadores terem essa consciência e esse cuidado com seus filhos.

O discurso científico na atualidade é o de que tudo é possível, e se ainda não é, no futuro o será, conforme analisam Paggi e Guareschi (2004). Convivemos com uma ciência que oferece todas as possibilidades de realização ao indivíduo. Segundo os autores, este discurso da ciência se choca com a função parental que é justamente da interdição, do reconhecimento do lugar do outro, da alteridade. "Contra uma ciência que se oferece como sem limites, luta uma educação que, em direção contrária, tem como função mostrar os limites e promover o reconhecimento da alteridade" (p.115). Segundo os autores, muitos pais, seguindo o discurso da ciência, acabam adotando uma prática educativa permissiva, o que faz surgir o problema dos limites na educação.

Os autores não negam a importância do desenvolvimento científico, que trouxe, inclusive, a cura de várias doenças. Além disso, afirmam que ter conhecimento científico sobre o desenvolvimento do adolescente é proveitoso, no entanto, consideram que depender disso pra agir eticamente com o adolescente trata-se de um engano coletivo. "Agir corretamente com um adolescente depende, muito antes do que um conhecimento científico, de humanidade, reconhecimento da alteridade, fraternidade, abertura para o diálogo com o outro, seja ele adulto, adolescente ou criança" (p.115).

As reflexões sobre a moral humana, realizadas através de Piaget (1932) mostram que a moralidade está diretamente ligada ao respeito pelo outro. O autor destaca que o indivíduo que respeita o outro, tem uma obrigação moral para com esse outro. São notáveis na contemporaneidade adolescentes que agem sem considerar o outro – o outro não importa, somente sua vontade própria. Onde estaria o respeito mútuo discutido por Piaget? Impõe-se aqui este questionamento. Segundo Paggi e Guareschi (2004), a formação ético-moral é o aprendizado das regras de convivência social. Ética é sempre uma relação, sendo assim, não se pode ser ético sozinho. "A ética implica a alteridade" (p.158).

Podemos refletir aqui sobre "a importância do diálogo respeitoso com o filho, e a importância da construção da noção de alteridade na relação pais e filhos, noção imprescindível para a vida em comunidade" (PAGGI e GUARESCHI, 2004, p.172).

Observamos também, na atualidade, um crescente número de pais que não monitoram o comportamento dos filhos, com pouco desempenho em socializá-los, como analisam Cecconello, Antoni e Koller (2003), chamando-os de pais negligentes. Os autores assinalam também um crescente número de pais que não estabelecem regras nem limites para os filhos, estabelecendo poucas demandas de responsabilidade e maturidade. Apresentam tolerância em excesso, permitindo que o próprio adolescente monitore seu comportamento, chamados de pais indulgentes.

A partir das observações de Cecconello, Antoni e Koller (2003), sublinhamos a questão da alteridade. Esses adolescentes, criados por pais desses dois estilos, vivem sem limites, sem estar acostumados com regras, sem alguém que monitore seu comportamento, o que prejudica o seu relacionamento com os demais, levando a uma falta de respeito e de limites para com o outro. E assim, encontramos ao nosso redor tantos deles desrespeitando idosos, zeladores de colégios, praticando vandalismos, brigando nas ruas e discotecas, agindo no mundo sem se importar com o outro, fazendo valer somente seu desejo, desrespeitando regras sociais, etc.

Podemos apontar duas tendências complementares observadas nas famílias contemporâneas, uma vez que os pais são confrontados com as exigências de um mundo capitalista, de acordo com Paggi e Guareschi (2004):

De um lado a família contemporânea em nosso meio é afetiva, privada, e os laços entre pais e filhos são estreitos, com clara valorização do adolescente. De outro, essa valorização está relacionada ao cultivo da subjetividade e ao desenvolvimento de habilidades individuais que denunciam que a família atual privilegia os valores individualistas em detrimento dos valores comunitários (p. 67).

Os autores identificam essas tendências nas famílias atuais, expondo que essa configuração começa a nos levar à explicação da crise dos limites, uma vez que, na medida em que os indivíduos tendem a criar valores individualistas e se distanciar dos comunitários, que consideram o outro e a sociedade, o narcisismo prevalece, o que dificulta desenvolverem a capacidade de se colocar no lugar do outro, bem como se preocupar com ele - "elementos fundamentais para o respeito e a boa convivência social" (PAGGI e GUARESCHI, 2004, p.67).

Os autores chamam a atenção para o fato de que "o problema dos limites é o problema das regras morais e de convivência social. É o problema do reconhecimento do outro e dos direitos deste outro, seja ele criança, adolescente ou adulto" (p.70-71). Então, eis a questão da alteridade. E, refletindo sobre isso, cabe a seguinte indagação: "estamos formando uma geração para ser competitiva ou cooperativa? Para reconhecer seus limites e os direitos do outro ou para atropelar o outro?" (p.97).

Os autores acrescentam a discussão sobre a igualdade entre pais e filhos, pois afirmam que os pais de hoje consideram que o adolescente ter seus direitos respeitados, da mesma maneira que os adultos, o que leva a uma ambivalência diante de como agir com seus filhos – incentivando, assim, o individualismo nos filhos na atualidade.

O individualismo, que considera que cada ser é um, separado do outro, e o liberalismo, que prega um tipo de relação em que cada um se guia por si mesmo, sem depender dos outros, ao fundamentar os valores familiares na atualidade e atravessar as relações entre pais e filhos, produz importantes consequências. Deixa os pais e mães ambivalentes na hora de se relacionar com seus filhos. Essa problemática surge na atualidade justamente porque a ética da Modernidade, e principalmente da Pós-Modernidade, é a ética do liberar, tendo o valor do individualismo como base (p.154).

Esta discussão dos autores mostra o contexto atual e suas consequências – uma delas é a falta de limites.

A falta de limites na alteridade pode trazer consequências drásticas, fatos que assustam as sociedades e são observados em noticiários, jornais e revistas. No ano de 2007, na cidade do Rio de Janeiro – Brasil, a doméstica Sirlei Dias foi espancada num ponto de ônibus por cinco jovens de classe média, de "boa família", como diz a reportagem da Revista Época, de 02 de julho de 2007. A psicanalista entrevistada, Junia de Vilhena (2007), da Universidade Católica do Rio de Janeiro, explica que o comportamento dos adolescentes ocorreu devido à falta de limites e valores na família, onde os pais permitem tudo, não colocam regras, não dão freio aos filhos. Segundo ela, são adolescentes que podem fazer tudo o que desejam e sem sofrer as consequências de seus atos. Vilhena (2007) afirma, ainda, que são pais que agem como se fossem amigos dos filhos, o que é prejudicial na educação.

A reportagem também se refere a outros acontecimentos drásticos, como o ocorrido há uma década, em 1997, - em Brasília - DF – Brasil, que também causou impacto e indignação à sociedade brasileira, quando um grupo de adolescentes rapazes ateou fogo a um índio, que dormia em um ponto de ônibus, e morreu com 95% do corpo queimado.

Essas são consequências drásticas da falta de limites na alteridade, quando indivíduos crescem sem freios, sem regras, sem adultos que os orientem, que sirvam de guia e que lhe imponham normas morais, enfim, que coloquem limitações. Esses fatos mostram que rumo a falta de limites pode tomar – atos criminosos e impactantes. Esta pesquisa acredita em saídas, e, desde o começo, teve o intuito de encontrar possibilidades para a questão dos conflitos familiares precisamos encontrar luz, caminhos para a problemática atual, no qual aumentando a intensidade comunicativa entre pais e filhos diminuirão os conflitos familiares.

Então, para ao final desta pesquisa apontar caminhos, retomamos Castells (1999) que sugere a renegociação familiar e o compartilhamento total da responsabilidade sobre os filhos adolescentes.

A fuga em direção a uma sociedade aberta e em rede levará à ansiedade individual e à violência social, até que novas formas de coexistência e responsabilidade compartilhada sejam encontradas, unindo homens, mulheres e crianças na família reconstruída, isto é, uma família formada em condições de igualdade (CASTELLS, 1999, p.277).

Cia e vários autores (2006) assinalam que nas famílias de hoje existe uma nova divisão de tarefas, com os pais unidos numa responsabilidade conjunta nas atribuições familiares, o que acarreta, inclusive, num bom relacionamento entre pais e filhos, numa boa qualidade de interação entre eles. Assim, esses pais também preparam seus filhos para suas interações sociais em geral.

Baumam (2000) também aponta como possibilidade o diálogo e a negociação, o que implica no reconhecimento da diversidade. O autor assinala que todas as vozes podem e merecem ser ouvidas, ressaltando que "cada diferença existente é digna de ser perpetuada justamente por ser uma diferença" (op.cit:123). Bauman (2003) aponta como caminho o compartilhamento e o cuidado mútuo, onde haja "interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos" (p.134).

Paggi e Guareschi (2004) assinalam que o caminho é o "da comunicação, do discurso, do diálogo, da fala. Mas que discurso? Pois é: um discurso onde todos podem e devem participar, em igualdade de posições, onde cada um fala livremente o que pensa, e escuta com respeito o que o outro diz" (p.162). Através da fala, pode surgir um entendimento entre os indivíduos, o que leva a um acordo, uma negociação, e, a partir desta, os indivíduos podem chegar a um consenso, ao menos temporário - onde haja respeito pelas opiniões contraditórias. Para os autores, afirmam, por conseguinte, que a palavra-chave é o diálogo:

Mas o diálogo supõe igualdade de posições; ou seja, que todos sabemos alguma coisa, isto é, não há um que sabe mais ou menos: sabemos coisas diferentes, mas todas têm valor. Por isso, no diálogo, eu preciso prestar atenção no que o outro diz, com respeito (p.164).

Para os autores, este é o núcleo da questão. Para desamarrar 'nós', a melhor estratégia ocorre através "da ação comunicativa que nos leva, com respeito e em pé de igualdade, a estabelecer um diálogo onde se negociam as maneiras como as coisas devem ser" (PAGGI e GUARESCHI, 2004, p.164). O problema do conflito familiar se refere, principalmente, a quando os pais não conseguem assumir sua autoridade, sem perceber que ela pode ser uma autoridade justa, no sentido de ter o compromisso de levar o adolescente a evoluir nas suas relações sociais e comunitárias. Os pais poderiam adotar uma postura de diálogo respeitoso com o

filho, deixando de lado o medo de interferir na individualidade do filho e de ser autoritário.

Carter e McGoldrick (1995) avançam no mesmo sentido, afirmam ser importante a autoridade diante dos filhos e a responsabilidade pelos mesmos:

Assim como é importante aprender a viver cooperativamente com os iguais (isto é, os irmãos), também é importante viver com alguma outra pessoa com autoridade e ter responsabilidade por alguém menos capaz. De fato, a infância é uma designação incorreta se uma criança não tem um progenitor responsável (p.216).

Goergen (2005) destaca a importância do modelo de quem educa, na produção de um sujeito capaz de tomar suas próprias decisões, sabendo conciliar aspectos sociais e individuais.

A possibilidade de convívio social diante da moralidade humana contém sempre uma tensão entre o individual e o social. A satisfação de um indivíduo pode esbarrar na busca de satisfação dos demais:

No interesse de todos é preciso encontrar formas de entendimento (consensos) sobre como se portar para garantir condições de vida e liberdade para todos. Caso contrário, valeria apenas a lei do mais forte, instalar-se-ia a guerra de todos contra todos (GOERGEN, 2005, p.19).

Georgen (2005) sugere “o agir comunicativo”, onde o diálogo esteja voltado para *um* consenso, e que se amenize diferenças. O autor sugere “buscar uma sociedade na qual haja as melhores condições possíveis de participação de todos no agir comunicativo, fundamento da moral e da própria organização social” (p.15). O autor se refere a uma educação que motive o educando “para que, de maneira gradual, assuma responsabilidade social e sua autonomia pessoal” (p.16).

O ser humano só é ou só pode ser um sujeito moral na medida em que é indeterminado e livre. Se fôssemos programados como os animais, não poderíamos falar de moralidade. De outra parte, a liberdade implica a capacidade de refletir sobre o processo de aprendizagem e a capacidade de dar a este processo a orientação que desejamos. Quando nos encontramos diante da decisão de como desejamos viver, que atitudes tomar ante os conflitos vitais, como nos relacionar com o meio e com os outros, estamos diante da condição humana que denominamos moralidade. É o jogo entre a determinação e a possibilidade de decidir a respeito da orientação que queremos dar à nossa vida. Disso já é possível

extrair uma primeira elucidação do que é educação moral: a busca de um caminho pessoal para uma vida consciente, livre e responsável. Do ponto de vista do educador, pode-se dizer que sua influência educativa deve contribuir para um sujeito consciente e autônomo, capaz de decidir que atitudes tomar que, na busca da felicidade, preservem tanto interesses individuais quanto sociais. (p.18-19)

No campo da pesquisa em Ciências Sociais, Goldenberg (2004) também defende a necessidade "de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista, do pesquisador e pesquisados" (p.24). O remédio proposto é um só: diálogo e negociação. Parece haver um consenso entre os autores de diversas áreas, da necessidade de comunicação entre as partes, não apenas na esfera doméstica, mas social, científica e política para mediar conflitos e buscar um entendimento.

Segundo a visão de Enriquez (2006), podemos crer na construção de um novo paradigma social e humano. Esse paradigma implicaria em ter-se maior consideração pelos outros. Nos dias de hoje, indagamo-nos no que consiste a dignidade do ser humano, e o que é o respeito pelo mesmo. "A renovação da ética, a emergência de um desejo de reencontrar a alegria em trabalhar e em viver junto, o desejo de amizade, de convívio pode reconstruir o tecido social" (ENRIQUEZ, 2006, p.10).

O autor enfatiza que é necessário pensar não apenas na liberdade e na igualdade. A fraternidade, a camaradagem e a solidariedade são também essenciais neste novo paradigma, que o autor mostra como horizonte para o homem do século XXI, que vive num mundo em que tende a crescer o desprezo, a desconsideração, o desrespeito, a recusa da diferença – a que todo indivíduo tem direito.

PARTE III

PROBLEMÁTICA



3 PROBLEMÁTICA

3.1 QUESTÃO DE PARTIDA E OBJETIVOS

A adolescência é considerada um período no qual ocorre um incremento nos conflitos entre pais e filhos. Verifica-se que neste período as transformações ocorrem, não somente, num nível intrapsíquico, mas também, relacional. Nesse sentido, há um aumento na demanda do adolescente por uma maior independência e participação nas decisões familiares. Tal fato exige uma reorganização nos padrões de funcionamento familiar, que serão oferecidos através da confiança, aceitação e afeto entre pais e filhos, quando associados a uma comunicação clara e direta. Neste contexto comunicativo, os limites se apresentam nítidos e permeáveis, para cada um dos membros e consequentemente há diminuição de conflitos.

Durante intenso contato com adolescentes, pais e educadores e em meio a seus problemas e questionamentos familiares, surge a necessidade de um aprofundamento acerca das possíveis causas destes conflitos. Com isso, justifica-se então, investigar a intensidade comunicativa que se estabelece na família, procurando verificar os assuntos que geram os conflitos familiares, já que a questão de partida da pesquisa foi verificar: qual a intensidade comunicativa entre pais e filhos numa Escola de Campina Grande e quais os assuntos que geram conflito familiar?

Tais conflitos foram bastante explorados pelos estudos realizados por Parra e Oliva (2002) ao declararem que a manutenção dos direitos e deveres são vistos atualmente como um elemento de negociação, ou seja, um processo comunicativo sem barreiras onde pais e filhos mostrem interesses rompendo com o poder de uma autoridade exacerbada que muitas vezes causa danos psicológicos na relação social. É no âmbito do quadro teórico desses dois autores que realizamos a nossa pesquisa.

Com relação à questão acadêmica, acredita-se que esta pesquisa poderá contribuir com informações importantes em diferentes áreas do conhecimento, com vistas a subsidiar àqueles profissionais que se utilizam da comunicação como

ferramenta indispensável para a construção de uma sociedade mais humana e fraterna.

Partindo dessa perspectiva, bem como, identificando que no Brasil, não existia um instrumento que avaliasse o processo comunicativo entre adolescentes e família, resolveu-se desenvolver esse estudo a fim de avaliar, de forma descritiva, a intensidade comunicativa entre pais e filhos bem como verificar os assuntos que geram conflitos em adolescentes na cidade de Campina Grande/PB.

Para realizar as tarefas desta dissertação, serão utilizados conceitos fundamentais apontados ao longo do quadro teórico.

O conceito de “processos comunicacionais” tem origem no desencontro de sentidos que cada um dos interlocutores atribui às palavras dos outros e às suas próprias mensagens. Os equívocos de compreensão oriundos destes desencontros não deixam de constituir, por isso um fator de barreiras à comunicação. Quando os sujeitos em interações não conseguem separar as coisas entre si os aspectos da realidade que só aparentemente são iguais, estamos perante processos comunicacionais em que predominam as chamadas indiscriminações. Mas as perturbações aos processos de comunicação também podem ter origem no uso freqüente de polarizações por parte de um ou mais intervenientes. Com efeito, o uso sistemático de expressões extremas no discurso dos indivíduos pode levar à descreditação do emissor de tal discurso. Este mecanismo discursivo é uma espécie de tudo ou nada. Para tais emissores, a realidade das situações nunca tem um meio termo – tudo é maximizado na linguagem.

Em relação ao conceito “conflito familiar”, é válido esclarecer que numa medida atitudinal refere-se à frequência da aparição de discussões negativas entre pais e filhos em relação aos mais diversos temas.

O conceito “família” através de (FREIXA, 1998) mostra que a família tem sido ainda foco de inúmeros estudos sociais e psicológicos, considerado conceito família, que sempre definirá na história o caminho de cada comunidade e da humanidade; em seus componentes tradicionais e clássicos do pai, da mãe e dos filhos – a primeira real comunidade em miniatura, - é e será sempre a célula vital decisiva, a verdadeira base sólida, e o termômetro definidor da sociedade sadia, equilibrada ou problemática. A família forma e plasma o homem, que por sua vez, forma e plasma a sociedade. A família educa o homem que decide a formação da sociedade.

O “diálogo” aparece entendido como algo que se dá através da fala, com respeito, e que, através dele, pode surgir um atendimento entre os indivíduos, levando a um acordo, uma negociação, e, a partir desta, os indivíduos podem chegar a um consenso e a diminuição dos conflitos.

Outro conceito em destaque nesta dissertação é o valor do “respeito” que está intimamente ligada às ações que levam a prática do bem coletivo e favorece a manutenção da paz, da união a boa vontade entre os povos.

Pretendemos contribuir para análise e criação de ambientes propiciadores de paz na família e nas diversas teias de relações pessoais e institucionais de que participamos através de uma comunicação pautada no diálogo.

3.2 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem como intuito maior avaliar a intensidade comunicativa com adolescentes e adultos, especificamente, entre pais e filhos em contexto familiar.

3.2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever a intensidade comunicativa entre pais e filhos, e verificar os assuntos que geram maior grau de conflito familiar.

3.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar a intensidade dos diálogos entre pais e filhos;
- Analisar a intensidade comunicativa numa relação de reciprocidade ou rejeição entre os indivíduos no contexto familiar;
- Identificar conflitos familiares relacionados com a família.

PARTE IV

METODOLOGIA



4. TIPO DE ESTUDO

O estudo realizado foi do tipo descritivo, recorrendo a duas escalas, uma de *Instrumento de avaliação da comunicação com pai e mãe*, que mede os padrões comunicativos na família sobre os temas mais variados e outra de *Instrumento de avaliação dos conflitos na relação com os pais* que mede a frequência da aparição de discussões negativas entre pais e filhos em relação aos mais diversos temas.

4.1 SUJEITOS/ FONTES

Participaram desse estudo, 148 adolescentes, distribuídos igualmente no nível escolar Fundamental e Médio, de uma escola da rede pública na cidade de Campina Grande-PB. A escolha desta amostragem não visou uma conotação nem com cultura nem com os contextos socioeconômicos, mas tratou-se de querer formar um grupo heterogêneo; a escolha da escola foi devido ao alto índice de conflitos e queixas assistidas tanto da parte dos pais quanto dos adolescentes pelo pesquisador. Esses respondentes foram adolescentes (homens e mulheres) com idades entre 14 e 19 anos. Essa amostra foi intencional, pois contaram apenas aqueles adolescentes que, quando abordados, concordaram em participar do estudo.

4.2 INSTRUMENTOS

Esses adolescentes responderam a questionário compostos das seguintes medidas:

Instrumento de avaliação da comunicação com pai e mãe. Este instrumento, proposto por Parra e Oliva (2002), compreende uma medida atitudinal que visa avaliar os padrões comunicativos na família sobre os temas mais variados que ocorrem no cotidiano desses jovens. Trata-se de um instrumento auto-aplicável, originalmente com 12 itens, para os quais, os adolescentes indicam a frequência com que ocorre o diálogo entre eles (pais e filhos); isto é, os adolescentes consideram no momento de responder esse instrumento, o quanto eles e seus pais conversam sobre os temas, como: os amigos/as; o que faz quando está fora de casa; os planos para o futuro (estudos, profissão, ter filhos, etc.); sexualidade em geral, etc. Suas respostas devem ser assinaladas, indicando com um círculo ou um

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

X, na escala tipo *Likert* (um tipo de escala de resposta psicométrica usada comumente em questionários), que, neste questionário, varia da seguinte maneira: 1 = nunca, 2 = raramente, 3 = algumas vezes e 4 = muitas vezes.

Instrumento de avaliação dos conflitos na relação com os pais. Este instrumento, também, desenvolvido por Parra e Oliva (2002), é uma medida atitudinal e refere-se à frequência da aparição de discussões negativas entre pais e filhos em relação aos mais diversos temas; isto é, os adolescentes responderam, após ler a cada frase referida, pensando sobre o quanto eles entram em ‘possíveis’ conflitos com seus pais quando se trata da *hora de voltar para casa, a respeito da ocupação do seu tempo livre; O tempo que dedica ao estudo e as notas que tira; Aos amigos com quem sai; relações que tem com outras pessoas;* etc. Para isso, eles indicam numa escala de tipo *Likert*, variando da seguinte maneira: 1 = meus pais é quem decide 2 = meus pais e eu é quem decidimos e 3 = eu decido, representando a decisão quanto à tomada de decisão para as situações especificadas no instrumento. Além disso, os adolescentes responderam a pergunta: ‘Qual a importância da comunicação na família?’ Optando por: (Muito importante/Nada importante/Mais ou menos importante), para fins de melhores esclarecimentos dos contextos nos resultados da pesquisa.

Caracterização Sócio-Demográfica. Os adolescentes responderam a um conjunto de perguntas sobre suas características pessoais (sexo, idade) com a finalidade de caracterizá-los, apenas.

4.3 PROCEDIMENTOS

Inicialmente, o responsável pela coleta de dados visitou a diretoria da instituição de ensino – pública – falando diretamente com os responsáveis pela instituição; em seguida, conseguiu semelhante autorização junto aos professores responsáveis por cada disciplina, a fim de combinar com eles um horário para que se ocupasse uma aula para aplicar os devidos instrumentos. Uma vez com essas autorizações e tendo especificado o dia e hora para aplicação, os adolescentes foram contatados foi-lhes dado a conhecer os objetivos da pesquisa, solicitada a participação voluntária em responder o instrumento. Um único aplicador esteve Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

presente em sala de aula para apresentar o questionário, solucionar as eventuais dúvidas e conferir a qualidade geral das respostas emitidas pelos respondentes. Assegurar-se-á, a todos, o anonimato e a confidencialidade das suas respostas, indicando que estas foram tratadas estatisticamente no seu conjunto, sendo difícil identificar o sujeito respondente das escalas.

PARTE V

APRESENTAÇÃO DOS DADOS



5 APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Vamos apresentar as respostas assinaladas/marcadas pelos 148 adolescentes, que participaram dessa pesquisa, a duas escalas descritas anteriormente, e que apontam para a intensidade comunicativa dos adolescentes com o pai e a mãe a respeito de diversos assuntos em seu grau de conflitualidade.

A título de organização, mostraremos, primeiramente, o gráfico referente ao grau comunicativo dos adolescentes deste estudo. Fá-lo-emos sempre através da apresentação do grupo total e depois caracterizaremos as respostas com jovens do sexo masculino e feminino em separado, com relação à figura paterna e à figura materna.

5.1 RESULTADOS

APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA AMOSTRA

Estão em estudo duas questões: a primeira a que diz respeito ao nível de comunicação dos adolescentes com os seus progenitores; a segunda a que se refere à capacidade de decisão dos mesmos face a actividades presentes no dia a dia familiar. Os resultados das respostas à primeira questão serão primeiro abordados em termos de frequência a 12 actividades que foram propostas no questionário. Trataremos as respostas primeiro no conjunto do grupo (rapazes e moças) e depois, separadamente, os rapazes e as moças tanto em relação com a figura paterna como com a figura materna. A seguir, na parte III apresentaremos os dados referentes a quem decide em casa a propósito, igualmente, de itens constantes no questionário.

1. Resultados da parte I – Níveis de comunicação dos adolescentes com a figura paterna

A) Todos (Rapazes e moças)

O Quadro 1 compreende uma série de questões que visam avaliar os padrões comunicativos na família sobre os temas mais variados que ocorrem no cotidiano dos adolescentes. Trata-se de um instrumento auto-aplicável, composto por 12 itens para os quais os adolescentes indicam a frequência com que ocorre o diálogo com a figura paterna. Lembra-se que o questionário permite respostas com 4 níveis de escolha: N = Nunca, R= Raramente, AV= Algumas vezes, MV= Muitas vezes. Nós adicionamos ao Quadro 1 a coluna NR = Não respondeu, para contemplar os que não responderam.

A partir dos dados fornecidos pelo quadro, compreendemos que, com relação ao primeiro tema, que fala do diálogo com a figura paterna “sobre os amigos”, dos 148 inquiridos 43 nunca dialogam com seu pai, 36 raramente, 38 algumas vezes e apenas 21 muitas vezes. Não respondem à questão 10 inquiridos. Atitude muito parecida a esta apresentam os adolescentes quando se trata de conversar sobre “o que fazem quando estão fora de casa” (item 2). Com respeito à “sexualidade em geral” (item 6) e “ao seu comportamento sexual” (item 7) 74 e 83 nunca dialogam, 25 e 29 raramente, 20 e 17 só algumas vezes e apenas 12 e 6 muitas vezes, respectivamente ao item 6 e 7. Não responderam 17 e 13 dos 148 participantes. O tema que é indicado como assunto de diálogo mais frequente é o tema 4 (Das normas vividas em família). Assinalam-se 35 sujeitos que nunca falam, 28 que dizem raramente falar com a figura paterna, 41 que acham que falam algumas vezes e 32 que o fazem muitas vezes. Há ainda a registrar 12 que não respondem.

Quadro 1 - Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai (Todos)

Com teu pai, você conversa sobre:	N	R	AV	MV	NR
1. De teus amigos(as)	43	36	38	21	10
2. Do que fazes quando estás fora de casa	41	36	47	10	14
3. De teus gostos e interesses	44	31	35	21	17
4. Das normas vividas em família	35	28	41	32	12
5. De teus planos para o futuro	36	26	42	29	15
6. De sexualidade em geral	74	25	20	12	17
7. De teu comportamento sexual	83	29	17	06	13
8. De seus relacionamentos	62	25	33	14	14
9. De álcool e/ou cigarro	64	29	23	18	14
10. De drogas	61	19	27	24	17
11. De política e problemas socio-econômicos	60	29	33	10	16
12. De religião	33	35	38	26	16

Para facilitar a leitura do Quadro 1 resolvemos transformar as respostas em valores ponderados (VP) : N e NR = 0, R= 1, AV= 2, MV= 3. Se todos os inquiridos respondessem MV, a ponderação dos itens atingiria 444 pontos e o seu ponto médio seria 222.

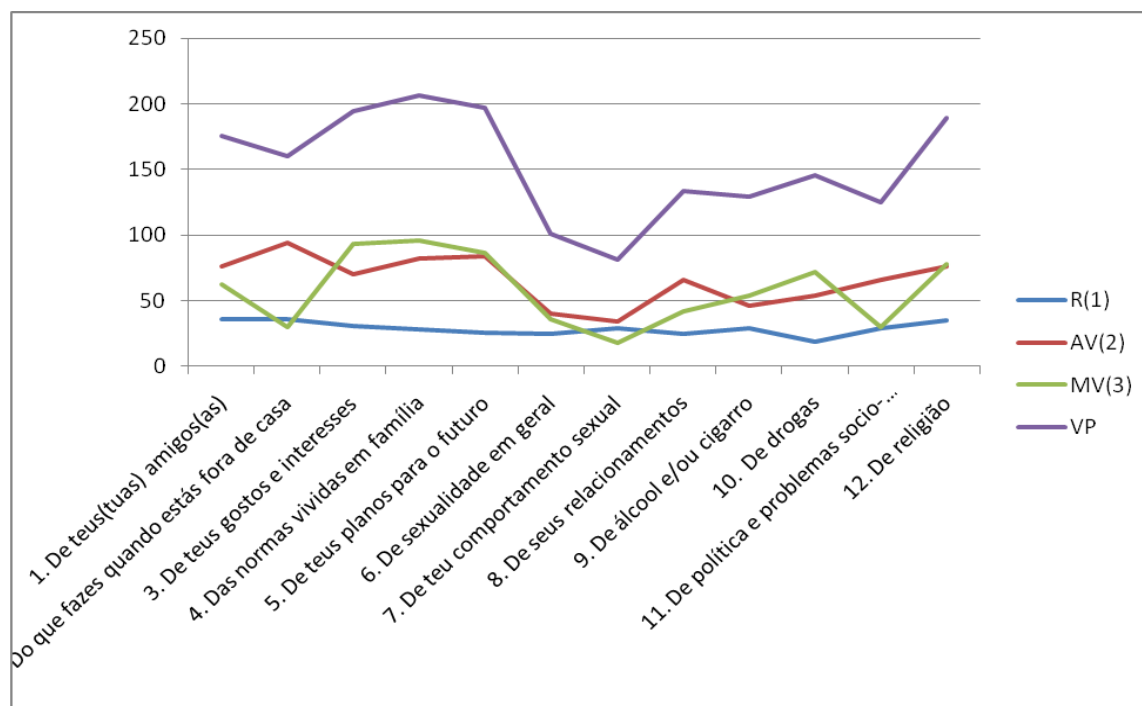
Quadro 2 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai (Todos)

	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR	VP
1. De teus(tuas) amigos(as)	0	36	76	63	0	175
2. Do que fazes quando estás fora de casa	0	36	94	30	0	160
3. De teus gostos e interesses	0	31	70	93	0	194
4. Das normas vividas em família	0	28	82	96	0	206
5. De teus planos para o futuro	0	26	84	87	0	197
6. De sexualidade em geral	0	25	40	36	0	101
7. De teu comportamento sexual	0	29	34	18	0	81
8. De seus relacionamentos	0	25	66	42	0	133
9. De álcool e/ou cigarro	0	29	46	54	0	129
10. De drogas	0	19	54	72	0	145
11. De política e problemas socio-econômicos	0	29	66	30	0	125
12. De religião	0	35	76	78	0	189

Olhando para o Quadro 2 torna-se evidente que todas as pontuações se situam abaixo do ponto médio. O item 4 (Das normas vividas em família) ocupa o primeiro lugar como assunto mais frequente de diálogo; os itens 1 e 2 (De teus amigos e Do que fazes quando estás fora de casa) ocupam a 5.^a e a 6.^a posição ficando na posição de assuntos tabús os itens 6 e 7 (De sexualidade em geral e Do teu comportamento sexual).

Apresentamos a seguir os dados do Quadro 2 em Gráfico (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Frequências e respectivas ponderações (Todos)



Para uma melhor leitura dos dados apresentamos os temas hierarquizados dos menos dialogados para os mais dialogados.

Quadro 3 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai, hierarquizada (Todos)

	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR	VP
7. De teu comportamento sexual	0	29	34	18	0	81
6. De sexualidade em geral	0	25	40	36	0	101
11. De política e problemas socio-econômicos	0	29	66	30	0	125
9. De álcool e/ou cigarro	0	29	46	54	0	129
8. De seus relacionamentos	0	25	66	42	0	133
10. De drogas	0	19	54	72	0	145
2. Do que fazes quando estás fora de casa	0	36	94	30	0	160
1. De teus(tuas) amigos(as)	0	36	76	63	0	175
12. De religião	0	35	76	78	0	189
3. De teus gostos e interesses	0	31	70	93	0	194
5. De teus planos para o futuro	0	26	84	87	0	197
4. Das normas vividas em família	0	28	82	96	0	206

Os adolescentes considerados na sua totalidade (rapazes e moças) dialogam pouco “sobre a sexualidade”, “sobre assuntos políticos”, “sobre álcool e droga”,

“sobre os seus relacionamentos”. “As normas vividas em casa”, “os planos para o futuro”, “os gostos e interesses” e a “religião” constituem temas mais abordados.

Se pretendermos ficar com uma ideia global do nível de comunicação deste grupo de adolescentes (rapazes e moças) com a figura paterna podemos calcular a média aritmética da soma das ponderações. A média é de 152,9 que ganha algum significado quando relacionada com a pontuação máxima (444) e o ponto médio desse valor (222).

B - Rapazes

Vamos agora separar dos dados anteriores as escolhas relacionadas só com os rapazes.

Quadro 4 - Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai (Rapazes)

Com teu pai, você conversa sobre:	N	R	A.V	M. V	N.R
1. De teus amigos (as)	13	18	23	6	03
2. Do que fazes quando estás fora de casa	12	15	24	7	05
3. De teus gostos e interesses	18	14	11	14	06
4. Das normas vividas em família	12	16	17	15	03
5. De teus planos para o futuro	14	14	23	9	03
6. De sexualidade em geral	29	13	13	3	05
7. De teu comportamento sexual	30	15	12	1	05
8. De seus relacionamentos	20	18	17	4	04
9. De álcool e/ou cigarro	30	13	8	7	05
10. De drogas	26	5	15	10	07
11. De política e problemas socio-econômicos	27	8	17	6	05
12. De religião	13	17	17	9	07

No Quadro 4 apresenta-se a situação de comunicação entre os rapazes e a figura paterna, à volta dos temas propostos. Os itens 1 e 2 tem uma frequência de opções quase idêntica: respectivamente, 13,12 nunca dialogam, 18,15 raramente, 23, 24 só algumas vezes e apenas 6, 7 muitas vezes. Não responderam 3, 5.

Os itens que representam uma espécie de tabu são os itens relacionados com a sexualidade (6- Da sexualidade em geral; 7 – Do teu comportamento sexual) e os relacionados com os relacionamentos (8 – De seus relacionamentos); e “sobre álcool e /ou cigarros” (Item 9).

Vamos ponderar as escolhas da mesma maneira que o fizemos na análise anterior (Quadro 5). Eles são 63 no total e a ponderação máxima poderia atingir 189 pontos com ponto médio em 94,5. Assinalam-se, desde já, 6 itens com valores

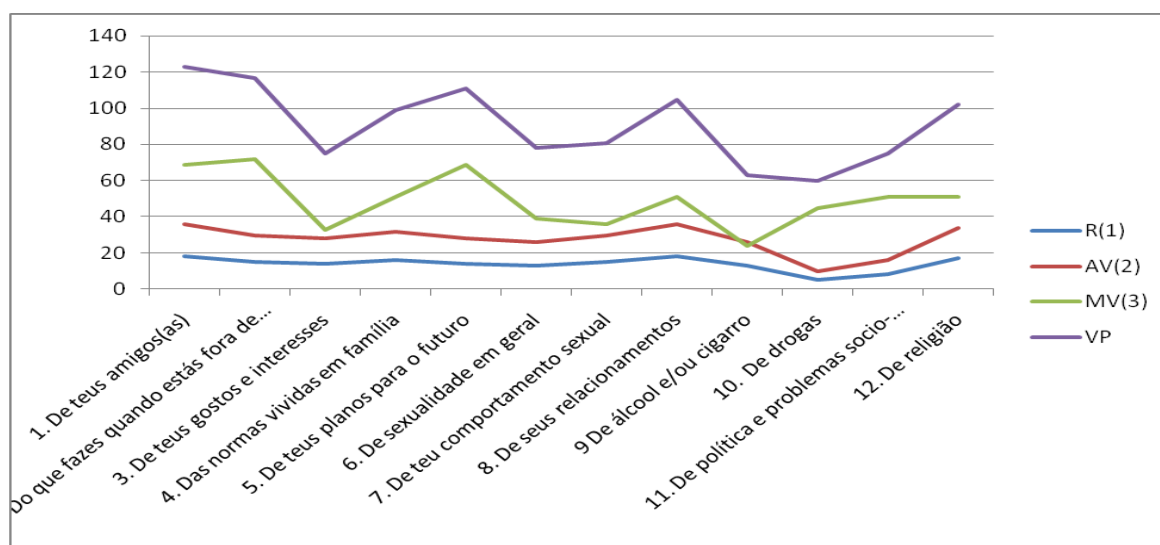
superiores ao ponto médio. Os temas objecto de mais ou menos diálogo ficam claros. Fala-se “dos amigos” e “do que se faz fora de casa” com maior frequência do que “de drogas e “do álcool e/ou cigarros”.

Quadro 5 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai (Rapazes)

	N(0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR(0)	VP
1. De teus amigos(as)	0	18	36	69	0	123
2. Do que fazes quando estás fora de casa	0	15	30	72	0	117
3. De teus gostos e interesses	0	14	28	33	0	75
4. Das normas vividas em família	0	16	32	51	0	99
5. De teus planos para o futuro	0	14	28	69	0	111
6. De sexualidade em geral	0	13	26	39	0	78
7. De teu comportamento sexual	0	15	30	36	0	81
8. De seus relacionamentos	0	18	36	51	0	105
9 De álcool e/ou cigarro	0	13	26	24	0	63
10. De drogas	0	05	10	45	0	60
11. De política e problemas socio-econômicos	0	08	16	51	0	75
12. De religião	0	17	34	51	0	102

O Gráfico 2 permite uma leitura relativa do posicionamento dos diferentes itens como temas de diálogo entre rapazes e a figura paterna.

Gráfico 2 - Escolhas e respectivas ponderações



Para uma maior clarificação dos temas menos dialogados e mais dialogados apresentamos os dados hierarquizados.

Quadro 6 - Ponderação de freqüências com que conversa com o teu pai, hierarquizada (Rapazes)

	(0)	(1)	V(2)	V(3)	R	P
10. De drogas	0	05	10	45	0	60
9 De álcool e/ou cigarro	0	13	26	24	0	63
3. De teus gostos e interesses	0	14	28	33	0	75
11. De política e problemas socio-econômicos	0	08	16	51	0	75
6. De sexualidade em geral	0	13	26	39	0	78
7. De teu comportamento sexual	0	15	30	36	0	81
4. Das normas vividas em família	0	16	32	51	0	99
12. De religião	0	17	34	51	0	102
8. De seus relacionamentos	0	18	36	51	0	105
5. De teus planos para o futuro	0	14	28	69	0	111
2. Do que fazes quando estás fora de casa	0	15	30	72	0	117
1. De teus amigos(as)	0	18	36	69	0	123

Os itens pouco abordados são o 10 (De drogas), o 9 (De álcool e/ou cigarro), o 3 (De teus gostos e interesses), o 11 (De política e problemas socio-econômicos). Os temas que são de diálogo mais freqüente são o 1 (De teus amigos), o 2 (Do que fazes quando estás fora de casa), o 8 (De seus relacionamentos), o 12 (De religião). O valor médio das comunicações é 90,75 valor que fica abaixo do ponto médio.

C - Moças

O Quadro 7 mostra, de forma particularizada, a situação de comunicação entre as moças e a figura paterna.

Quadro 7- Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai (Moças).

Com teu pai, você conversa sobre:	N	R	A.V	M. V	N. R
1. De teus amigos (as)	30	18	15	15	7
2. Do que fazes quando estás fora de casa	29	21	23	3	9
3. De teus gostos e interesses	26	17	13	19	10
4. Das normas vividas em família	23	12	24	17	9
5. De teus planos para o futuro	22	12	19	20	12
6. De sexualidade em geral	45	12	7	9	12
7. De teu comportamento sexual	53	14	5	5	8
8. De seus relacionamentos	42	7	16	10	10
9. De álcool e/ou cigarro	34	16	15	11	9
10. De drogas	35	14	12	14	10
11. De política e problemas socio-econômicos	33	21	16	4	11
12. De religião	20	18	21	17	9

Uma vez mais constatamos que a questão da sexualidade – “em termos gerais” (item 6), ou “do seu comportamento sexual” (item 7) apresenta-se como tema tabu, na medida em que do total de 85 inquiridas, 45 e 53, respectivamente, afirmam nunca dialogar com a figura paterna no que respeita a esse tema.

Numa posição oposta encontramos os itens 3 (De seus gostos e interesses) e 5 (De teus planos para o futuro) nos quais observamos que 19 e 20 inquiridas, respectivamente, afirmam falar com frequência sobre os temas indicados.

Quadro 8 - Ponderação de frequências com que conversa com o teu pai (Moças)

Com teu pai, você conversa sobre:	N(0)	R(1)	A.V(2)	M. V(3)	N. R(0)	VP
1. De teus amigos (as)	0	18	30	45	0	93
2. Do que fazes quando estás fora de casa	0	21	46	9	0	76
3. De teus gostos e interesses	0	17	26	57	0	100
4. Das normas vividas em família	0	12	48	51	0	111
5. De teus planos para o futuro	0	12	38	60	0	110
6. De sexualidade em geral	0	12	14	27	0	53
7. De teu comportamento sexual	0	14	10	15	0	39
8. De seus relacionamentos	0	7	32	30	0	69
9. De álcool e/ou cigarro	0	16	30	33	0	79
10. De drogas	0	14	24	42	0	80
11. De política e problemas socio-econômicos	0	21	32	12	0	65
12. De religião	0	18	42	51	0	111

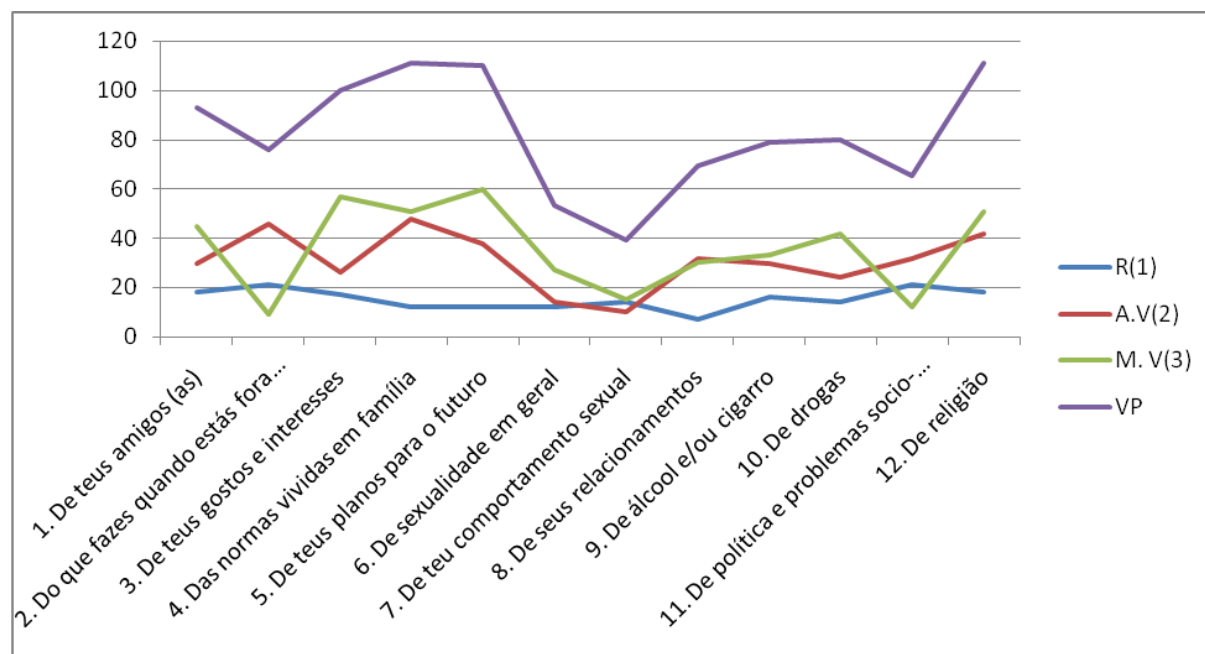
Tendo em conta os valores ponderados, nota-se uma baixa frequência comunicativa (39) no que concerne ao comportamento sexual dessas jovens. Em

contrapartida, constata-se um índice bastante elevado na intensidade comunicativa no que se refere “às normas vividas em família” (111). Valores de ponderação similares são igualmente observados no que respeita a diálogo referente “à religião” (item 12), “planos para o futuro” (item 5) e “gostos e interesses pessoais” (item 3).

Com base nas análises anteriores, também nesta tabela importa salientar que, considerando um valor de ponderação máximo de 255 (na eventualidade de as 85 inquiridas responderem MV), os valores de ponderação assinalados, em nenhum dos itens, se aproxima do ponto médio (127,5).

Apresentamos, seguidamente, os dados da tabela 8 em Gráfico

Gráfico 3 - Escolhas e respectivas ponderações



Quadro 9- Distribuição de frequências com que conversa com o teu pai, hierarquizada (Moças)

Com teu pai, você conversa sobre:	N(0)	R(1)	A.V(2)	M. V(3)	N. R(0)	VP
7. De teu comportamento sexual	0	14	10	15	0	39
6. De sexualidade em geral	0	12	14	27	0	53
11. De política e problemas socio-econômicos	0	21	32	12	0	65
8. De seus relacionamentos	0	7	32	30	0	69
2. Do que fazes quando estás fora de casa	0	21	46	9	0	76
9. De álcool e/ou cigarro	0	16	30	33	0	79
10. De drogas	0	14	24	42	0	80
1. De teus amigos (as)	0	18	30	45	0	93
3. De teus gostos e interesses	0	17	26	57	0	100
5. De teus planos para o futuro	0	12	38	60	0	110
4. Das normas vividas em família	0	12	48	51	0	111
12. De religião	0	18	42	51	0	111

Face ao quadro supracitado, podemos verificar que temas como “a religião”, “normas vividas em família”, “teus planos para a futuro” e “teus gostos e interesses” são os temas mais dialogados com a figura paterna. Por outro lado, questões relacionadas “com sexualidade”, “política e problemas socioeconômicos” e “relacionamentos” das adolescentes apresentam-se como os itens relativamente aos quais se verifica menor incidência de diálogo.

D – Dados comparativos da intensidade comunicativa referentes a todos, rapazes e moças, com relação à figura paterna.

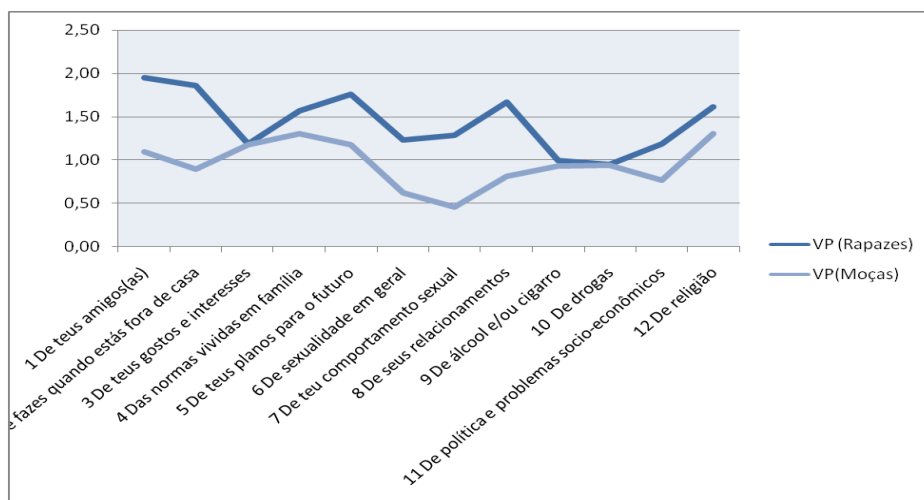
Os valores apresentados no Quadro 10 constituem médias de cada ponderação tendo em conta o número de sujeitos (Quadro 10).

Quadro 10 - Valores médios da ponderação de frequência com que conversa com o teu pai (Todos, rapazes, moças)

Com teu pai, você conversa sobre:	VP(Todos)	VP (Rapazes)	VP(Moças)
1 De teus amigos(as)	1,18	1,95	1,09
2 Do que fazes quando estás fora de casa	1,08	1,86	0,89
3 De teus gostos e interesses	1,31	1,19	1,18
4 Das normas vividas em família	1,39	1,57	1,31
5 De teus planos para o futuro	1,33	1,76	1,18
6 De sexualidade em geral	0,68	1,24	0,62
7 De teu comportamento sexual	0,55	1,29	0,46
8 De seus relacionamentos	0,90	1,67	0,81
9 De álcool e/ou cigarro	0,87	1,00	0,93
10 De drogas	0,98	0,95	0,94
11 De política e problemas socio-econômicos	0,84	1,19	0,76
12 De religião	1,28	1,62	1,31

As médias obtidas pelas moças em todos os itens são mais baixas que as obtidas pelos rapazes, donde se conclui que as moças parecem ter uma maior dificuldade geral de diálogo com a figura paterna, qualquer que seja o assunto. Nos rapazes recai abaixo do raramente o item 10 (De drogas) (tendo em conta que a opção raramente foi ponderada com o valor 1). Nas moças os itens que recaem abaixo do raramente, por ordem crescente, são os itens 7, 6, 11, 8, 2.

Gráfico 4 - Valores médios da ponderação de frequência com que conversa com o teu pai (Rapazes, moças)



2. Resultados da parte II – Níveis de comunicação dos adolescentes com a figura materna.

A) Todos (Rapazes e moças)

O questionário colocava a mesma série de questões sobre padrões comunicativos face à figura materna. Facultava as mesmas opções: N = Nunca, R= Raramente, AV= Algumas vezes, MV= Muitas vezes, as quais juntamos NR para contemplar os que não escolheram nenhuma opção. O Quadro 11 representa as frequências das opções do grupo na sua totalidade.

Quadro 11 - Distribuição de frequências com que conversa com a tua mãe (Todos)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N	R	A.V	M.V	N.R
1. De teus amigos (as)	14	20	42	66	6
2. Do que fazes quando estás fora de casa	18	22	43	50	15
3. De teus gostos e interesses	14	27	38	57	12
4. Das normas vividas em família	23	24	36	62	3
5. De teus planos para o futuro	27	13	38	65	5
6. De sexualidade em geral	58	30	29	22	9
7. De teu comportamento sexual	62	26	26	25	9
8. De seus relacionamentos	39	34	25	41	9
9. De álcool e/ou cigarro	48	31	32	32	5
10. De drogas	52	32	25	31	8
11. De política e problemas socio-econômicos	49	31	35	30	3
12. De religião	19	24	46	50	9

Os dados do quadro acima indicam que 62 adolescentes (moças e rapazes) nunca dialogam com a figura materna sobre “o comportamento sexual”, seguidos de 58 que nunca falam sobre “sexualidade em geral”. Estes dados reforçam, por assim dizer, um tabu a respeito do quesito sexo e sexualidade, tanto face à figura paterna como com a figura materna. Outrossim, nos surpreende o fato de: apenas 14 adolescentes nunca falarem sobre “os amigos” e de “seus gostos e interesses”. Estes dados indicam que não constituem tabu para a maioria dos adolescentes inquiridos. Porém, 34 adolescentes raramente dialogam com a mãe sobre “seus relacionamentos” e 13 raramente conversam a respeito “de seus planos para o futuro”. Ao olharmos para o item 12, (assuntos de religião) cerca de 46 adolescentes abordam a questão algumas vezes e 50 muitas vezes. Nessa esteira, observa-se que 66 adolescentes falam com a figura materna muitas vezes a respeito de “seus amigos”, demonstrando com isso, que tais adolescentes trazem para a esfera familiar as suas amizades, abordando em maior ou menor grau, o que dialogam e partilham com os seus amigos. São igualmente objetos muitas vezes de conversa os itens 1, 2,3,4 e 5 que se referem a “seus amigos”, “do que fazes quando estás fora de casa”, “de teus gostos e interesses”, “das normas vividas em família”, “de teus planos para o futuro”.

Com base nas frequências ponderamos as escolhas (N e NR = 0, R= 1, AV= 2, MV= 3). Dado que o número dos inquiridos é o total do grupo (148) a ponderação máxima poderia ser 444 e o seu ponto médio 222 (Quadro 12).

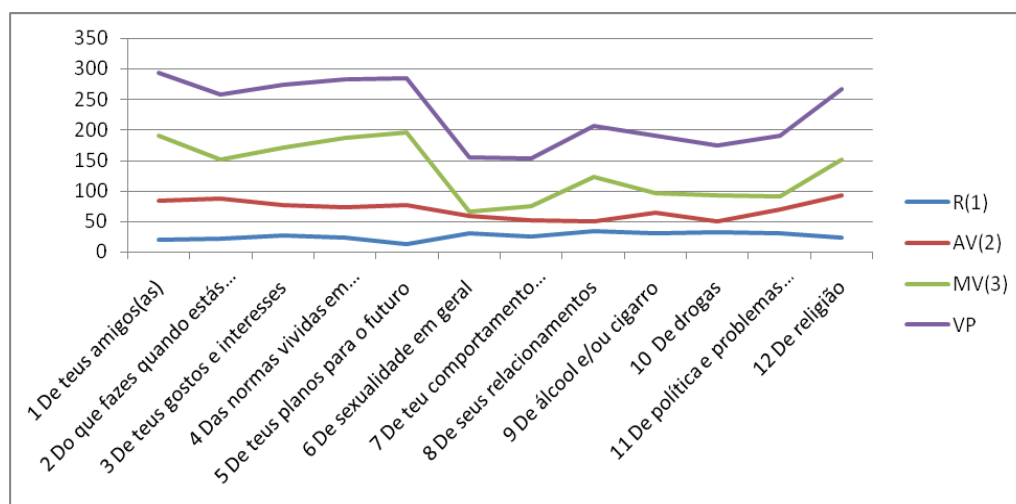
Quadro 12 - Ponderação de frequência com que conversa com a tua mãe (Todos)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR	VP
1 De teus amigos(as)	0	20	84	189	0	293
2 Do que fazes quando estás fora de casa	0	22	86	150	0	258
3 De teus gostos e interesses	0	27	76	171	0	274
4 Das normas vividas em família	0	24	72	186	0	282
5 De teus planos para o futuro	0	13	76	195	0	284
6 De sexualidade em geral	0	30	58	66	0	154
7 De teu comportamento sexual	0	26	52	75	0	153
8 De seus relacionamentos	0	34	50	123	0	207
9 De álcool e/ou cigarro	0	31	64	96	0	191
10 De drogas	0	32	50	93	0	175
11 De política e problemas socio-econômicos	0	31	70	90	0	191
12 De religião	0	24	92	150	0	266

A ponderação das frequências com relação à mãe apresenta valores com índices bem mais altos na intensidade comunicativa ao compararmos com os valores indicados na tabela de ponderação que se refere ao pai, quando se tem em conta o grupo todo. Há 6 itens que ultrapassam o ponto médio (222). Assim sendo, esses adolescentes falam muito sobre “seus amigos” com a figura materna (293). Já com relação ao comportamento sexual a intensidade comunicativa cai para 153 (item 7) o que reforça, mais uma vez, um silenciamento velado a respeito de assuntos que ‘mexem’ com a intimidade ao nível da sexualidade desses adolescentes. Outros itens que atingem pontuação superior ao ponto médio são os temas: “do que fazes quando estás fora de casa”; “de teus gostos e interesses”, “das normas vividas em família”, “dos teus planos para o futuro”; “da religião”.

Vamos tentar visualizar estes dados através do gráfico Gráfico 5.

Gráfico 5 – Frequências e respectivas ponderações



Quadro 13 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Todos)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR	VP
7 De teu comportamento sexual	0	26	52	75	0	153
6 De sexualidade em geral	0	30	58	66	0	154
10 De drogas	0	32	50	93	0	175
9 De álcool e/ou cigarro	0	31	64	96	0	191
11 De política e problemas socio-econômicos	0	31	70	90	0	191
8 De seus relacionamentos	0	34	50	123	0	207
2 Do que fazes quando estás fora de casa	0	22	86	150	0	258
12 De religião	0	24	92	150	0	266
3 De teus gostos e interesses	0	27	76	171	0	274
4 Das normas vividas em família	0	24	72	186	0	282
5 De teus planos para o futuro	0	13	76	195	0	284
1 De teus amigos(as)	0	20	84	189	0	293

De acordo com o quadro 13, os itens que não fazem parte de diálogo freqüente com a figura materna são: “de teu comportamento sexual”, “de sexualidade em geral”, “de drogas”, “de álcool e/ou cigarro”, “de política e problemas socio-econômicos”. Ao invés os itens que são assuntos de conversa referem-se: “a teus amigos”, “a teus planos para o futuro”, “das normas vividas em família”, “de teus gostos e interesses”.

Para ficarmos a entender melhor o que estes números indicam no seu conjunto, calculamos a média do nível comunicativo com a figura materna. A média é de 227,33 superior ao ponto médio (222) e igualmente superior à média encontrada para o nível de comunicação com a figura paterna (152,9).

B - Rapazes

Vamos agora separar do grupo geral as escolhas feitas pelos rapazes com respeito à figura materna.

Quadro 14 - Distribuição de frequências com que conversa com a tua mãe (Rapazes)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N	R	A. V	M. V	N.R
1. De teus amigos(as)	7	11	21	21	03
2. Do que fazes quando estás fora de casa	9	11	23	18	02
3. De teus gostos e interesses	10	12	16	19	06
4. Das normas vividas em família	13	10	18	21	01
5. De teus planos para o futuro	15	7	20	18	03
6. De sexualidade em geral	31	11	14	4	03
7. De teu comportamento sexual	33	10	13	5	02
8. De seus relacionamentos	21	18	10	12	02
9. De álcool e/ou cigarro	21	8	20	12	02
10. De drogas	22	15	7	16	03
11. De política e problemas socio-econômicos	27	9	16	9	02
12. De religião	10	14	18	18	03

O Quadro 14 mostra-nos, em um primeiro momento, que 33 rapazes afirmaram que nunca falam com suas mães sobre “os seus comportamentos sexuais”, seguidos de 31 sobre “sexualidade em geral”. Nesta perspectiva, outros 18 rapazes marcaram que raramente falam com suas mães a respeito “de seus relacionamentos”, 15 “sobre drogas” e 14 a respeito “de religião”. Além disso, 23 rapazes assinalaram que falam algumas vezes “sobre o que fazem quando estão fora de casa”, e 21 sobre “os seus amigos”. Encontramos também 21 rapazes que falam muitas vezes sobre “os amigos” e 21 sobre “as normas vividas em família” com as mães. O número dos que não responderam varia entre 1 e 6 rapazes.

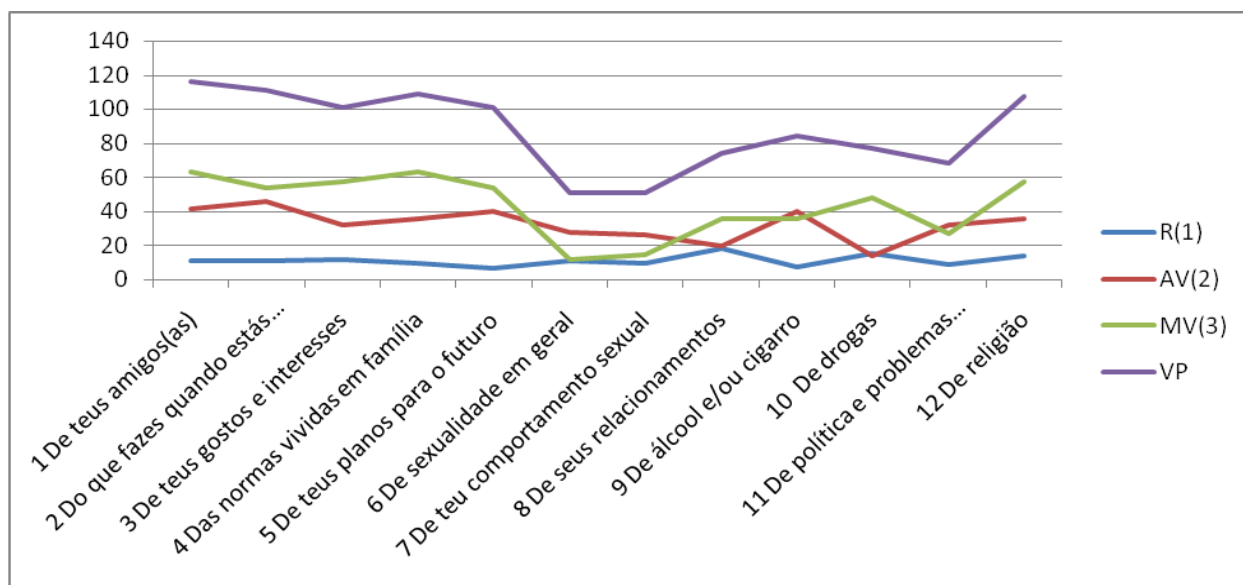
Vamos ponderar as escolhas como o fizemos anteriormente. Eles são 63 no total e a ponderação máxima poderia atingir 189 pontos com ponto médio em 94,5. Podemos verificar que há seis itens que ultrapassam o valor do ponto médio. Os temas objeto de mais diálogo são os primeiros 5 itens e o último. Aparecem como temas reservados os temas relacionados com a sexualidade, com os relacionamentos, com assuntos ligados ao álcool, cigarro, droga e política.

Quadro 15 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Rapazes)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR	VP
1 De teus amigos(as)	0	11	42	63	0	116
2 Do que fazes quando estás fora de casa	0	11	46	54	0	111
3 De teus gostos e interesses	0	12	32	57	0	101
4 Das normas vividas em família	0	10	36	63	0	109
5 De teus planos para o futuro	0	07	40	54	0	101
6 De sexualidade em geral	0	11	28	12	0	51
7 De teu comportamento sexual	0	10	26	15	0	51
8 De seus relacionamentos	0	18	20	36	0	74
9 De álcool e/ou cigarro	0	08	40	36	0	84
10 De drogas	0	15	14	48	0	77
11 De política e problemas socio-econômicos	0	09	32	27	0	68
12 De religião	0	14	36	57	0	107

O gráfico 6 permite uma leitura horizontal das ponderações de diferentes escolhas e da ponderação global para cada item.

Gráfico 6 - Escolhas e respectivas ponderações.



Para uma maior clarificação dos temas mais e menos falados vamos colocá-los de forma hierarquizada (Quadro 16).

Quadro 16 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Rapazes)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR	VP
6 De sexualidade em geral	0	11	28	12	0	51
7 De teu comportamento sexual	0	10	26	15	0	51
11 De política e problemas socio-econômicos	0	09	32	27	0	68
8 De seus relacionamentos	0	18	20	36	0	74
10 De drogas	0	15	14	48	0	77
9 De álcool e/ou cigarro	0	08	40	36	0	84
3 De teus gostos e interesses	0	12	32	57	0	101
5 De teus planos para o futuro	0	07	40	54	0	101
12 De religião	0	14	36	57	0	107
4 Das normas vividas em família	0	10	36	63	0	109
2 Do que fazes quando estás fora de casa	0	11	46	54	0	111
1 De teus amigos(as)	0	11	42	63	0	116

Seis são os itens que ficam com valores abaixo do ponto médio e os outros seis atingem valores superiores ao ponto médio. O valor médio das comunicações dos rapazes com a figura materna é de 87,5 abaixo do ponto médio, e inferior ao nível de comunicação com a figura paterna.

C - Moças

O Quadro 17 mostra, de forma particularizada, a frequência das comunicações sobre determinados itens entre as moças e a figura materna.

Tabela 17- Distribuição de frequências com que conversa com a tua mãe (Moças)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N	R	A.V	M. V	N. R
1. De teus amigos (as)	7	9	21	45	03
2. Do que fazes quando estás fora de casa	9	11	30	32	03
3. De teus gostos e interesses	4	15	22	38	06
4. Das normas vividas em família	10	14	18	41	02
5. De teus planos para o futuro	12	6	18	47	02
6. De sexualidade em geral	27	19	15	18	06
7. De teu comportamento sexual	29	16	13	20	07
8. De seus relacionamentos	18	16	15	29	07
9. De álcool e/ou cigarro	27	23	12	20	03
10. De drogas	30	17	18	15	05
11. De política e problemas socio-econômicos	22	22	17	21	03
12. De religião	9	10	28	32	06

Este Quadro 17 nos indica que 30 moças nunca e que 17 raramente dialogam com suas mães a respeito de drogas e também que 29 nunca e 16 raramente dialogam sobre os seus comportamentos sexuais. São também objetos de reserva assuntos associados a álcool/ e ou cigarro e à política. Em contrapartida, 47 moças falam muitas vezes sobre “seus planos para o futuro”, 45 “sobre os amigos” e 41 “sobre as normas vividas em família” no diálogo com suas mães.

É relativamente elevado o número de não respondentes. Situa-se entre 2 e 7.

Vamos ponderar as frequências das escolhas para verificarmos o peso global de cada um dos itens. São no total 85 pelo que a pontuação máxima poderia vir a chegar a 255 pontos sendo o seu ponto médio 127,5.

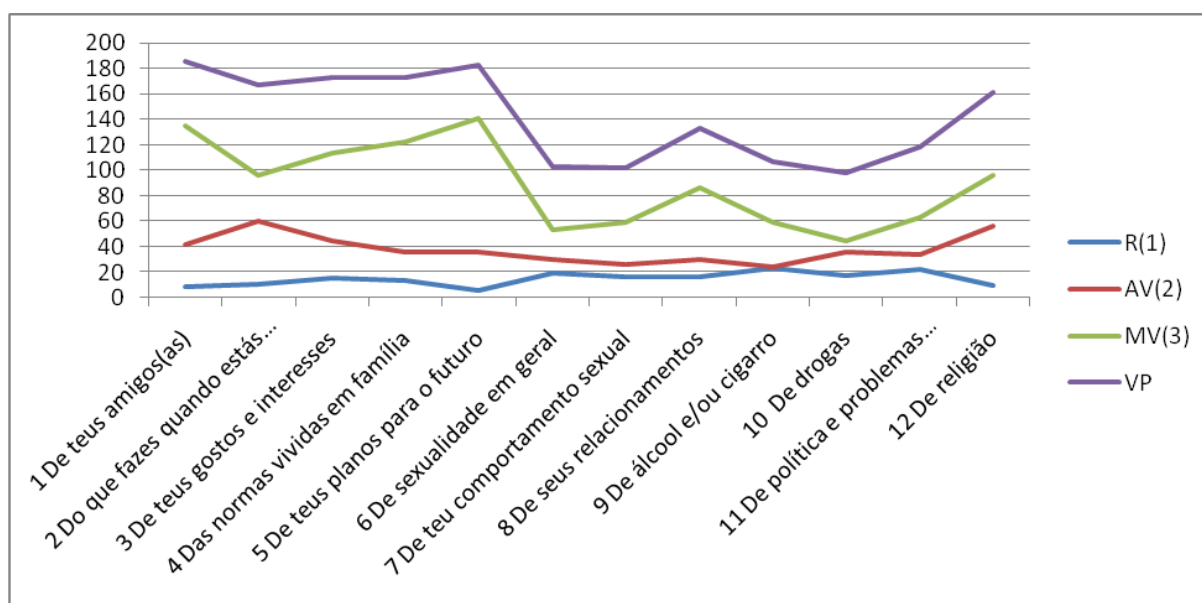
Quadro 18 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Moças)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR (0)	VP
1 De teus amigos(as)	0	09	42	135	0	186
2 Do que fazes quando estás fora de casa	0	11	60	96	0	167
3 De teus gostos e interesses	0	15	44	114	0	173
4 Das normas vividas em família	0	14	36	123	0	173
5 De teus planos para o futuro	0	06	36	141	0	183
6 De sexualidade em geral	0	19	30	54	0	103
7 De teu comportamento sexual	0	16	26	60	0	102
8 De seus relacionamentos	0	16	30	87	0	133
9 De álcool e/ou cigarro	0	23	24	60	0	107
10 De drogas	0	17	36	45	0	98
11 De política e problemas socio-econômicos	0	22	34	63	0	119
12 De religião	0	10	56	96	0	162

Há 7 itens que superam na pontuação que alcançam o ponto médio (127,5). Para além dos primeiros 5 itens juntamente com o item 12 já assinalados no grupo dos rapazes, encontramos o item 8 (De seus relacionamentos) incluído na lista, quando até agora aparecia como assunto reservado. No que diz respeito ao item drogas ele atinge a menor ponderação (98).

Apresentamos estes mesmos dados em gráfico (Gráfico 7) para uma para uma leitura horizontal.

Gráfico 7 - Escolhas e respectivas ponderações (Moças)



Para concluirmos a nossa análise vamos colocar os dados de forma hierarquizada, da menor para a maior.

Quadro 19 - Ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Moças)

Com tua mãe, você conversa sobre:	N (0)	R(1)	AV(2)	MV(3)	NR (0)	VP
10 De drogas	0	17	36	45	0	98
7 De teu comportamento sexual	0	16	26	60	0	102
6 De sexualidade em geral	0	19	30	54	0	103
9 De álcool e/ou cigarro	0	23	24	60	0	107
11 De política e problemas socio-econômicos	0	22	34	63	0	119
8 De seus relacionamentos	0	16	30	87	0	133
12 De religião	0	10	56	96	0	162
2 Do que fazes quando estás fora de casa	0	11	60	96	0	167
4 Das normas vividas em família	0	14	36	123	0	173
3 De teus gostos e interesses	0	15	44	114	0	173
5 De teus planos para o futuro	0	06	36	141	0	183
1 De teus amigos(as)	0	09	42	135	0	186

Há 5 itens que ficam abaixo do ponto médio (127,5), embora sem uma pontuação muito baixa. Há em contrapartida 7 itens que superam o ponto médio, dando indicações de que são “algumas vezes” objeto de conversa. A média do nível de comunicação das moças com a figura materna é de 142,2, superior ao ponto médio.

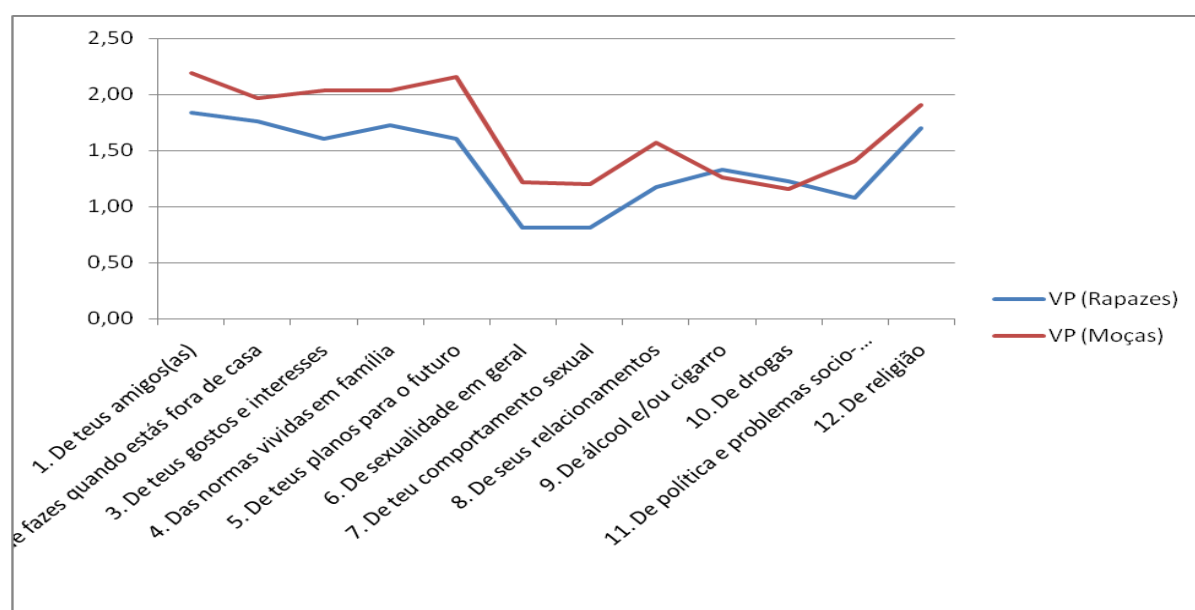
D – Dados comparativos da intensidade comunicativa referentes a todos, rapazes e moças com relação à figura materna.

Os valores constituem médias de cada ponderação tendo em conta o número de sujeitos (Quadro 20). Desta vez as moças atingem valores superiores na comunicação com a figura materna em todos os itens excetuando os itens que dizem respeito a drogas e ao álcool que aparecem como itens que os rapazes tem maior pontuação. A maior parte desses itens consegue atingir ou estar próximo da frequência “algumas vezes”.

Quadro 20 - Valores médios da ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Todos, rapazes, moças)

Com tua mãe, você conversa sobre:	VP (Todos)	VP (Rapazes)	VP (Moças)
1. De teus amigos(as)	1,98	1,84	2,19
2. Do que fazes quando estás fora de casa	1,74	1,76	1,96
3. De teus gostos e interesses	1,85	1,60	2,04
4. Das normas vividas em família	1,91	1,73	2,04
5. De teus planos para o futuro	1,92	1,60	2,15
6. De sexualidade em geral	1,04	0,81	1,21
7. De teu comportamento sexual	1,03	0,81	1,20
8. De seus relacionamentos	1,40	1,17	1,56
9. De álcool e/ou cigarro	1,29	1,33	1,26
10. De drogas	1,18	1,22	1,15
11. De política e problemas socio-econômicos	1,29	1,08	1,40
12. De religião	1,80	1,70	1,91

Gráfico 8 - Valores médios da ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe (Rapazes, moças)



Resultados da parte III – Face ao conflito quem decide?

A - Todos (Rapazes e moças)

Para além da frequência comunicativa dos rapazes e moças com seus respectivos pais e mães a nossa pesquisa contemplou, como já antes dito, uma outra escala que indica o ‘poder de decisão’ dos 148 adolescentes, participantes deste estudo, na qual estaria pressuposto um possível conflito familiar. Neste sentido, questionados sobre uma lista de assuntos os adolescentes deveriam assinalar as seguintes opções: *Meus pais é quem decide*, *Meus pais e eu é quem decidimos* e *Eu decido*. Assim, procederemos na apresentação dos dados como o fizemos na parte I e II, com a junção dos dados dos rapazes e das moças, primeiro e depois e em separado as opções dos rapazes e as opções das moças.

Quadro 21 - Distribuição de frequências de opções sobre quem é que decide (Todos)

TODOS	Meus pais é quem decide	Meus pais e eu é quem decidimos	Eu decido	N.R
1. Hora de voltar para casa	43	75	28	02
2. Tempo livre	10	50	80	08
3. Tempo dedicado aos estudos	19	46	78	05
4. Aos amigos	29	48	66	05
5. As relações interpessoais	24	37	71	16
6. Conduta sexual	17	24	93	14
7. Como se veste ou fala	07	42	91	08
8. As tarefas de casa	32	75	35	06
9. Fumar e beber álcool	52	46	48	02
10. Uso de drogas	52	41	48	07
11. Onde vai quando saís de casa	23	53	68	04
12. Em que gastas teu dinheiro	07	42	91	08
13. Política e economia	23	47	75	03
14. Carreira ou profissão	05	30	110	03
15. Religião e prática da mesma	14	37	92	05

Ao lançarmos um olhar para tabela em questão, percebemos que os *pais é quem decide* com maior poder no que diz respeito aos itens “fumar e beber álcool”, bem como “uso de drogas” (52). Há dois itens, “horas de voltar para casa” (1) e “tarefas de casa” (8) que a maioria declara que quem decide são os pais e eles conjuntamente. A maioria dos itens (2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13,14,15) recaem sobre a decisão individual dos adolescentes. A decisão sobre a escolha da carreira e da

profissão é claramente uma opção pouco partilhada. É de foro pessoal segundo 110 dos 148 adolescentes. Há, no entanto alguns itens que não aparecem como consensuais. Há adolescentes em número razoável, próximo de um terço, que partilham a decisão com os pais sobre “o tempo livre”, “tempo dedicado aos estudos”, “com relação aos amigos”, “como se veste ou fala”, “onde vai quando sai de casa”, “em que gasta o seu dinheiro”, “política e economia” com os pais. O número de não respondentes oscila entre 3 e 16 adolescentes.

B- Rapazes

O Quadro 22 mostra, de forma particularizada, o poder decisão com relação aos rapazes.

Quadro 22 - Distribuição de freqüências de opções sobre quem é que decide (Rapazes)

	Meus pais é quem decide	Meus pais e eu é quem decidimos	Eu decido	N.R
1. Hora de voltar para casa	18	32	11	02
2. Tempo livre	04	19	37	03
3. Tempo dedicado aos estudos	09	21	32	01
4. Aos amigos	10	21	29	03
5. As relações interpessoais	10	16	35	02
6. Conduta sexual	09	06	44	04
7. Como se veste ou fala	03	17	40	03
8. As tarefas de casa	17	25	18	03
9. Fumar e beber álcool	21	17	24	01
10. Uso de drogas	20	19	20	04
11. Onde vai quando saís de casa	09	18	34	02
12. Em que gastas teu dinheiro	02	15	42	04
13. Política e economia	13	21	26	03
14. Carreira ou profissão	01	13	47	02
15. Religião ou prática da mesma	07	17	38	01

No que se refere à recorrência do item *meus pais é quem decide*, 21 rapazes assinalaram que a tomada de decisão é por parte dos pais sobre “fumar e beber álcool”, no mesmo sentido, 20 indicaram sobre o “uso de drogas”, além de 18 que afirmaram que seus pais decidem sobre a “hora de voltar para casa”, porém, o menor índice desse quesito recaiu sobre “em que gastas o teu dinheiro” (2) e sobre

“a forma como esses rapazes se vestem ou falam” (3). Sobre o item *meus pais e eu decidimos*, 32 rapazes tomam a decisão com seus pais com relação à “hora de voltar para casa”, outros 25 assinalaram que esse tipo de tomada de decisão recai sobre “as tarefas de casa”, no entanto, o menor poder de decisão recaiu sobre o item a respeito da “conduta sexual” desses rapazes (6). Nessa linha, o item *eu decido* foi o mais predominante, pois 47 rapazes assinalaram que decidem sozinhos sobre a “carreira ou profissão que desejam seguir, seguidos de 44 a respeito de suas condutas sexuais, além de 42 que decidem no que gastam seu dinheiro, já o menor índice sobre esse quesito aponta à hora em que esses rapazes voltam para casa 11. Há 13 itens que concentram a maioria do grupo. No que diz respeito ao dado *não responderam*, encontramos entre 1 a 4 que não responderam.

C - Moças

O Quadro 23 mostra, de forma particularizada, o poder decisão com relação às moças.

Quadro 23 - Distribuição de frequências de opções sobre quem é que decide (Moças)

	Meus pais é quem decide	Meus pais e eu é quem decidimos	Eu decido	N.R
1. Hora de voltar para casa	25	43	17	00
2. Tempo livre	06	31	43	05
3. Tempo dedicado aos estudos	11	25	46	03
4. Aos amigos	19	27	37	02
5. As relações interpessoais	14	21	36	14
6. Conduta sexual	08	18	49	10
7. Como se veste ou fala	04	25	51	05
8. As tarefas de casa	15	50	17	03
9. Fumar e beber álcool	31	29	24	01
10. Uso de drogas	32	22	28	03
11. Onde vai quando saís de casa	14	35	34	02
12. Em que gastas teu dinheiro	05	27	49	04
13. Política e economia	10	26	49	00
14. Carreira ou profissão	04	17	63	01
15. Religião ou prática da mesma	07	20	54	04

O Quadro 23, a respeito do item *meus pais em quem decide*, indica que 32 moças assinalaram que seus pais é quem decide sobre o “uso de drogas” e 31 que o mesmo acontece a respeito de “fumar e beber álcool”. São dois itens que concentram a maioria do grupo. Em contraposição a isso, o menor índice nesse quesito está relacionado aos itens “como se veste ou fala” e “carreira ou profissão” com apenas 4 moças a afirmar que são os pais que decidem. Com relação ao item *meus pais e eu é quem decidimos*, 50 moças assinalaram que a decisão é tomada em conjunto com os pais sobre “as tarefas de casa” e 43 moças marcaram que isso se aplica à “hora de voltar para casa”. Estes dois itens concentram a maioria das escolhas das moças. Há um número que vai entre 17 e 50 que partilham as decisões com os seus pais. O menor índice nesse quesito recai sobre o item “carreira ou profissão” (17). A respeito do item *eu decido*, indica um elevado número de moças que decidem sozinhas: 63 sobre “carreira ou profissão” que desejam seguir, 54 sobre “religião e prática da mesma”, além de 51 moças que decidem sozinhas sobre a “forma como se vestem ou falam”, no entanto, ao pensarmos no menor índice a respeito desse quesito, temos um empate nos itens “hora de voltar para casa” e “as tarefas de casa” (17). Há 10 itens que concentram a maioria do grupo a tomar essa decisão sozinha. Não responderam entre 1 e 14 das moças em estudo.

☐ Muito importante ☐ Mais ou menos importante ☐ Nada importante

Gráfico 9.A – Importância da comunicação na família – Todos

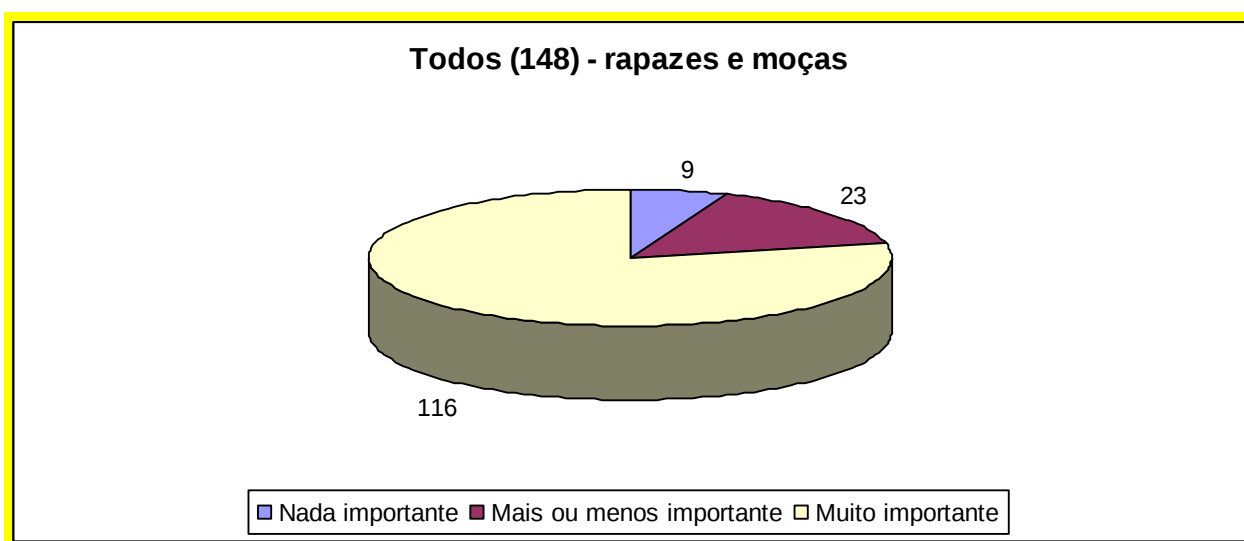


Gráfico 9.B – Importância da comunicação na família – Rapazes

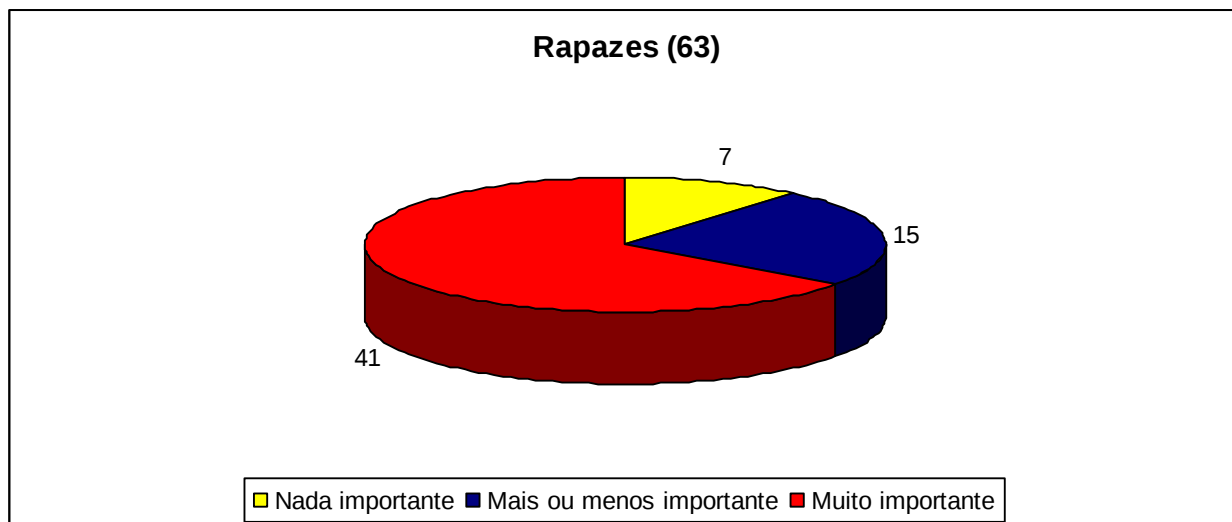
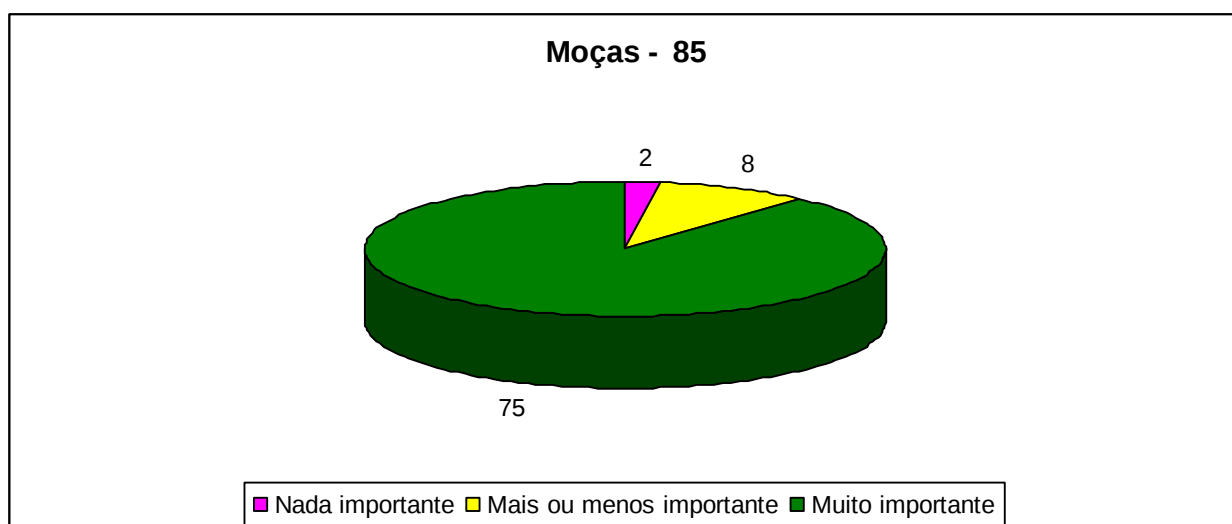


Gráfico 9.C – Importância da comunicação na família – Moças



Dos 148 adolescentes, 63 são do sexo masculino e 85 são do sexo feminino.

Em relação aos rapazes, tomando como um total de 63, apenas 15 responderam que acham 'mais ou menos importante' a comunicação na família, 07 responderam achar 'nada importante' e, para nossa surpresa, 41 acham a comunicação 'muito importante'.

Com relação às moças, das 85 inquiridas apenas 8 responderam achar 'mais ou menos importante' a comunicação, 2 moças apenas 'nada importante' e 75 moças acham a comunicação 'muito importante'.

O questionário social-demográfico serviu apenas para obter um perfil dos participantes deste estudo, por conseguinte, não houve a necessidade de Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

adentrarmos em descrições quanto à idade desses jovens inqueridos; bastou-nos sabermos que 63 adolescentes são do sexo feminino e 85 do sexo masculino.

5.2 DISCUSSÕES DOS RESULTADOS

A partir dos resultados encontrados nesta pesquisa e dos postulados da literatura sobre o tema, podemos refletir sobre como os adolescentes percebem a comunicação em seus núcleos familiares, avaliando a importância que eles atribuem a esse processo e como avaliam a intensidade comunicativa com o pai e com a mãe, as decisões que são tomadas pelo pai; pelos pais e por eles mesmos e autonomamente.

De forma geral, as respostas por eles dadas indicam que a comunicação que estabelecem com suas famílias ronda a volta da média esperada. Onde vem, então, a ideia de adolescentes rebeldes descrita pelos pais? Aquele que está frequentemente descontente com tudo e com todos que o rodeiam? Talvez a descrição do ‘Rebelde sem causa’, como citada na música de Roger Moreira, (Ver: 3.1 – Família e adolescência: os pais frente à adolescência dos filhos), estaria expressando a busca de diferenciação, características desta fase em família. Apesar de o jovem estar vivenciando uma boa comunicação familiar, os resultados mostram que ele ainda apresenta uma conduta contestatória, inerente ao processo de construção de sua própria identidade.

Apoiados nesses resultados, pensamos que o processo de crescimento do adolescente implica contrariar, às vezes de forma intensa, a autoridade dos pais, para a partir daí, reconhecer-se a si mesmo como um indivíduo único e diferenciado. Podendo ver-se aqui as distâncias e o rompimento das barreiras da comunicação, buscando-se expressar com o outro uma relação interpessoal capaz de mudar atitudes, como afirma Fernández (2004).

Graduar este processo implica em reorganizar o espaço familiar de forma a aumentar a flexibilidade das fronteiras sem que seja comprometida a autoridade dos pais. Por mais que a demanda da fase adolescente, muitas vezes, leve a perder a referência daquilo que, necessariamente, é papel e função familiar, já que a família deve manter a capacidade de proporcionar um ambiente de segurança, equilíbrio e limites a seus filhos.

Trataremos agora de mostrar os números obtidos pelos resultados da pesquisa, à primeira questão serão abordados em termos de frequência a 12 atividades que foram propostas no questionário. Mostraremos as respostas, primeiro, no conjunto do grupo (rapazes e moças) e depois separadamente, os rapazes e as moças tanto em relação com a figura paterna (parte I), quanto em relação à figura materna (parte II). A seguir, na parte III, apresentaremos os dados referentes a quem decide em casa a propósito, igualmente, de itens constantes no questionário.

I – Resultados da parte I

Níveis de comunicação dos adolescentes com a figura paterna

A) Todos (Rapazes e moças)

A partir dos dados fornecidos pelo quadro (1), os assuntos menos dialogados dizem respeito: ao comportamento sexual, sexualidade em geral, política e problemas sócio- econômicos, álcool e/ou cigarro. Esses valores demonstrados na ponderação de frequências hierarquizados representam VP: 81; 101; 125; 129. Partindo para os mais dialogados, temos: religião, gostos, interesses, planos para o futuro e normas vividas em família, onde os valores ponderados de frequências hierarquizadas representam: 189; 194; 197; 206.

Apresentando uma ideia global do nível de comunicação deste grupo de adolescentes (rapazes e moças) com a figura paterna, calculamos a média aritmética da soma das ponderações obtendo a média de 152,9 que ganha algum significado quando relacionado com a pontuação máxima (444) e o ponto médio desse valor (222). Esses adolescentes falam mais com seus pais sobre questões racionais e as questões sentimentais ficam em uma esfera periférica gerando algum conflito familiar.

Com isso, segundo Dias (2001), a comunicação autêntica é a que determina o desbloqueio e a facilitação de uma relação, com equilíbrio e ajuste ao meio social. Para isso, ele descreve três atitudes comunicacionais básicas no sistema familiar: é necessário que os pais sejam coerentes e coesos, ou seja, autênticos, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

transparentes; a segunda diz respeito à necessidade de aceitação positiva e incondicional dos filhos, os pais devem aceitar as expressões sem pré-julgamentos e a terceira e última se refere à compreensão empática, os pais devem perceber o 'interior' do filho, os aspectos emocionais e os significados que são concedidos a eles, eles devem se colocar no lugar do filho sem perder a sua identidade.

A comunicação dos adolescentes com a figura paterna é superficial, ou seja, ocorrem conversas somente de temas do cotidiano, como também fechada, se refere à autoridade, ordens, ameaças e lições de moral e é justamente aqui que a nossa pesquisa mostra a probabilidade de conflitos (WAGNER, PREDEBON, FALEKE, DOTTA e GARCIA, 2002).

B – Rapazes

No quadro 4 apresenta-se a situação de comunicação entre os rapazes e a figura paterna. Percebemos aqui que os itens relacionados com a sexualidade, comportamento sexual, relacionamentos, álcool e/ou cigarros representam uma espécie de tabu. Eles (os rapazes) são 63 no total e a ponderação máxima poderia atingir 189 pontos com ponto médio em 94,5. Assinalaram-se, desde já, 6 itens com valores superiores ao ponto médio, dando-nos um resultado claro: fala-se 'dos amigos' e 'do que se faz fora de casa' com maior frequência do que de 'drogas' e do 'álcool e/ou cigarros'. Os resultados nos revelam que o valor médio das comunicações é 90,75 valor que fica abaixo do ponto médio.

Observamos neste quadro 4 que a intensidade comunicativa com o pai é um pouco semelhante ao que vimos anteriormente em relação a todos (rapazes e moças). Assim, torna-se imperativo que o pai precisa de orientação para lidar de forma mais adequada com seus filhos adolescentes, auxiliando-os a fornecer orientações mais precisas que necessitem de reflexões e tomadas de decisões para que seus filhos possam enxergá-lo como um suporte emocional singular, ao qual podem ocorrer diante das dificuldades de ajustamento que enfrentam.

C – Moças

O quadro 7 mostra, de forma particularizada, a situação de comunicação entre as moças e a figura paterna e, mais uma vez, constatamos através dos nossos resultados que a questão da sexualidade, em termos gerais, apresenta-se como tema tabu e os temas como: religião, normas vividas em família, planos para o futuro, gostos e interesses são temas mais dialogados com a figura paterna.

Novamente, assuntos sentimentais são menos dialogados, tal qual aconteceu com todos (rapazes e moças) e rapazes, também com as moças esses itens foram, relativamente, de menor incidência de diálogo.

Olhando para os problemas que causam conflitos com alta e baixa frequência, os nossos dados coincidem com os de Arnett (1999) e Miler (1994) quando dizem que questões como sexualidade, drogas, política ou religião causam com muita frequência discussões no âmbito familiar.

Isso nos leva a refletir sobre estes aspectos, principalmente com a figura paterna. Estas questões precisam ser reajustadas e reorganizadas nos padrões de funcionamento familiar e em especial com a figura paterna para serem favorecidos de confiança, aceitação e afeto por parte do pai e associada a uma comunicação clara e direta. Dessa forma, os limites se apresentam nítidos e permeáveis para cada um dos membros do sistema familiar (WAGNER FERREIRA & RODRIGUES, 1998).

Analisando a distribuição de frequências com que conversam com o pai, hierarquizadas (moças), podemos verificar que temas como religião, normas vividas em família, planos para o futuro, gostos e interesses são mais dialogados, porém sexualidade, política e problemas sócio-econômicos e relacionamentos são menos dialogados, o que nos confirma uma reorganização nos padrões de funcionamento familiar e em especial com a figura paterna (WAGNER FERREIRA & RODRIGUES, 1998).

D – Dados comparativos da intensidade comunicativa referentes a todos, rapazes e moças com relação à figura paterna

Os valores apresentados no Quadro 10 constituem médias de cada ponderação, tendo em conta o número de sujeitos. As médias obtidas pelas moças em todos os itens são mais baixas que as obtidas pelos rapazes, concluindo-se que as moças parecem ter uma maior dificuldade geral de diálogo com a figura paterna, qualquer que seja o assunto. Nos rapazes, recai abaixo do raramente o item 10 (drogas). Nas moças, os itens que recaem abaixo do raramente, por ordem crescente, são: comportamento sexual; sexualidade em geral; política e problemas sócio-econômicos; relacionamentos; do que fazes quando estão fora de casa.

Em vista desses resultados, faz-se necessário que haja um aumento da flexibilidade das fronteiras e equilíbrio na autoridade do pai, no intuito de manter a harmonia familiar com seus filhos adolescentes. Famílias com fronteiras mais flexíveis permitem que o adolescente possa transitar e experimentar-se livremente em diferentes territórios, aproximando-se quando sentir-se inseguro e afastando-se para experimentar a sua independência (CERVENY & BERTHAUD, 1997; RICHTER, 1990). Nesse cenário, exigem-se esforços da figura paterna na busca de novos padrões de convivência familiar, adaptados a este momento específico do ciclo vital na família e o pai tem um papel central neste processo, pois oferece a base inicial aos mais jovens, a bagagem de regras e normas essenciais para o social, bem como modelo introjetado, geralmente como ideias, cujas atitudes e comportamentos serão transmitidos às gerações que os sucedem (BIASOLI-ALVES, 2001).

II – Resultados da parte II

Níveis de comunicação dos adolescentes com a figura materna

A) Todos (Rapazes e moças)

Os dados do Quadro 11 mostram que são igualmente objeto de muita conversa os itens 1, 2, 3, 4 e 5 e os de pouca conversa os itens 9, 10, 11 e 12. Com

base nas frequências ponderadas das escolhas, e tendo em conta que o número total de inqueridos é de (148), a ponderação máxima poderia ser 444 e o seu ponto médio 222.

A ponderação das frequências com relação à mãe apresenta valores com índices bem mais altos na intensidade comunicativa ao compararmos com os valores indicados na tabela de ponderação que se refere ao pai, quando se tem em conta o grupo todo. Há 6 itens que ultrapassam o ponto médio (222) e que revelam assuntos relacionados a área sentimental (Quadro 12). Já com relação ao comportamento sexual e a intensidade comunicativa, cai para 153 (item 7), o que reforça, mais uma vez, um silenciamento velado a respeito de assuntos que ‘mexem’ com a intimidade ao nível da sexualidade desses adolescentes.

Para entendermos melhor o que estes números indicam no seu conjunto, temos no Quadro 13 a ponderação de frequências com que conversa com a tua mãe, hierarquizada (Todos= rapazes e moças). A média é de 227,33 maior que o ponto médio (222), e superior à média encontrada para o nível de comunicação com a figura paterna (152,9).

Vimos aqui que as moças e os rapazes apresentam uma boa intensidade comunicativa com a mãe, principalmente, sobre assuntos relacionados com o cotidiano desses jovens, outrossim, o tabu ainda continua com assuntos referentes ao fórum íntimo, seja com o pai, seja com a mãe. Vimos que os adolescentes conseguem intensificar ação com os pais quando são sustentados por um diálogo acolhedor com regras claras. Tais práticas aumentam a probabilidade do adolescente desenvolver relações saudáveis no âmbito familiar.

B – Rapazes

Eles são 63 no total e a ponderação máxima poderia atingir 189 pontos, com ponto médio em 94,5. Podemos verificar que há seis itens que ultrapassam o valor do ponto médio no quadro 15. Os temas de mais diálogo são os primeiros 5 itens e o último. Aparecem aqui também bastante reservados os temas ditos como tabus pelos resultados, são eles: sexualidade, relacionamentos e assuntos ligados ao álcool, cigarro, droga e política. Para uma melhor classificação dos temas mais e

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

menos falados, de acordo com a ponderação hierarquizada no quadro 16, sobre o que conversam os rapazes com a figura materna, temos como resultado seis itens que ficam com valores abaixo do ponto médio e outros seis atingem valores superiores ao ponto médio. O valor médio das comunicações dos rapazes com a figura materna é de 87,5, abaixo do ponto médio.

Dessa forma, atualmente, além das preocupações gerais com o filho adolescente, vemos que existem dois grandes problemas que devem afligir os adultos que possuem filhos adolescentes, são eles: a iniciação sexual precoce e a ameaça da drogadição, as quais se encaixam exatamente aos valores abaixo do ponto médio. Estes dois aspectos se destacam na pauta de preocupações parentais, tanto no que diz respeito à família quanto no que concerne ao ambiente macrossocial desse jovem e que está associado às características de imaturidade emocional, impulsividade e comportamentos desafiados que, frequentemente, estão presentes na fase da adolescência, resultando no engajamento em comportamentos considerados de risco e que resultam no conflito familiar.

A partir dessas considerações, podemos fazer um paralelo com o senso de segurança de Winnicott (1982) já exposto nessa pesquisa, ou seja, o sentimento de segurança dentro da família por parte dos adolescentes, ou seja, até com a figura materna existem assuntos considerados tabus. É preciso condições adequadas nas fases iniciais da vida do adolescente, pois só assim ele contemplará um senso de segurança que o leve ao autocontrole, diminuindo os conflitos no seio familiar principalmente com os temas considerados tabus nesta pesquisa.

C – Moças

O quadro 17 mostra, de forma particularizada, a frequência das comunicações sobre determinados itens entre as moças e a figura materna. Ponderando esses valores das frequências, das escolhas para verificarmos o peso global de cada um dos itens totalizam 85, pelo que a pontuação máxima poderia vir a chegar a 255, sendo o seu ponto médio 127,5. Vemos no quadro 18 que há 7 itens que superam na pontuação, alcançando o ponto médio (127,5). A média do nível de comunicação das moças com a figura materna igual a 142, 2 superior ao ponto médio. Estes

dados podem estar revelando uma maior proximidade desta personagem (a mãe) como tendo as melhores possibilidades de compreensão e entendimento no seio familiar e detentora da intensidade comunicativa e da diminuição de conflitos, confirmando assim, resultados de pesquisas recentes (HORTA, 1999; WAGNER, 1999). Este fato está, provavelmente, associado ao dado que os adolescentes consideram o pai como alguém que nem sempre os entende e a mãe, por sua vez, confirmando os dados da literatura (PICK & PALOS, 1995, CARMONA, 2000), citada pela maioria dos adolescentes como uma pessoa muito coerente e com grande capacidade de entendimento.

D – Dados comparativos da intensidade comunicativa referentes a todos, rapazes e moças com relação à figura materna

Os valores constituem médias de cada ponderação, tendo em conta o número de sujeitos (quadro 20). Vemos que as moças atingem valores superiores na comunicação com a figura materna em todos os itens excetuando os itens que dizem respeito a drogas e ao álcool, que aparecem como itens que os rapazes têm maior pontuação. Esses dados vêm confirmar o que Bion (1962) enfatiza, falando sobre a importância da qualidade da relação mãe-filho, com a noção de continentecontigo, em que a mãe se oferece continente para seu filho, havendo trocas e comunicação entre eles, uma vez que a contenção torna possível a significação da experiência emocional vivenciada (FRANÇA, 1997).

III - Resultados da parte III

Face ao conflito quem decide?

A pesquisa contemplará agora, uma outra escala que indica o ‘poder’ de decisão dos 148 adolescentes participantes deste estudo, na qual estaria pressuposto um possível conflito familiar; os questionários analisados assinalavam as seguintes opções: Meus pais é quem decide, Meus pais e eu é quem decidimos e Eu decido. , Os dados procedem com a junção dos dados de rapazes e moças primeiro e depois, em separado, as opções dos rapazes e as opções das moças.

A – Todos (Rapazes e moças)

O quadro 21 nos remete a um senso social maduro onde há um equilíbrio entre limite e espaço (WINNICOTT, 1982), onde os pais decidem com maior poder no que diz respeito aos itens ‘fumar e beber álcool’, bem como ‘uso de drogas’ (52). Isso nos leva a concordar com Rogge (2006) quando diz que “os limites formam espaços e tempos, dão segurança e confiança, são pontos de orientação” (p.10) e os adolescentes necessitam deles. “Quem não os coloca torna-se incapaz de agir, vira um escravo condescendente que os adolescentes não respeitam nem obedecem” (p.11).

Os adolescentes testam todas as medidas de segurança e de regras, regulamentos, disciplinas, isso é típico dessa fase da vida, segundo as queixas dos pais perante os filhos. Para Winnicott (1982), os adolescentes saudáveis efetivamente precisam que os adultos comandem, porém, a disciplina deve ser oferecida por pessoas que possam ser amadas e odiadas, desafiadas, e das quais se pode depender. O autor acrescenta que o campo de ação que é necessário ao crescimento do indivíduo sempre exige uma relação viva entre as pessoas. E o crescimento é gradativo, leva tempo. O adolescente chega ao senso de responsabilidade no decorrer da vida, gradualmente.

Constatamos que há dois itens ‘hora de voltar pra casa’ (1) e ‘tarefas de casa’ (8) que a maioria declara que quem decide são os pais e eles conjuntamente. Isso reforça o que, segundo Paggi e Guareschi (2004) nos propõe: “o problema dos limites é o problema das regras morais e de convivência social. É o problema do reconhecimento do outro e dos direitos deste outro” (p. 70-71) e aqui vemos claramente o direito de ambos, pais e filhos, serem respeitados.

Já em relação aos itens 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 15 recaem sobre a decisão individual dos adolescentes considerados de fórum pessoal, segundo 110 dos 148 adolescentes. Temos, então, de concordar com Taille (2003) quando diz que “todo indivíduo é submetido, ao mesmo tempo, às influências da dimensão de regra em sociedade e busca por uma vida boa de ser vivida – a vida que quer ter, o que podemos chamar aqui de felicidade. Fundamental pensarmos aqui nessas questões, onde o adolescente individualmente faz suas escolhas permitindo-nos

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias / Instituto de Educação.

refletir sobre como os filhos introjetam a moral de seus pais – pais autoritários ou mais próximos – o que permite que pensemos, sobretudo, no desenvolvimento da moral desses adolescentes.

Em função destas considerações, vemos que esses itens são considerados como causadores de conflitos na família, pois nem sempre os pais aceitam essas tomadas de decisões dos filhos e Piaget (1954) esclarece que é o reconhecimento do indivíduo de que os valores e convicções de outrem são tão válidos quanto os seus próprios.

Também há alguns itens que não aparecem como consensuais e outros em número razoável, próximo de um terço, que partilham suas decisões, itens 2, 3, 4, 7, 11, 12, 13, aqui leva-se em conta que: “a autonomia só aparece com a reciprocidade, quando o respeito mútuo é bastante forte, para que o indivíduo experimente interiormente a necessidade de tratar os outros como gostaria de ser tratado” (PIAGET, 1932, p. 172).

B – Rapazes

O quadro 22 mostra, de forma particularizada, o poder de decisão com relação aos rapazes, onde a recorrência do item ‘meus pais é quem decide’ apresenta 21 rapazes afirmando que a tomada de decisão sobre ‘fumar e beber álcool’ é dos pais. No mesmo sentido, 20 indicam ‘sobre o uso de drogas’, além de 18 que afirmam que seus pais decidem sobre a ‘hora de voltar para casa’, porém, o menor índice desse quesito recai sobre ‘em que gastas o teu dinheiro’ (2) e sobre ‘a forma como esses rapazes se vestem ou falam’ (3).

Partimos da ideia de que “a educação dos adolescentes é antes de tudo uma prática social, profundamente influenciada pelo contexto sócio-histórico de cada época” (PAGGI & GUARESCHI, 2004, P. 28). Claramente percebemos o que esses autores enfatizam, de acordo com os nossos resultados. Parece que algumas dificuldades por parte dos pais têm se intensificado, pois “parece haver uma grande incerteza sobre qual seria o modo correto de educar. Pais e mães encontram-se divididos quanto à decisão do que permitir e o que negar aos filhos” (p.17).

Sobre o item ‘meus pais e eu decidimos’, 32 rapazes tomam a decisão com seus pais com relação à ‘hora de voltar para casa’, outros 25 assinalaram que esse tipo de tomada de decisão recai sobre ‘as tarefas de casa’, no entanto, o menor poder de decisão recai sobre o item a respeito da ‘conduta sexual’ desses rapazes, novamente aqui, visto como um tema tabu, isso acontece talvez pelos pais não optarem por uma educação elucidativa que, segundo Taille (2003) esse tipo de educação possibilita a explicação de sentimentos envolvidos nas questões morais e melhor prepara o adolescente para a conquista da autonomia.

No entanto, para alcançar a autonomia é preciso que o adolescente vivencie a cooperação, ou seja, o adolescente operando junto com seus pais, algo diferente de hierarquia, pois há respeito mútuo entre eles, principalmente nesse item ‘conduta sexual’ tratado como tema tabu.

O item ‘eu decido’ foi o mais predominante, pois 47 rapazes assinalaram que decidem sozinhos sobre a ‘carreira ou profissão’ que desejam seguir, seguidos de 44 a respeito de suas condutas sexuais, além de 42 que decidem no que gastam seu dinheiro. Já o menor índice sobre esse quesito aponta à hora em que esses rapazes voltam para casa 11. Podemos refletir aqui o quanto é “importante o diálogo respeitoso com o filho e a importância da construção da noção de alteridade na relação pais e filhos, noção imprescindível para a vida em comunidade” (GUARESCHI & PAGGI, 2004, p. 172).

Assim, os dados nos levam a crer que na medida em que os indivíduos tendem a criar valores individualistas e se distanciar dos comunitários, que consideram o outro, o narcisismo prevalece, o que dificulta desenvolver as capacidade de se colocar no lugar do outro, bem como se preocupar com ele (GUARESCHI & PAGGI, 2004, p.67). O problema do conflito familiar se refere, principalmente, a quando os pais não conseguem assumir sua autoridade, sem perceber que ela pode ser uma autoridade justa, no sentido de ter o compromisso de levar o adolescente a evoluir nas suas relações sociais e comunitárias.

O número ainda nos mostra que 13 itens concentram-se na maioria do grupo. Nesse momento, retomemos a George (2005) que sugere “o agir comunicativo”, onde o diálogo esteja voltado para um consenso, e que se amenizem diferenças. No que diz respeito ao dado não responderam, encontramos 1 a 4 que não responderam.

C – Moças

O quadro 23 mostra, de forma particularizada, o poder de decisão com relação às moças coincidentemente a respeito do item ‘meus pais é quem decide’, não diferentemente dos rapazes. 32 moças assinalaram que seus pais é quem decide sobre o ‘uso de drogas’ e 31 que o mesmo acontece a respeito de ‘fumar e beber álcool’, que concentram a maioria do grupo. Vale salientar que esses dois itens são causadores de conflito na família e, para isso, no campo da pesquisa em Ciências Sociais. Goldenberg (2004) também defende a necessidade “[...] de um diálogo e de uma negociação de pontos de vista, do pesquisador e pesquisados” (p. 24). O remédio proposto é um só: diálogo e negociação. Parece haver um consenso entre os autores de diversas áreas, da necessidade de comunicação entre as partes, não apenas na esfera doméstica, mas social, científica e política para mediar conflitos e buscar um entendimento. Em contraposição a isso, o menor índice nesse quesito está relacionado aos itens “como se veste ou fala” e “carreira ou profissão”, com apenas 4 moças a afirmar que são os pais que decidem.

Com relação ao item meus pais e eu é quem decidimos, 50 moças assinalaram que a decisão é tomada em conjunto com os pais sobre ‘as tarefas de casa’ e 43 moças marcaram que isso se aplica à ‘hora de voltar para casa’. Estes dois itens concentram a maioria das escolhas das moças; onde segundo a visão de Enriquez (2006), podemos crer na construção de um novo paradigma social e humano. Esse paradigma implicaria em ter-se maior consideração pelos outros. Há um número que vai entre 17 e 50 que partilham as decisões com seus pais, sendo menor o item “carreira ou profissão” (17).

A respeito do item eu decido, indica um elevado número de moças que decidem sozinhas: 63 sobre ‘carreira ou profissão’ que desejam seguir, 54 sobre ‘religião e prática da mesma’, além de 51 moças que decidem sozinhas sobre a ‘forma como se vestem ou falam’. Nesse momento, a forma mais viável para diminuir os conflitos que esses itens favorecem é o ‘diálogo’ entendido na pesquisa como algo que se dá através da fala, com respeito e que, através dele, pode surgir um entendimento entre os indivíduos, levando a um acordo, uma negociação, e, a partir desta, os indivíduos podem chegar a um consenso e a diminuição dos conflitos.

No entanto, ao pensarmos no menor índice a respeito desse quesito, temos um empate nos itens 'hora de voltar para casa' e 'as tarefas de casa' (17), isso nos leva a crer no valor do 'respeito' que estas moças revelam aos seus pais que está intimamente ligado às ações que levam do bem coletivo e favorece a manutenção da paz e da boa união no seio familiar.

Há 10 itens que concentram a maioria do grupo a tomar decisões sozinhas e são exatamente esses itens que são vistos como conflitantes na relação com os pais e nos dão exatamente os dados da frequência da aparição de discussões negativas entre pais e filhos em relação a esses variados temas. Não responderam entre 1 a 14 das moças em estudo.

Todos os resultados aqui descritos confirmam o que os autores da literatura desta pesquisa nos trazem, ou seja, o diálogo e a negociação vistos como caminhos propostos nesta pesquisa para que os pais possam compartilhar responsabilidades na relação com seus filhos no sentido de educá-los e orientá-los pacificamente no seio familiar para diminuir os conflitos.

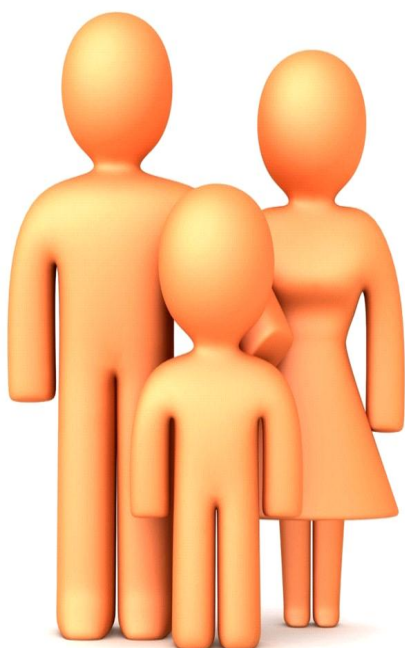
Para fecharmos os dados dos nossos resultados, vale salientar a importância da comunicação dada pelos jovens como: 'Muito importante', 'Nada importante' e 'Mais ou menos importante'. Vemos nesses resultados a importância que esses jovens dão a comunicação e, com isso, fica claro a necessidade de negociação constante, inerente a esta etapa da vida, o que se confirma em Maturano & Cols (2004) quando diz que: "um conflito bem negociado pode levar a um crescimento para os filhos e para os pais", pois dos 148 adolescentes, 63 são do sexo masculino e 85 são do sexo feminino e ao lançarmos um olhar para a importância da comunicação, 48 rapazes afirmam achar a comunicação 'muito importante' e 75 moças também acharam 'muito importante' a comunicação na família.

Pode-se concluir que as relações familiares, durante a adolescência, é muito menos dramática do que parece existir na sociedade, uma vez que os adolescentes consideram a comunicação na família um aspecto muito importante.

Assim, estes resultados mostram que quanto maior a intensidade comunicativa dos pais em relação aos filhos e dos filhos em relação aos pais menor será os conflitos familiares com o pai e a mãe, proposto por Parra e Oliva (2002) para chegarmos a tal resultado.

PARTE VI

CONCLUSÃO



6 CONCLUSÃO

Esta pesquisa buscou avaliar a intensidade comunicativa entre pais e filhos e verificar os assuntos que geram o conflito familiar. Constatou-se que se trata de uma problemática da nossa era. No entanto, além disso, buscou apontar caminhos, possibilidades e assinalar que há uma luz, pois a temática deste estudo não se encontra sem saída.

Houve o intuito de não somente fazer tal constatação, mas, sobretudo, mostrar um horizonte, enaltecendo o valor da comunicação através do diálogo, já que a interação familiar tem especial importância no processo de formação de qualquer indivíduo e o estudo das relações entre pais e filhos têm sido muito valorizados na comunidade científica. Isso porque, por meio da compreensão da relação entre pais e filhos pode ser possível encontrar práticas educativas que contribuam para um melhor desenvolvimento dos adolescentes e, com isso, diminuam os conflitos familiares.

Cabe aos pais o dever de conduzir os filhos à autonomia. Isto acarreta responsabilidades que envolvem o educar, o acarinhar, o respeitar, mas também o proteger, o defender, o contrariar, cujo processo dinâmico, por vezes, se envolve de contornos conflituosos. Como em qualquer relação, é indispensável a compreensão e o amor, mantendo laços sólidos, capazes de fazer face a qualquer crise de desenvolvimento, como o que ocorre na adolescência e a que vivem os pais dos adolescentes.

Podemos comparar a família a um automóvel: tem um motorista, um passageiro no assento dianteiro e os filhos no banco de trás. A direção do carro está nas mãos de um: o gesto final cabe ao motorista. Não há conflitos quando o motorista (pai) sabe o caminho ou quando não sabe e é orientado pelo passageiro da frente (mãe). Nesse caso, a mãe dirige por intermédio do pai. Os filhos, no banco traseiro, acham natural que o caminho seja explicado por quem sabe.

Pois bem, quando o pai e a mãe são altamente individualistas nas suas ideias e não dialogam e, portanto, não entram num acordo, é como se o carro tivesse dois motoristas, cada qual com seu equipamento para dirigir, como nos

carros de autoescola com duplo comando. Numa bifurcação, a mãe quer ir para a direita, o pai para a esquerda. E, no impasse, o carro acaba batendo de frente. A imaturidade dos ‘dois motoristas’ faz o carro se chocar... e seus passageiros também.

Esse casal está ensinando aos filhos que não se deve abrir mão dos desejos, nem fazer acordos. O carro já deve ter sofrido outros acidentes e ficará ainda mais vulnerável a novas batidas se os filhos também resolverem assumir o comando. A família vira uma anarquia. Dentro dela se formarão subgrupos entre os filhos, que vão funcionar como o ibope para o pai ou para a mãe. E os filhos sempre encontrarão um jeito de usar essas divergências em proveito próprio.

O melhor é, antes de entrar no carro, definir o trajeto, ou seja, antes de tomar qualquer medida em relação ao filho, o casal já deve ter chegado a um acordo.

Isso significa que uma interação familiar de qualidade como apontamos no quadro teórico desta pesquisa – combinando as questões dos limites: autoridade, autoritarismo, liberdade, moral, modos de educar contemporâneos, o limite e a alteridade – contribui, consideravelmente, para o desenvolvimento do adolescente combinado ao afeto, limite e diálogo – uma vez que vários comportamentos dos adolescentes que geram conflitos no seio familiar podem estar funcionalmente relacionados ao comportamento dos pais, de acordo com a literatura da nossa pesquisa.

Assim, este estudo fez o levantamento da intensidade comunicativa dos pais em relação aos filhos e dos filhos em relação aos pais e foi à procura de assuntos que geram conflitos familiares.

Neste estudo descritivo, os dados foram analisados com base em duas questões: a primeira, que diz respeito ao nível de comunicação dos adolescentes com seus pais; a segunda, que se refere à capacidade de decisão dos mesmos em face a atividades presentes no dia a dia familiar. Os resultados das respostas foram abordados em termos de frequência a 12 atividades que foram propostas no questionário. Foram tratadas, primeiro, no conjunto do grupo (rapazes e moças) e depois separadamente, os rapazes e as moças tanto em relação com a figura paterna, como com a figura materna. Em seguida, na parte III, apresentaram-se os dados referentes a quem decide em casa a propósito, igualmente, de itens constantes no questionário representando a decisão quanto a tomada de decisão

para as situações especificadas no instrumento. Também foi avaliada a importância da comunicação na família pelo adolescente, variando da seguinte maneira: Muito importante, Nada importante, Mais ou menos importante, onde o adolescente considera a comunicação muito importante.

Então, a manutenção dos direitos e deveres é vistos como elemento de negociação, ou seja, nossos dados revelam que um processo comunicativo, sem barreiras, diminui o conflito familiar; onde pais e filhos mostrem interesses, rompendo com o poder de uma autoridade exacerbada que muitas vezes causa danos psicológicos na relação social.

Os dados refletem que, na estrutura familiar, a mãe aparece como a principal responsável pelo cuidado e mediação na relação familiar, enquanto o pai ocupa um lugar periférico, que nos causa muita preocupação, já que os adolescentes informaram nesta pesquisa que a comunicação familiar é algo muito importante e esses dados confirmaram o que os autores apontam neste estudo, ou seja, o diálogo e a negociação – caminhos propostos nesta pesquisa para que os pais possam compartilhar responsabilidades na relação com seus filhos, principalmente, a figura do pai, no sentido de educá-los e orientá-los, e, pacificamente, diminuïrem os conflitos familiares.

É importante também ressaltar que os dados desta pesquisa mostram uma ‘fotografia’ das relações familiares durante a adolescência dos filhos menos dramática do que parece existir na sociedade.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINET, C; PEREZ, R & AGUILLÓ, M. A. J. *Um analisis sobre a percepção de riesgo em La adolescência. La Psicologia social em Mexico*, 8. 124-130. Volume 15, suplemento 1/dezembro, 2006.

ARIÉS, F. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARIÉS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ARRUDA, Ângela (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

AUGRAS, Monique. *O ser da compreensão: fenomenologia da situação de psicodiagnóstico*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BARNES HL and OLSON DH. *Parent-adolescent communication and the circumplexmodel*. Child Development 56: 438-447.1985.

BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

_____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

Becker, D. (1994, 13ª Ed.). *O que é adolescência?* São Paulo: Brasiliense.

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *The Social Construction of Reality*. Publisher: Penguin; New Ed.1991.

BERLO, David K. (1979), *O processo da Comunicação*, São Paulo, Livraria Martins Fontes Editores.

BERLO, David K. *O processo da comunicação: introdução à teoria e à pratica*; tradução Jorge Arnaldo Fontes. 9. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BIASOLI-ALVES, Z. M. (2001). *Crianças e adolescentes: a questão da tolerância na socialização das gerações mais novas*. Em Z. M. Biasoli-Alves & R. Fischman

(Orgs.), *Crianças e adolescentes: construindo uma cultura da tolerância* (pp.79-93). São Paulo: EDUSP.

BION, W. R. *Os elementos da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1962.

BLOS, P. (1996). *Adolescência*. Porto Alegre: Martins Fontes.

BOUDON, Raymond (1990), *O lugar da desordem*, Lisboa, Gradiva.

BRAGA, Maria da G. R. e AMAZONAS, Maria C. L. de A. *Família: maternidade e procriação assistida*. Psicologia em estudo, vol.10, nº.1, p.11-18, Abril, 2005.

BRITTO, M. S. da Rocha. *A terceirização da maternagem*. IN: Org: Weinberg, Cybelle. *Geração delivery: adolescer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001.

BURKE, James. ORNSTEIN, Robert. *O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CALIL, Vera L. L. *Terapia familiar e de casal: introdução às abordagens sistêmica e psicanalítica*. São Paulo: Summus editorial, 1987.

CARMONA, J. (2000). *Linha cruzada: a comunicação entre pais e filhos sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado, PUCRS.

CARTER, B., & Mc Goldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estruturação para terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, E. L. Souza; & FRANCO, S. T. da Costa. IN: FAGUNDES, Tereza C. P (org). *Ensaio sobre gênero e educação*. Salvador: UFBA, 2001.

CECCONELLO, A. M., ANTONI, C. De, & KOLLER, S. H. *Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar*. Psicologia em estudo, vol.8, nº esp., Maringá, 2003.

CERVENY, C. M. O., & Berthoud, C. M. E. (1997). *Família e ciclo vital: Nossa realidade em Pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

CIA, F., et al. *Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho*. Psicologia em Estudo, vol.11, nº1, Maringá, Janeiro/Abril, 2006.

COSTA, D. M. F., FORMIGA, N. S., GOUVEIA, V. V., & ANDRADE, J. M. *Indicadores da relação familiar e sua relação com as condutas anti-sociais e delitivas* (p. 214). In Resumos, 3. Congresso Norte-Nordeste de Psicologia: *Construindo a psicologia brasileira: Desafios da ciência e prática psicológica*, 2003, João Pessoa, PB. João Pessoa, PB: Associação de pesquisa em psicologia. (2003).

COSTA, F. T. Da, TEIXEIRA. M. A. P., e GOMES, W. B. *Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais*. Psicologia Reflexão e Crítica, vol.13, nº. 3, Porto Alegre, 2000.

COSTA, Jurandir F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

DARLIM, N. & STEINBERG, L. *Parenting style as context: na integrative model*. Psychological Bulletin, 113, 487-496, 1993.

DIAS, Ana C. G. e LOPES, Rita de C. S. *Representações de maternidade de mães jovens e suas mães*. Psicologia em estudo, vol.8, nº especial, p.63-73, 2003.

Dias, Adelaide A. *Educação moral e autonomia na educação infantil: o que pensam os professores*. Psicologia Reflexão e Crítica, vol.18, no.3, Porto Alegre: Set./Dez.2005.

DIAS, A. Fernando Nogueira (1991), *Padrões de Comunicação no Sistema Familiar e Toxicodependência (Estudo de uma Comunidade Terapêutica)*, dissertação de mestrado em Sociologia, Lisboa, Universidade Técnica de Lisboa.

DIAS, A. Fernando Nogueira (1999), *A imprensa escrita , a droga e a Toxicodependência, Da Massificação à Estereotipia dos Discursos*, tese de doutoramento em Sociologia, Covilhã, UBI.

DIAS, Fernando Nogueira. *Communication Systems, Culture and Knowledge, a sociologically*, Lisboa, Instituto Piaget, (2001).

_____. *Padrões de Comunicação na Família do toxicodependente, Uma Análise Sociológica*, Lisboa, Instituto Piaget. DIAS, Fernando Nogueira (2001), Nogueira Patterns of Communication in the family of the addict, A Sociological Analysis, Lisboa, Instituto Piaget, (2001).

DRUMMOND, M. & DRUMMOND Filho, H. (1998). *Drogas: a busca de respostas*. São Paulo: Loyola.

DUFOUR, Dany-Robert. *A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

_____. *As angústias do indivíduo-sujeito*. Le Monde diplomatique. Edição Brasileira, ano 2, nº13, Fevereiro de 2001.

DURKHEIM, Émile. *L'éducation morale*. Paris: PUF, 1974.

_____. *Sociologia e Filosofia*. São Paulo: Ícone, 1994.

_____. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

DURKHEIM, Émile (et al). *Introdução ao pensamento sociológico*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Ética e sociologia da moral*. São Paulo: Ed. Landy, 2003.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Centauro, 2002.

ENRIQUEZ, E. *Eloge de La Psychosociologie*. In *Connexions (EPI)*, nº 42, Paris. 1983.

_____. *O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável*. ERA-Eletronica, v.5, nº1, art 10, janeiro/junho, Université Paris VII, 2006.

FÉRES-CARNEIRO, T. *Família e saúde mental*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, n.8, 485-493, 1992.

FERNÁNDEZ, Enguita. *Mariano Educar em Tempos Incertos*. Porto Alegre: Artmed. 2004.

FERREIRA, Violeta M. e SOUZA FILHO, Edson A. de. *Maconha e contexto familiar: um estudo psicossocial entre universitários do Rio de Janeiro*. Psicologia e Sociedade, vol.19, nº.1, p.52-60, Porto Alegre: Abril, 2007.

FORMIGA, N. S.; QUEIROGA, F.; SOCORRO. T. C.; GOUVEIA, V.V & MILFONT, T.L (2000). *Prioridades Valorativas e Hábitos de lazer: considerações sobre o tempo livre em jovens. Anais da XXXI Reunião anual de Psicologia. A construção da psicologia brasileira na pesquisa e no ensino*. Rio de Janeiro. SBP

FRANÇA, M. O. DE A. F. (org.) *Bion em São Paulo – ressonâncias*. Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. São Paulo: Imprensa oficial do Estado: 1997.

FREITAS, L. B de Lucca. *Do mundo amoral à possibilidade de ação moral*. Porto Alegre: Psicologia: Reflexão e Crítica, vol.12, nº.2, 1999.

FREIXA, M. La família. In J. M. REDON (Ed.), *La bolsa de los valores. Materiales para una ética ciudadana* (PP.143-156). Barcelona: Ariel. (1998).

GILES, J. W., & Heyman, G. D. (2005). *Young children's beliefs about the relationship between gender and aggressive behavior*. Child Development, 76(1), 107-121.

GOERGEN, Pedro. *Educação e valores no mundo contemporâneo*. Campinas: Educação e Sociedade, vol. 26, nº 92, 2005.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRUSEC, J.E & Lytton H. *Social development: history theory and research*. New York: Springer Verlag, 1998.

GUARESCHI, Pedrinho. *Alteridade e relação: uma perspectiva crítica*. IN ARRUDA, A. (Org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 2002.

HIPÓLITO, João, et al. *Perspective Antropoanalytiques, in Therapie Familiale*, Genebra, vol. 10, nº 4, 1989.

HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, LUIZ C.; FRANÇA, Vera Veiga (org.) *Teorias da comunicação: conceitos, escolas tendências*. Porto Alegre, Editora Vozes, 2001.

INDEXPSI, *lazer, jovens, personalidade ou adolescentes , hábitos, diversão e personalidade* (<http://www.scilo.br> .- Pesquisa realizada em 14/11/2009). 2009

JASPERS, K. *Initiation à la méthode philosophique*. Paris: Payot, 1968.

KALINA, E. *Psicoterapia de adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos*. (C. R. A. Silva, Trad.), Porto Alegre: Artes Médicas. 3ª Ed, 1999.

KEITH, P. B. & CHRISTENSEN, S. L. Parenting styles. IN BEAR G.G., MINKE, K. M. & THOMAS, A. (Orgs.), *Children's needs II: Development, problems and arternatives* (p. 559-566). Bethesda, MD: National Association of School Psychologists, 1997.

LAING, R. D. *A política da família*. (2ª edição). São Paulo: Martins Fontes, 1983.

LARAIA, R. de Barros. *Cultura: Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

LEBRUN, Jean-Pierre. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEVISKY, D. (1998). *Adolescência: reflexes psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MACHADO, Hilka V. *Reflexões sobre concepções de família e empresas familiares*. Psicologia em estudo, vol. 10, nº.2, p.317-323, agosto, 2005.

MAGAGNIN, C. *Percepção de atitudes parentais pelo filho adolescente: Uma abordagem familiar sistêmica*. Aletheia, 8, 21-35. (1998).

MARTURANO, E., Elias, L. & Campos, M. (2004). *O percurso entre a meninice e a adolescência: mecanismos de vulnerabilidade e proteção*. Em E. M. Marturano, M. B. M. Linhares & S. R. Loureiro (Orgs.), *Vulnerabilidade e proteção: indicadores na trajetória de desenvolvimento escolar* (pp. 251-288). São Paulo: Casa do Psicólogo/ FAPESP.

MCGOLDRICK, M. e CARTER, B. *As mudanças no ciclo familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MOLPECERES, M. A. *El sistema de valores: su configuración cultural y su socializacion familiar em la adolescência*. Tese de doutorado. Faculdade de Psicologia Universidade de Valência, Espanha (1994).

MOLPECERES, M., LLINARES, LI, & MUSITA, G.. *Internalización de valores sociales y estratégias educativas parentales* (PP. 197-218). INTERNALIZATION

valores sociales y estrategias parentale education (197-218). In M. In M. Ros & VV Gouveia (Org.). *Psicologia social de los valores humanos: Desarrollos teóricos, metodológicos y aplicados*. Ros & VV (2000).

MORA – RIOS, J., NATERA, G., VILLATORO, J. y VILLALVAZO, R. *Validez factorial Del cuestionario de expectativas hacia El alcohol (AEQ) em Estudiantes universitários*. *Psicologia Conductual*. 8, 319-328. (1999).

MORIN, Edgar , *Introdução ao pensamento Complexo*, Lisboa, Instituto Piaget. 1995.

MUSSEN. F., WHITE-GUAY B., EU Mutual Recognition, *The Regulatory Affairs Journal*, 2000, Vol. 11, No 10, 741-748.

MYERS, David. *Introdução à Psicologia Geral*. Rio de Janeiro, LTC. 1999.

NARVAS, Martha G. e KOLLER, Sílvia H. *Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa*. *Psicologia e Sociedade*, vol.18, nº1, p.49-55, Porto Alegre: Abril, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Obras incompletas*. (Os pensadores) São Paulo: Abril Cultural, 1978.

OSÓRIO, L. C. (1996). *Família hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.

OUTEIRAL, José. *Adolescência: modernidade e pós-modernidade*. IN: WEINBERG, C. (Org.). *Geração delivery: adolecer no mundo atual*. São Paulo: Sá, 2001.

PAGGI, Karina P. e GUARESCHI, Pedrinho A. *O desafio dos limites – um enfoque psicossocial na educação dos filhos*. Petrópolis – RJ: Vozes, 2004.

PARRA, A J; OLIVA, AD. *Comunicación y conflicto familiar durante la adolescencia*. *Anales de psicologia*, v. 18, n.18, n. 2, 215-231. 2002. 2,0215-231. 2002.

PASQUALI, L.. *Questões epistemológicas na medida psicológica*. In L. S. ALMEIDA, S, ARAÚJO, M. M. CONÇALVES, C. MACHADO & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: formas e contextos (vol. 4)*. Braga, Portugal: Associação dos Psicólogos Portugueses. (1996)

PASQUALI, L.; ANDRADE, M. A. C. *Percepção dos pais e comportamento associal em jovens*. Psicologia: Teoria e pesquisa, v. 2, pp. 265-275. 1986.

PASQUALI, L.; ARAÚJO, J. M. A. *Questionário de percepção dos pais – QPP*. Psicologia: Teoria e pesquisa, 2, 56-72. 1986.

PEREIRA, Otaviano. *O que é moral*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PIAGET, J. e INHELDER, B. *A psicologia da criança*. São Paulo: Difel, 1974.

PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1932.

_____. *Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant*. Bulletin de Psychologie, VII, 143-150, 346-361, 522-535, 699-701, 1954.

_____. *Sagesse et illusions de la philosophie*. Paris: PUF, 1965.

PICK, S., & PALOS, P. A. *Impact of the family on the sex lives of adolescents*. Adolescent, 30 (119), 667-675, 1995.

PRATTA, E. M. M. *Adolescência, drogadição e família: caracterização do padrão de consumo de substâncias psicoativas e avaliação da percepção dos pais em adolescentes do ensino médio*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de pós-graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2003.

REBOLLEDO, E. A. O., Medina, N. M. O. & Pillon, S. C. *Factores de riesgo asociados al uso de drogas em estudiantes adolescentes*. Revista Latino-americana de Enfermagem, 12 (nº esp.), 369-375, 2004.

RICHTER, H. E. *A Família como paciente*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ROGERS, Carl, *Tornar-se Pessoa*, Lisboa, Moraes Editora, 1985.

ROGGE, Jan-Uwe. *Crianças precisam de limites – e elas esperam isso de você*. São Paulo: Editora Gente. 2006.

RUSSEL, Bertrand. *Fundamentos de Filosofia*. Zahar Editores. Rio de Janeiro, 1977.

SACARENO, C. *Sociologia da família*. Lisboa: Estampa, 1997.

SARMENTO, M. J. *Gerações e alteridade. Interrogações a partir da sociologia da infância*. Educação & Sociedade, vol.26, nº.91, p.361-378, Campinas, Agosto, 2005.

SILVA, V. & Mattos, H. *Os jovens são mais vulneráveis às drogas?*. Em I. Pinsky & M. A. Bessa (Orgs.), *Adolescência e drogas* (pp. 31-44). São Paulo: Contexto, 2004.

SIMIONATO – Tozo, S. M. P. & BIASOLI – ALVES, Z. M. M. *O cotidiano e as relações familiares em duas gerações*. *Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação*, 8 (14/15), 137-150. (1998).

SINGLY, F. *O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar*. Em C. Peixoto, F. de Singly & V. Cicchelli (Orgs.), *Família e individualização* (pp.13-19). Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SIQUEIRA, Aline C. e DELL’AGLIO, Débora D. *O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura*. *Psicologia e Sociedade* vol.18, nº.1, p.71-80. Porto Alegre: Abril, 2006.

STEINBERG, L. & Morris, A. S. *Adolescent development*. *Annual Review of Psychology*, 52, 83-110, 2001.

TAILLE, Yves de La. *Limites: três dimensões educacionais*. São Paulo: Ática, 2003.

_____. <http://www.educacional.com.br/entrevistas/entrevista0091.asp>. 2002.

TALLÓN, M. A., Ferro, M. J., Gómez, R. & Parra, P. *Evaluacion Del clima familiar en una muestra de adolescentes*. *Revista de Psicologia Geral y Aplicada*, 451-462, 1999.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A. & Pinheiro, V. S. *Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas*. *Psicologia & Sociedade*, 14(2), 133-147, 2002.

VILHENA, Junia de. *A brutalidade e o desejo de justiça*. *REVISTA ÉPOCA*, nº 476, Editora Globo: 2 de Julho de 2007.

WAGNER, Adriana et al. *Estratégias de comunicação familiar: a perspectiva dos filhos adolescentes*. *Psicologia Reflexão e Crítica*, vol.18,nº.2, p.277-282, Agosto, 2005.

WAGNER, A., Falcke, D., Silveira, L. M. B. O. & Mosmann, C. P. *A comunicação em famílias com filhos adolescents*. Psicologia em Estudo, 7(1), 75-80, 2002.

WAGNER, Adriana, FALCKE, Denise e MEZA, Eliane B. D. *Crenças e valores dos adolescentes acerca de família, casamento, separação e projetos de vida*. Psicologia: Reflexão e Crítica vol.10, nº. 1, p.155-167, Porto Alegre, 1997.

WAGNER, A.; FERREIRA, V.S. & RODRIGUES, M.I.M. *Estratégias educativas : Uma perspectiva entre pais e filhos*. Psicologia argumento, 16,37-46, 1998.

WAGNER, Adriana; PREDEBON, Juliana C; FALCKE, Denise; DOTTA, Renata M, GARCIA, Isadora S. *The family communication: na experience with adolescents in focus groups*. 33 (1) : 137-150, January-June 2002. Tab. Library Dante Moreira Leite.

WATZLAWICK, Paul, et al. *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo, Cultrix, 1985.

WEIL-HALPERN, Françoise. *Dis! Raconte moi mon Histoire Quel devenir pour les enfants seuls survivants d'une famille victime de l'infection par le VIH?*. Aná. Psicológica. [online]. vol.16, nº1 [citado 12 Janeiro 2010], p.115-125. 1998.

WEINBERG, Cybelle (org.). *Geração delivery: adolescer no mundo atual*. Sá editora: São Paulo, 2001.

WINNICOTT IN: DAVIS, M; WALLBRIDGE, D. *Uma introdução á obra de D. W. WINNICOTT*. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

ZANELLA, A V. *As Questões do mundo Contemporâneo e a Formação do Psicólogo*. Revista Psicologia Argumento. Ano XVII, número XXIV Abril, 1999.

8 ANEXOS

Gostaríamos de saber com que frequência você conversa com sua mãe, e/ou, com seu pai sobre alguns temas que aparecem no teu cotidiano. Para isso indique na escala a baixo, rodeando no número que caracterizava tua resposta. Por exemplo se consideras o “1 = não falas nunca sobre esse tema” como tua resposta, debes destacar na escala ao lado esse numero, isto tanto no que se refere a teu pai como a tua mãe.

- ☐ 1 **NUNCA**
- ☐ 2 **RARAMENTE**
- ☐ 3 **ALGUMAS VEZES**
- ☐ 4 **MUITAS VEZES**

COM TEU PAI, VOCE CONVERSA SOBRE:

1. De teus amigos(as)	1	2	3	4
2. Do que fazes quando estais fora de casa	1	2	3	4
3. De teus gostos e interesses(esportes, músicas...)	1	2	3	4
4. Das normas vividas em família (tarefas em casa, hora de chegar de noite, de dormir etc...)	1	2	3	4
5. De teus planos para o futuro (estudos, profissão ter filhos, etc...)	1	2	3	4
6. De sexualidade em geral	1	2	3	4
7. De teu comportamento sexual	1	2	3	4
8. De seus relacionamentos (paqueras, namorado(a), noivo(a).	1	2	3	4
9. De álcool e(ou) cigarro	1	2	3	4
10. De drogas	1	2	3	4
11. De política e problemas sócio-econômicos	1	2	3	4
12. De religião	1	2	3	4

COM TUA MÃE, VOCÊ CONVERSA SOBRE:

1. De teus amigos(as)	1	2	3	4
2. Do que fazes quando estais fora de casa	1	2	3	4
3. De teus gostos e interesses(esportes, músicas...)	1	2	3	4
4. Das normas vividas em família (tarefas em casa, hora de chegar de noite, de dormir etc...)	1	2	3	4
5. De teus planos para o futuro (estudos, profissão ter filhos, etc...)	1	2	3	4
6. De sexualidade em geral	1	2	3	4
7. De teu comportamento sexual	1	2	3	4
8. De seus relacionamentos (paqueras, namorado(a), noivo(a).	1	2	3	4
9. De álcool e(ou) cigarro	1	2	3	4
10. De drogas	1	2	3	4
11. De política e problemas sócio-econômicos	1	2	3	4
12. De religião	1	2	3	4

Considere os acontecimentos que aparecem na lista abaixo. Gostaríamos que nos indicasse a seguinte resposta. Para isso utiliza a escala ao lado:

1- MEUS PAIS É QUEM DECIDE.

2- MEUS PAIS E EU É QUEM DECIDIMOS;

3- EU DECIDO;

1. Sobre a hora de voltar para casa.	1	2	3
2. A respeito da ocupação do teu tempo livre.	1	2	3
3. O tempo que dedicas ao estudo e as notas que tiras.	1	2	3
4. Aos amigos com quem mais saís.	1	2	3
5. As relações que tens com outras pessoas (colegas, pessoas que te procuram se eles sabem e etc.)	1	2	3
6. Tua conduta sexual	1	2	3
7. Como você se veste ou fala	1	2	3

8. As tarefas de casa (limpar, organizar o quarto e etc.)	1	2	3
9. Sobre fumar e beber álcool	1	2	3
10. Uso de drogas (entorpecentes, maconhas, cola e etc.)	1	2	3
11. O local aonde vai quando saís de casa.	1	2	3
12. Em que gastas teu dinheiro.	1	2	3
13. Sobre política e economia.	1	2	3
14. Sobre a carreira ou profissão que preferes seguir.	1	2	3

Qual a importância da comunicação na família?

- ☐ **MUITO IMPORTANTE.**
- ☐ **NADA IMPORTANTE.**
- ☐ **MAIS OU MENOS IMPORTANTE.**

QUESTIONÁRIO SOCIAL-DEMOGRÁFICO

CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA. Para obter um perfil dos participantes deste estudo, pedimos-lhe que responda às seguintes perguntas:

Idade: _____ anos

Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino